

**UMA ETNO-EXPERIÊNCIA NA
COMUNICAÇÃO:
"ERA UMA VEZ ... ROSA MARIA"
Verenilde S. Pereira**

RESUMO

Esta dissertação é uma tentativa de salientar, através da linguagem literária, a condição de alguns índios que vivenciaram as complexidades do impacto do contato interétnico.

Através da interrogação feita por uma das personagens, a índia Laura Dimas - "e as outras, onde estão?" - direciona-se a trajetória de algumas índias desaldeadas. No texto existem duas narradoras; uma, questiona-se sobre o próprio ato da escrita. A outra, uma narradora oral, debate-se com a impossibilidade da apreensão do ser. Ambas, encontram-se envolvidas na temática relacionada à fusão de horizontes.

A narrativa etnicizada tem como base alguns problemas vivenciados pelos índios do alto Rio Negro - localizado no Amazonas nas fronteiras entre o Brasil, Venezuela e Colômbia - de onde foram tomadas algumas referências etnográficas. Entretanto, a situação de outros grupos indígenas do Brasil serviram de base ao texto.

ABSTRACT

This dissertation is an attempt to draw attention, through literary language, to the condition of some Indians who have lived the complexities of the impact of interethnic contact.

By way of the question posed by the Indian lady Laura Dimas "...and the others, where are they?", the trajectory of some Indians uprooted from their villages is followed.

In the text there are two story-tellers. One who questions herself about the act of writing itself, the other, an oral story-teller, questions the impossibility of apprehending the being. Both, however, are involved in the thematic of the fusion of horizons.

The ethnicizes narrative has as its foundation some problems lived by Indians of the Upper Rio Negro - situated in Amazonas, on the frontiers of Brazil with Venezuela and Colômbia - from where some ethnographic references were taken. However, the situation of other indigenous groups in Brazil served as a base for the narrative.

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Curso de Pós-
Graduação da Faculdade de Comunicação
da Universidade de Brasília. FAC-UnB.
Junho, 1995.

Banca:
Prof. Sérgio Dayrell Porto (orientador)
Profa. Clara de Andrade Alvim
Prof. Fernando Bastos
Prof. Luiz Humberto M. M. Pereira

Agradecimentos

Ao Professor Sérgio Dayrell Porto, por sua sensibilidade de escritor que me incentivou a escrever literatura.

À Professora Clara de Andrade Alvim, pela maneira cuidadosa e poética como fez suas observações durante a defesa deste trabalho.

Ao Professor Fernando Bastos, por sua sensibilidade e preocupações humanísticas. Pelo diálogo sobre este texto.

Ao Professor Luiz Humberto M. M. Pereira, pela maneira hábil como compreendeu a autora e se aproximou dos personagens desta narrativa, o que possibilitou seu resgate durante a defesa.

Agradeço a Inácio Loyola V. de Souza, pelo apoio administrativo.

Meus Agradecimentos aos colegas em geral e em especial aos amigos:

José Jorge de Carvalho e Rita Laura Segato, pelo apoio e carinho.

Fábio Castro - que joga com as palavras e também constrói histórias.

Denilson Lopes - Pelo leitura detalhada do texto e a valorosa sugestão de teorizá-lo pelo prisma da crítica literária.

Francisco de Assis M. da Costa - que ouve histórias de uma maneira muito especial. A Jane Damian, Miguel Mardero, Gérson Janczura, Ana Imaculada Ferraz, Carmém e Blanca Lazarte, Camilo Lorenzo Caiano, Jussara Grüber, Isabel Garcia, Tariana Pereira, Luana, Marisa Pessoa, Mita e Nilcinha, pela proximidade constante.

Agradeço a Renato e Claudionora Pereira.

Este trabalho não teria sido possível sem a participação de - Márcia Teresa Portela com quem conversei longa e detalhadamente

sobre o texto e seus personagens, o que me ajudou a captar seus sentidos e entender suas ações; e

- Stephen G. Baines sempre e intensamente presente.

A estes, meus agradecimentos pelo encorajamento nos momentos de desestímulo.

Este trabalho é dedicado à
memória da Índia Maria
Rita, que catava embalagens
vazias.

ÍNDICE

"Era uma vez...Rosa Maria"	Pág. 7
Memória da criação	Pág. 150
Bibliografia.....	Pág. 177

Sempre que me falam dele é como se o visse como num dia em que conversávamos e seu semblante me pareceu estar em pedaços, como refletido num espelho negligentemente estilhaçado. Eu ainda conseguia imaginá-lo com as faces perfeitas produzidas pela esperança sem tropeços de décadas passadas, embora, naquela manhã de 7 de junho de 1986, quando o bispo Dom Matias Lana tinha oficialmente 75 anos, seu rosto se mostrasse em indisfarçadas e impetuosas contrações. Muito poderia surgir do cansaço azulado dos seus olhos miúdos, inclusive, uma certa pureza de quem não se maculava com a desordem irracional de homens sujos e pecaminosos. Homens ditos tão estúpidos e primitivos que foi necessário aos missionários católicos registrarem em livros e publicações o resultado de um teste aplicado entre aqueles milhares de índios que deveriam ser cristianizados sob a proteção austera de Dom Matias Lana. A constatação dos testes, aplicados por um cientista italiano, foi a de que a inteligência de um daqueles adultos correspondia à de uma criança europeia na faixa de oito anos. Ou menos ainda.

Os missionários acreditaram convictamente que a parca inteligência daqueles índios impedia que superassem pequenos problemas cotidianos: cometiam erros na navegação, não sabiam prever ou sanar inconvenientes, não sabiam cortar uma árvore que dificultava a passagem de uma embarcação. E houve quem passasse longos anos de sua vida a catalogar o não saber. "Não sabiam", "não sabiam", "não sabiam"... os missionários achavam que aqueles povos sofriam de obtusidade intelectual e, assim vistos, desta maneira

também foram perdoados, escarnecidos, educados, explorados, odiados, desejados, sacramentados e, já que o amor é também algo tão estranho, é possível até que Dom Matias Lana os tenha amado.

Museus e bibliotecas expõem a obra dos missionários, onde uma selva primitiva guardava esses povos livres dos freios da razão, morosos para entender e obedecer ordens e incapazes de raciocínio ou abstração devido sua viscosidade mental. A pretensão de alguns autores era desvendar-lhes as almas, embora um deles haja profetizado os riscos de que poderiam sofrer a ingratidão e calúnia de malévolos ou de irresponsáveis. Há livros que permanecem assim; intocados pelos personagens que pisoteiam suas páginas, daí porque profecias dos autores sobre suas obras prosseguem apenas como profecias. Até que os personagens busquem-se nas suas linhas ou nos silêncios e não encontrem intimidade com suas deformações. E então, indomados pelo autor, ergam labaredas com suas páginas, labaredas imensas como as que eu vi à beira do rio, quando um ressuscitado pajé, com as pernas negras da tinta do genipapo, gritava no meio da noite que mentiras estavam sumindo - tomara que esses gravetos e esse aguardente aqui, esse que vou jogar, queime o olho desse mentiroso, que nunca mais ele diga o que nunca fui, como não quero ser, como essa índia aí espie, como essa índia não é.

E quanto mais as labaredas subiam soltando fagulhas pelos ares, mais os índios riam satisfeitos, escarnecendo das imagens em cinzas. O fogo aniquilava as índias desavergonhadas que viviam prostituídas nas aldeias agindo como as bacantes, levava embora os índios insensíveis que não choravam por um parente morto, fazia

desaparecer aqueles mentirosos e criminosos natos, impressos nas páginas em fogo como irresponsáveis, infantis e egoístas exacerbados. Através daqueles doze índios indomados e quase anônimos, concretizava-se, momentaneamente, a ingratidão dos personagens, profetizada pelo autor e, como num desafio, a potência da noite não foi capaz de tragar aquela fogueira ao redor da qual eles dormiram exaustos. Dormiram ouvindo o triturar do engano daquilo que seria eles mesmos.

Dormiram assim até a outra manhã, quando fui encontrar-me com Dom Matias Lana e onde a cotidianidade os trouxe novamente domados, pois o maltrapilho pajé, desacreditado pelos novos habitantes, teve que pedir inutilmente a um dos mercenários que invadiu o povoado: -

" não me olhe assim, eu agora sou outro, só fui bicho vagabundo até ontem, antes do fogo. É mentira o que o missionário disse de nós". Era Lauriano Navarro, o índio que horas antes havia sido um ressuscitado e vigoroso pajé. Agora, cambaleante, pedia para o mercenário acreditar que a mentira havia sumido, "olhe, olhe como a fogueira queimou". Mas, só recebeu um olhar de desdém e descrédito que engoliu inutilmente junto com um pedaço de pão seco, sua voz pastosa e o barulho de águas caindo na sua garganta.

Dom Matias transpirava de calor naqueles dias de junho e admitia um cansaço que o fazia esquecer o que falava, mudar de assunto repentinamente, confundir palavras, datas, esquecer, fugir. O bispo, que no início da década de 1950 havia chegado ali com toda a volúpia física e espiritual canalizada para introduzir a civilização e modernidade através do catolicismo, após tentativas

de várias missões anteriores que não conseguiram catequizar aqueles índios, estava cansado e esquecia. Cansado e esquecendo. Logo ele que, durante décadas, ao exercer o poder de criar e difundir pecados, realimentava-os continuamente, pois sempre tinha o que perdoar todos os dias. - "Dom Matias, lhe pesam os pecados criados e agora impossíveis de ser perdoados?" "Por que não lhe bastaram sequer os milhares de pecados oficialmente seculares"?. Ele parecia adivinhar minhas silenciosas perguntas e tentava lembrar-se exatamente onde me conhecera, embora aquela fosse a primeira vez em que nos encontrávamos. Ele esboçou um sorriso: Tem certeza que nunca passou por aqui, escondida como algumas embarcações?.

Lembro que ele pediu que lhe fossem feitas perguntas certas para respostas exatas pois sentia-se como um louco fácil de ficar aborrecido: "porque a minha cabeça, agora com 73, 74, 95 anos sei lá! ... começa a esquecer até os dias. Hoje, sábado, é 7. Não, é 8. Ou 17? Domingo, 8, missa... No meu carimbo, que dia é? No meu, o dia no meu ... , nem sei e carimbo sem saber...ah! ah!ah!". Ele riu e embora incrédulo, determinou que a data oficial daquele dia seria a que estivesse marcada no primeiro carimbo que suas mãos trêmulas pudessem encontrar, naquele emaranhado de papéis em sua mesa e gavetas abarrotadas de estatísticas amarelecidas dos batizados, casamentos, comunhões que impunha aos indígenas. Sacramentos, era esse o seu maior fetiche; a obsessão que ele anunciava resultar unicamente da generosidade cristã que necessitava, ainda com mais urgência, se espalhar naquela região ainda tão inóspita.

Continuava assim Dom Matias Lana, instituindo, agora, até um

tempo sem rigor, contrário ao que ele mesmo havia ensinado ardorosamente aos índios. E ainda com o poder aparente de perdoar até dona Laura Dimas que, por ser a vigésima da fila, esperou pacientemente pela confissão domingueira. Demorou muito para ajoelhar-se, esperava-se que não fosse mais capaz de inclinar seus ossos, até que conseguiu o gesto sem que ninguém mais a olhasse. E então, o que seriam os seus pecados, foram sussurrados numa tonalidade suficiente para que despertasse uma pesada curiosidade, intensificada pelo fato de que Dom Matias Lana dirigiu-se pacientemente para o altar e ela continuou ali, ajoelhada e contrita em sua possível entrega. Ainda sussurrando, não se sabia exatamente a quem mais, pois os sussurros desprendiam-se mas pareciam retornar a ela mesma.

Até que a levaram para um banco onde permaneceu durante toda a missa com o terço azul enrolado nos dedos encarquilhados. Ainda tentaram acordá-la quando o ritual exigia que os fiéis se ajoelhassem ou ficassem de pé, mas Laura Dimas, inflexível, causava tanto esforço para ser movida que todos desistiram. No momento da comunhão ela dormia serenamente com uma saliva que escorria para a ponta do seu queixo enrugado, enquanto alguém pensava se aquele líquido substitua os seus murmúrios recentes ou se era possível que insônias transitassem naquele sono tão profundo. Ela foi também a última a sair da igreja, usando um véu de rococó amarelecido e um vestido cor de rosa pregueado, era o modelo clássico que as freiras impuseram às índias.

Depois disso, a pergunta que lhe foi feita, e que tinha uma

lentidão aguda, era se ela havia confessado e sua resposta foi um inesperado suspiro. E foi assim também quando lhe perguntaram seguidamente seu nome e por três vezes seguidas ela repetiu dificultosamente "n-me? no-m? n-me?". Sempre suspirando, dona Laura Dimas começou a farejar o gravador pequeno como se quisesse cheirá-lo ou beijá-lo, e a gravação continuou com as perguntas: assistiu a missa, hein? E ela: "hein?"... "confessou ainda agora, hein?" E ela: "unh"... Até que os cachorros latiram ao redor e as crianças que assistiam à cena gritaram que era dona Laura Dimas, "aquela" que, apesar do tempo, não conseguira aprender corretamente o português. As crianças índias fizeram um círculo à sua volta e aconselhavam: É para falar, não para cheirar o gravador, dona Laura! Fale direito, fale direito... Isso é... gra-va-dor, não é hóstia. Fale em português vovó!. Fale em cristão!. Fale dona Laura:

- É esse seu nome? Laura Dimas?
- N-m-e. La-ú-...Lau!
- O que a senhora disse para Dom Matias?
- Dom Ma...ti. Mis... Ca-chor-... ah!.

Dona Laura Dimas suspirava ansiosamente querendo cheirar o gravador, objeto que ela parecia nunca ter visto. A mim, que deveria fazê-lo, era impossível descrever aquele suspiro vindo da sonoridade da língua materna amalgamado a um português irrisoriamente aprendido, sustentado numa velhice misteriosa carregando o simulacro de índia civilizada e pecadora. E que recebia de Dom Matias Lana o simulacro de um perdão que a mim parecia um tanto senil. Dona Laura Dimas havia dito o suficiente

para que se pudesse pensar que escrever histórias que se passavam às margens do Rio Negro, seriam sempre como explosões de rápidos, suspensos e inesgotáveis suspiros. Ela continuou sussurrando o que seria perdão, perdão, perdão. Perdão?.

Pendia do pescoço de Laura Dimas, a medalha de Nossa Senhora Auxiliadora no colar de plástico com miçangas coloridas, via-se as marcas dos enfeites aprofundadas nos seus braços e tornozelos, viam-se os índios espalharem-se pelas vinte ruelas do povoado, ou atravessando a praia para entrarem nas canoas e desafiar as águas como tranquilos bailarinos. Antônio Sávio e Mariana Aparecida passaram por ela, ainda mergulhada na porta já fechada da igreja; mas não se importaram, pois há muito tempo estavam acostumados a vê-la assim. Mariana Aparecida, com o ar recatado que o bispo tanto apreciava, ainda balançou negativamente a cabeça em sua direção, como havia passado a fazer desde muitos anos atrás, quando um medo rancoroso começou a invadi-la. Depois, a mestiça envolveu-se na distribuição de picolés aos netos pequenos que a rodeavam até que um moço alto de camisa xadrez azul subiu as escadas para chegar até onde estava Laura Dimas. Ele carregava, atrás das costas, os rostos ainda interrogadores lançados aos forasteiros.

O moço olhou para o corpo de Laura Dimas, buscando alguma fissura através da qual pudesse se aproximar, ultrapassando tempos, culturas, histórias. Vê aqueles nódulos de uma indianidade indelével espalhados nela e pensa se tais partículas estariam vivas ou quais teriam sido sepultadas para que ela ainda pudesse estar ali, com resíduos do passado interminável, com as catalogações

perenes do presente, com o ar suspenso do que viria preenchê-la ou esgotá-la ainda mais; preencher seus sussurros estraçalhados para um mundo que pouco a escutava. Sussurros pouco discernidos daquele turbilhão de cachoeiras que exortavam sua imagem parada e exposta para que cada um fizesse dela sua própria realidade e então afirmassem categoricamente que ela não fingia, que era real e legítima em todas as circunstâncias em que ali parecia estar, fingida e verdadeira em suas minúcias de fatos e histórias. Laura Dimas salpicada de séculos e misturando seus sussurros ao ronco dos aviões que agora pousavam mensalmente no povoado. Embora acompanhasse os índios que saíam em madrugadas e andavam horas para chegar na pista de pouso, ela nunca havia entrado em nenhum daqueles aparelhos, contentando-se em observar como os garotos e jovens, saíam do seu interior sorridentes e falantes.

Aviões passavam por sua cabeça carregando mercadorias e remédios para a missão. Solas de sapatos dos contrabandistas de ouro e cocaína preenchiam o ar. Voavam as botas dos soldados que ali chegavam para reforçar a soberania de um país com suas fronteiras delimitadas por decretos e bandeiras a se espalharem sobre pedras, nas cercanias das cachoeiras, na última árvore de tronco ressequido de uma fileira de seringueiras; marcos como os que fizeram os índios emaranharem-se na linha imaginária do Equador. Limites inseridos em prescrições e avisos que eles, quando surpreendidos, ficavam atarantados e custavam a obedecer, apesar de punidos quando os ultrapassavam.

* * *

Naquele domingo de missas e confissões o ronco de um bimotor fez Laura Dimas desgarrar-se da porta da igreja e levantar o olhar para o céu, inserindo-se na lógica dos novos espaços e terras; em seguida levantou também os braços que ficaram pendentes como o da ave num ritmo no qual não se discerne se levanta vôo ou se espatifará na terra. Muitas horas haviam se passado desde que o avião sumira e ela ainda caminhava da mesma forma, jogando aos pássaros seu rosto desnudo de prováveis máscaras. Jogando ao léu as frestas da sua penetrabilidade, embora fosse absolutamente autêntica para Dom Matias, que, quando a viu pela primeira vez, ficou tão impressionado com seus cílios extraordinariamente separados e muito caídos como cortinas semi-cerradas que, não se contendo, gritou rapidamente: "esta parece com ela, é igual a minha mãe, com certeza será a índia mais fiel"!).

Laura Dimas, autêntica para as fotografias de índios aculturados, de índios em processo de aculturação, de índios civilizados, dos índios sobreviventes, dos índios extintos. Seu rosto serviu de comprovação para o perigo e inutilidade de seus parentes terem demarcadas suas terras se eram meia dúzia de irracionais esqueléticos como "olhem essa aqui, vagando tonta em cima do ouro"!). Seus três netos, tensos, cabisbaixos, apertavam o nó da gravata, roíam as unhas e empostaram a voz para concordar com o político. Envergonharam-se dela, com sua franja mal cortada e seu vagar insípido. Os netos olharam o empresário, depois, dirigiram-se

ao jornalista:

- Essa é mau, atrapalha a modernidade.

- É, ainda acredita em pajé e feitiço.

- Não, ela acredita em Deus. No Deus cristão. O de Dom Matias.

- O certo é que atrapalha, disse um político, pois ajuda a desperdiçar riqueza. Atrapalha a vocês e ao faminto povo brasileiro!. Ela comprova que ainda existem índios naquela região.

Laura Dimas seguindo nuvens por onde passara um avião que a fez continuar caminhando com o pescoço jogado para trás, seguindo como se fosse verdadeira apenas para ela mesma. Laura Dimas com seus cabelos jogados sobre o espelho da mesa, entre índias sorridentes e nuas. Descubrem uma mancha no seu rosto e reclamam sobre a péssima qualidade das revelações e o desatino de se haver fotografado sem equipamento apropriado nos dias chuvosos daquela região. Dedos enfurecidos rasgam a foto manchada por aquela gota que não servia absolutamente para nada.

Naquele domingo quando seu rosto foi registrado, ela havia continuado a caminhar da mesma forma, devagar e sem tropeços, até entrar na mata carregando a universalidade terrível, plena, constrangedora, incômoda e triunfal de se necessitar da morte, a banalizada paralisia do coração, para que a existência seja completa. Eu, que anotei o horário em que o moço de camisa xadrez azul aproximou-se dela e começou a segui-la, eu que anotei o ano da construção da igreja e o número de livros que haviam sido queimados para que de uma fogueira incombátível sobrasse apenas uma fumaça

rasteira que se extinguia, achei que as nuvens eram molduras de rasgos luminosos de céu. E segui procurando quem soubesse algo sobre Maria Assunção Augusta, uma cabocla que algum dia vivera ali, contando histórias primitivas, como aconteceu até no momento em que se tornaria a mera assassina de Dom Matias Lana.

* * *

Quem mais sabia sobre Maria Assunção e como aconteceu o episódio disse que durante sua primeira noite na prisão ela não conseguiu ser suficientemente perspicaz e que havia permanecido ereta, sentada num banco, até que veio o atordoamento, após os guardas terem lhe oferecido um vasilhame dizendo que era apenas álcool mas, quando o líquido escorregou pelo seu pescoço e braços ela sentiu assustada o peso da urina desconhecida na pele. Eles estranharam que, apesar de ainda ter a força necessária, ela não começara a esmurrar as paredes, a gritar ou chorar alucinadamente, que era como faziam alguns índios, garimpeiros ou prostitutas, os bêbados em geral que berravam nas celas ao seu lado; embora, muitas pessoas, de acordo com suas próprias fantasias hajam escutado, dito, gritado, insistido ou escrito que foi exatamente desta maneira que ela reagiu.

Os guardas estranharam também que ela não tivesse simplesmente se encolhido num canto da cela, grunhindo como fez o índio Alvarenga Castro ou como tinha acontecido com um tal Severino Lopes. Ou que não tivesse simplesmente dormido com o cheiro de

urina desconhecida na pele, como já acontecera com um inocente preso por acaso, mas que havia passado tanto tempo encarcerado por esquecimento, que quando saiu de lá sequer conseguiu lembrar-se dessa tenra humilhação. Ela permaneceu tão impassível que os policiais acabaram lhe contando que pregavam aquela peça para quebrar a monotonia daquele lugar tão atrasado, pois tornava-se insuportável o mesmo barulho ensurdecedor das centenas de cachoeiras que circundavam todo o povoado e que os missionários denominaram com o nome de um santo: São Joaquim das Cachoeiras. Na verdade ela percebera remotamente que quando homens gargalhavam daquela maneira esbofeteando os índios e arrancando cabelo das mulheres, era melhor ficar daquela maneira, aparentemente impassível, sentada num banco.

Só quando não suportou mais ouvir o ronco dos garimpeiros e sentir o cheiro de cachaça, quando se viu sem nenhuma possibilidade concreta e eficaz de fuga, Maria Assunção achou melhor não sentir o peso do corpo de Catarino, o índio zelador da prisão, que perambulava nos hospícios de Miraflores e Manaus e que olhou para ela como olhava para a comida que engolia faminto, sem saber exatamente do que se tratava. O índio Catarino tinha os pés e as mãos imensos, frios e, seus olhos lacrimejavam como um animal capaz de estraçalhar lentamente sua presa utilizando um cuidado inconsciente e quase minucioso para que ela pudesse morrer sem grandes ferimentos. Como aprender a lidar com homens assim? Ou melhor, existem homens e mulheres capazes de momentos assim, foi o que ela ainda conseguiu pensar.

Quem mais soube dessa história conta que a cela havia ficado tão desmesuradamente escura e, talvez haja sido o medo que a fez delirar tanto, até que preferiu ver pétalas de rosas estourando do teto. Não eram poucas pétalas nem todas as pétalas do mundo. Eram mais que todas as pétalas existentes na terra passando ávidas pela sua retina em claridades minúsculas que pousavam como estampidos no chão. Ela as pisoteava tanto que o cheiro perfumou as paredes, atravessou as grades da cela e invadiu o povoado, salpicando os quadros centenários com olhos azuis pintados sem esmero da sala de visitas de Dom Matias Lana; o cheiro invadira a casa do delegado que dormira preocupado com ela... invadira a consciência da juíza cheia de caprichos que ordenara sua prisão porque ouvira falar e não suportou os temas de suas histórias. Mas a juíza virou-se comodamente na cama, achando que eram as cotidianas inconveniências comuns do calor excessivo e dos mosquitos dos trópicos. A consciência dos mosquitos zumbindo rondavam a cama daquela linda e sensual mulher, cheia de autoridade, poder e capacidade para torturar. Maria Assunção jamais a absorveria como personagem útil para suas histórias. A juíza arranhava pensamentos. Ela oferecia opções de suicídios e assassinatos. - "Quem não se conforma com o que vê pode ter uma rápida opção" e apontava, com as unhas longuíssimas e vermelhas, as águas vorazes daquele rio.

Conta-se que havia sido assim até que o velho órgão da Índia beata tocou desafinado a Ave-Maria e Dom Matias Lana, como era seu costume há mais de trinta anos, bateu o sino das seis horas para que o dia oficialmente começasse. É certo que Maria Assunção estava

sonâmbula, mas ouviu nitidamente as vozes conhecidas que foram vê-la encarcerada - reconheceu a lealdade em dona Laura Dimas, com seu costumeiro vestido cor de rosa e a mão esquerda levantada em sua direção, lhe oferecia um abano de palha, suspirando, suspirando como sempre. Muitos poderiam pensar que repetia seu misterioso perdão, porém, ela interrogava a Maria Assunção onde estavam, por onde andavam ou o que teria acontecido com aqueles rostos que não voltavam, que não estavam ali a seu lado, por que apenas o dela, por que apenas ela estava ali se, tantos viram, haviam partido tão juntos. A índia Laura Dimas, com sua pele lustrosa de tanto ressequimento, perguntava, perguntava, necessitada de um encontro de ancestrais.

Maria Assunção contou exatamente assim: depois disso, depois da música que ouvi no órgão, das badaladas e das visitas, eu comecei a varrer o chão de pétalas pisoteadas e então eu passei a mão pelos meus olhos que ardiam tanto que eu pensei que não fosse enxergar nunca mais... os guardas ficaram olhando como eu tentava enxugar o suor daquele monte de cabelo que eu ainda tinha e eu não conseguia porque ninguém consegue enxugar o suor de uma noite eterna. Mas eles a viram fazer uma trança enorme num gesto tão rápido e automático que até se admiraram como era possível que, daquela maneira, se pudesse fazer alguma coisa tão perfeita. Como se até aparências pudessem ser o algo que permanece intacto em circunstâncias assim. Eles não souberam que ela aprendera a arrumar-se daquele jeito exímio com as freiras que se irritavam quando ela demorava para acordar e entrava na missa sempre

atordoada, porque enquanto todas as índias internas já haviam tomado banho, ela continuava sob o mosquiteiro, moldando, lembrando, repetindo e contando-se primitivas histórias.

"Então eu vi aquele homem sujo no chão dormindo e eu achei que ele iria ser punido, eu ainda pedi aos guardas que o prendessem, mas quando vi que as botas estraçalhavam seu queixo, eu senti uma violenta compaixão e supliquei que os guardas não o matassem e por isso cuspi no rosto de um deles, eu cuspi com uma dor tão de dentro de mim que ele quase chorou. Cuspi com a força da criança que ainda vê limpidamente. Mas agora não, esta já não será uma história infantil". É que quando Maria Assunção viu o rosto de Catarino ele ainda estava salpicado de algumas pétalas (o rosto dele tinha as características exatas exigidas pelo coronel que havia estado na região e estabelecido como os índios deveriam ser: morenos, cabelos lisos, olhos puxados, estatura baixa ou mediana...) ela pensou que ele, por ser débil, merecia ser mais inocente e digno que os soldados que também o espancavam e que oficialmente representavam, diante deles e naquele momento, a lucidez, a superioridade, a racionalidade, a cultura mais elaborada, a hierarquia mais elevada, a civilização.

Depois, como não havia água na prisão, ela desceu com os guardas até a beira do rio e olhou intensamente para as correntes de ondas negríssimas, sabendo dos sigilosos perigos. Passou a acreditar equivocadamente que quando alguém consegue escapar de previsíveis mortes, acaba sempre reconhecendo o seu faro. Tocou-se, constatou que estava inteira e, com o coração febrilmente pulsando,

livrou-se como foi possível do cheiro daquela cela. Maria Assunção conseguiu acenar para os turistas que passavam em uma lancha, que a fotografaram e certamente terão visto apenas mais uma cabocla com o rosto pálido, que tinha sombrancelhas negras, espessas e reluzentes e que foi vista sentada numa pedra dando adeus, como era costume das mulheres do lugar.

As mulheres deste lugar esbanjam em adeus, cerram os braços quando desejam e correm com o coração na palma dos pés. O que é que há, por que tudo agora é contrário aqui?. Assim era o refrão inventado pelos novos habitantes do povoado e assim cantavam, desafinados, os turistas que passaram e não a viram como alguém pedindo socorro, que pedia pelo amor de Deus levem-me daqui!. Era como se as palavras - que depois também lhe saquearam fortuitamente - não estivessem mais na boca, e sim, num oco qualquer do corpo. Ela olhou tanto para o perigo das águas que nem percebeu que a secura em sua garganta era um sintoma de que também começara, lentamente, a morrer. Soube-se no povoado que Dom Matias Lana, ainda vivo naquele dia, soube chorar duramente por ela.

* * *

Essa atitude inédita do bispo sobreviveu por tanto tempo compacta na memória dos que vigiavam sua noite, que eu achei ser ele próprio, Dom Matias, quem poderia me dar informações mais precisas sobre a causa daquela prisão com tantas e variadas versões, colhidas, inclusive, em países distantes. Cheguei a pensar

que na realidade ela sequer existira e, Maria Assunção, não passava de um personagem fictício. Desses que, na última frase de um conto nos olham hesitantes, negando um fim consolável da história. Eu procurava um momento onde o bispo, tão entusiasmado em mostrar as contabilidades das doações e dos novos cristãos, pudesse ouvir minha pergunta, pois naquele momento ele era um ancião enjoado, insistindo em confirmar as verdades existentes naqueles papéis. Dom Matias tinha orgulho da quantidade de chaves que possuía cuidadosamente penduradas nos dois lados da porta lateral do seu gabinete, o que me causava admiração, pois eram chaves de tantos tamanhos e muitas tão enferrujadas que a curiosidade indagava se ele não confundia suas fechaduras, se não forçava portas erradas, se não corria o risco de se trancar num daqueles labirintos da missão e tornar-se um homem desaparecido para sempre.

Ele me contou da trajetória daquele pássaro colorido que, com seu bico alaranjado talhado com uma listra negra, produzia um canto com metamorfoses muito repentinas e capazes de surpreendê-lo sempre, apesar da ave estar com ele, naquele gabinete, desde que ali chegara. Como eu estava impregnada da história de Maria Assunção, não consegui mais escutá-lo, me concentrei na possibilidade de que ela pudesse aparecer subitamente naquela porta de madeira azul frente à mesa de Dom Matias, enfrentando aquele cenário com suas palavras desfalcadas. Tentei anotar detalhes intermináveis daquele lugar paradisíaco, pensando como um lugar assim podia conter histórias tão imperceptíveis a quem meramente passava pelo local. Observei as serras em diferentes formas como a

de uma mulher deitada com os seios empinados para o céu que os missionários denominaram de A Bela adormecida; ou, as alterações que o início da enchente do rio provocava na vida daquelas pessoas. Estas suportavam, naquelas noites, rajadas de ventos que impediam lamparinas e velas acesas enquanto traçados de relâmpagos percorriam paredes, chãos, cobertores, tetos, ou viravam ziguezagues em corpos descobertos, substituindo a fugacidade da lua. A lua, naquelas noites, era almas inconseqüentes que se introduziam em corpos, arregaçavam espaços nos espíritos, alteravam as veias das testas de rostos imobilizados e, depois, sumiam gargalhando, como se nada houvesse acontecido àqueles humanos.

- Dom Matias, o senhor conheceu uma mulher chamada Maria Assunção Augusta? Uma que partiu daqui ainda criança e no mês passado voltou, mas a juíza daqui...

- Não, não, eu não lembro. Há crianças que o povoado esquece rapidamente, elas somem com a primeira rajada dos ventos. A ventania está levando tudo por estas noites não é? Essa mulher eu não sei. Há milhares de Marias espalhadas ao longo deste rio. Quando cheguei eram poucas, muito poucas... posso lhe confirmar...

E então seus olhos piscaram por um tempo tão longo que preferi fazer de conta que não percebera; desconfiei de uma melancolia de saudade invadindo aquele cômodo que parecia tão escuro, apesar do janelão escancarado atrás dele, jorrando um sol acariciante. Ele preferiu responder à índia que apareceu na porta pedindo a correia para uma máquina de costura que ele lhe havia prometido, demorando minutos para desculpar-se e explicar-lhe como

eram fabricadas e difíceis de chegar à região. Ela perguntou sobre pílulas para malária, sobre remédios para verminose, sobre vitaminas e, assim, se passaram longos e pesados minutos e eu notei que ele gostaria de retê-la e que a índia havia estranhado tanta atenção por uma questão que ele costumava responder sem sequer erguer a cabeça.

- Não vá, não vá ainda, por favor. Espere, deixe que eu anote seu pedido. Traga esse papel quando voltar, para que eu saiba o que devo lhe entregar e o que lhe dizer. Seu nome é Maria de que?. A índia respondeu, pediu "dê-me a bênção Dom Matias" e percebi que seu choro de lágrimas secas não lavavam uma grande inquietação; até me pediu, num momento simplório, que por favor fosse desligado o gravador e que eu lhe interrogasse sobre questões nítidas e claras que ele mesmo me forneceria. Ensaíamos nossas perguntas exatas e respostas corretas, pigarreamos para lavarmos nossas inseguranças, medos e hesitações que atrapalham uma gravação perfeita e inquestionável: Dom Matias como foi o movimento espiritual da Prelazia nos últimos anos?.

E ele, um pouco mais eufórico, voltando à tona com seus dados estatísticos e esquecendo de repetir que ah, Maria Assunção, saia de mim, não me deixe viver além ou aquém disso... viver fora desta missão, moldar histórias pode ser perigoso e provocar estranhas marcas... me deixe assim, em fim de calma, porque agora não é mais tempo de se rasgar mapas ou fazer de conta que se perde bússolas. - Pois bem, em 1985 foram batizados 760 índios de um até seis anos e 372 após esta idade. Tivemos 280 casamentos, 102

mil e 800 comunhões, 422 eucaristias, 100 emulsão dos enfermos, 301 crismas...Das crianças batizadas 308 receberam o nome de Maria. Observe: Maria Etelvina, Maria Eugênia, Maria Bernadete, Maria da Esperança, Maria...

O bispo entregou-me cópia das estatísticas repetindo que a nenhuma mulher ele havia batizado com o nome que eu procurava. Respondia sem falar ou até mesmo sem lembrar o deslumbramento que Maria Assunção havia sentido quando chegou uma embarcação sem que ninguém estivesse esperando, num início de noite domingueira, quando as índias estavam sentadas num chão de tábuas limpíssimas catando piolhos e riam, esperando um temporal. Mas quem veio foi um estrangeiro que seria aquele que ela recordaria como sendo o primeiro a ter visto em toda a sua vida. Não o esperavam até porque o jacamim, anunciador da chegada de forasteiros voou silenciosamente entre os outros pássaros e araras que apesar de livres, não iam nunca embora daquele amplo galpão do cais do porto onde as missionárias ensinavam às índias os trabalhos manuais.

Houve o entusiasmo que a chegada de embarcações sempre provocava no povoado porque as surpresas estampadas nos rostos dos que voltavam ou apareciam pela primeira vez, estarrecidos pela quantidade de água, saciavam ansiedades acumuladas, embora sempre houvesse quem não retornava nunca. Por isso durante as partidas muitos sentiam calafrios nas tripas, peitos subiam e desciam rapidamente, lembranças passavam a ser sufocadas, iniciavam-se esquecimentos e saudades, respirações ficavam suspensas. Esperas amparavam-se na esperança de retornos e melancolias eram provocadas

por um certo nunca mais que impregnava as coisas e os homens e que os silêncios e as impossibilidades dos escritos guardam como pungentes, sensuais, dolorosos, deslumbrantes ou insaciáveis segredos.

Quando a embarcação pintada de verde e vermelho foi se aproximando naquele entardecer domingueiro, as índias deixaram cair os rolos de linhas e tubos de tintas amarelas, azuis, lilazes, matizadas, que coloriam naqueles tecidos brancos os estranhos desenhos que irmã Isabel fazia meticulosamente, como um Jesus de rosto comprido que deveria ser pintado com muita concentração e fervor para que os lábios fossem muito finos e não lembrassem outras cores que não fosse a do vinho tinto. Irmã Isabel ensinava, durante as aulas de bordado e costura, que as meninas deveriam amar aquela pátria abstrata e sem guerras, ensinava os exercícios diários e penosos das renúncias e passou, também, muito tempo ensinando que pintassem uma mulher com uma roupa muito escura que aparecia sempre com o perfil de uma ave e onde, no lugar de um bico, havia uma boca cerrada.

Um dia, um pouco antes de chegar aquela embarcação, Rosa Maria, num ímpeto incontrollável, começou espontaneamente a pintar uma minúscula e deformada borboleta que pousava no local do seio esquerdo sob aquele tecido sombrio. Irmã Isabel teve uma reação tão ríspida e inesperada com a índia, como se até frágeis e fragmentadas borboletas pudessem pesar naquele luto. O perfil desenhado a lápis tornou-se um crânio de pássaro ressequido e miúdo com poucas penas negras e, seu bico descarnado e mudo imobilizou a

mão de Maria Assunção que ficou sem poder mover os dedos com medo de esfaqueá-lo. O crânio foi entranhando na sua pele suada, ela sentiu a garganta com suas nervuras frágeis sumir na linha mais comprida da mão esquerda. Subitamente, perguntou se a freira já havia tido um bico de brasa. Irmã Isabel petrificou-se, levantou o crucifixo no peito e repetiu que as meninas rezassem pela saúde do papa, que amassem o Brasil, pátria soberana e justa onde todos viviam mergulhados em paz.

- Irmã, a senhora já viu uma bomba? A senhora está viva não é?

- Estou viva sim, Maria Assunção. Não vê?.

- Mas como sumiu o bico de brasa? Foi com a bomba?

- Não. Eu nunca vi uma explosão de bomba. Nunca vivi em um país com guerras, onde ouviu isso?. Agora baixe este braço e continue o trabalho. Não dê mau exemplo às índias, você é da missão.

- Mas como foi? Parece que eu vou saber, não vou?

- Talvez menina. Sim Maria Assunção, você parece que sim. Cuidado, a tinta está derramando, sua pintura pode estragar. Baixe o braço sim? Não altere o rosto de ninguém.

Maria Assunção temeu fechar os dedos e torcer de vez o pescoço do pássaro submergindo, sentiu um inteiro arrepio, seus ombros encolheram, seu corpo tremeu e ela esqueceu aquilo por longos anos.

* * *

Era bonito aquele desconhecido que chegava com sua pele

rosada e olhos inflamados de ter visto tantos mundos com suas calçadas sem fins inseridas nas histórias que ele ofereceria aos índios e aos missionários, tantas que, às vezes, ouvi-lo era correr riscos de se perder as certezas do povoado em que se vivia. Maria Assunção, Rosa Maria, Maria Rita e Maria índia o rodearam, ajudaram-no a carregar as mochilas que para elas pareciam imensas, como também era enigmática a máquina fotográfica, quando dela surgiam indecifráveis silhuetas. Viram quando ele entrou no gabinete de Dom Matias, naquele tempo ainda com as portas carregadas de chaves reluzentes, quando apertaram as mãos e começaram a falar naquela língua incompreensível para os índios, embora se pudesse imaginar o que ele anotava em sua caderneta, parecendo, a cada virar de páginas, que nelas algo excitava seus nervos, os pensamentos e delírios. A ebulição natural e excessiva, a própria vida, que, tão logo as meninas seriam obrigadas a estancar para que continuassem, ironicamente, vivendo.

Como se estivesse impetuosamente galopando, Maria Assunção colocou-se atrás da cabeça de Dom Matias, que a expulsou da sala ordenando que voltasse para o internato mas, já havia sido feita a única foto que ela tirou com ele, rindo escondida para aquele estrangeiro que sorriu para ela, gostando daquela travessura. As meninas iam aprendendo como aqueles estranhos gostavam de fotografar o leite que escorria das seringueiras, as vitórias régias, as samaumeiras e, com o tempo, sabiam identificar quem procurava as borboletas, os macacos, as tartarugas, as malocas. Identificavam outras procuras, embora naquela época não houvessem

aqueles homens com seus revólveres na cintura, como aquele gordo de pele muito corada, nem uma multidão de famintos que, também armados, estraçalhavam-se entre si e com os índios, em busca de gramas de ouro. Aquelas meninas ficaram hábeis em ensinar àqueles forasteiros que tirassem as botas e aprendessem a andar naquelas folhas úmidas para que seus pés não enchessem de bolhas; que não se assustassem com aquela algazarra pois eram apenas guaribas, ou com Lauriano Navarro, o índio que, também quando se aborrecia, imitava o barulho das cachoeiras.

Aquele estrangeiro era sereno quando lhes mostrava fotos de crianças holandesas e de uma mulher loira que sorria entre elas. Ele tinha sardas nos ombros e quando surgiu aquele sinal de tristeza no seu rosto, Maria Assunção sujou a mão direita de urucum e impregnou uma página do seu dicionário de capa preta. Ele riu contagiosamente com seus dentes tão brancos, folheou suas páginas e lhe repetiu, arrastadamente, após uma meticulosa procura: "cretina, cretina". Ela sabia mais ou menos o que isso significava, mas, ainda teria muito tempo para ouvir essa palavra, dita de maneiras tão diferentes, que preferiu ouvi-la sempre da maneira que ele a chamou daquela última e única vez.

Maria Assunção tinha certa idéia da imensidão do mundo, embora acreditasse que bastava entrar numa embarcação qualquer para se alcançar o lugar concreto de onde aqueles estranhos chegavam, medindo a terra, buscando as causas da negrura daquelas águas, aprendendo a sonoridade das línguas dos índios ou simplesmente contemplando, sem saber por que estavam ou como haviam chegado ali.

Muitos ficavam doentes e passavam semanas no fundo de uma rede tremendo do frio e febre provocados pela malária, alguns morriam nas quedas das cachoeiras, a maioria inchava das picadas dos insetos; só os missionários, naquele tempo, permaneciam suportando tudo aquilo. Outros chegavam, diziam que ali era o paraíso na terra - mas iam embora e, quase sempre, para nunca mais voltar.

Surgiam.

- Por que vieste?

- Vim porque sou vidente e necessito de quem crê no destino. Estes índios bobalhões daqui dão conta disso?.

- Vim correndo da seca naquelas bandas de lá do nordeste. Mas acho que aqui, vou morrer desse dilúvio. Fiquei sem saída.

- Por que viestes?

- Vim porque fiquei surdo na segunda guerra. Carreguei neve até cansar de ser mais um fugitivo de bombardeios. Disfarcei-me de padre, acostumei-me a isso. Aqui encontrei refúgio e esqueci meu medo do fuzilamento. Mas já que sou padre, vim pela fé.

- Eu vim porque aqui é o lugar mais belo e puro do planeta. Me enternecem os animais, o cheiro da mata, essas árvores gigantescas, essas pessoas que respiram o ar tão límpido e falam sempre nos tocando. Olhe esses peixes coloridos, olhe as cores das borboletas, olhe os desenhos mitológicos dos índios sobre as pedras, olhe, olhe...

Por que viestes?

- Eu vim para ser exatamente isto: o bispo Dom Matias Lana.

* * *

A mão do estrangeiro ainda locomovia-se pela sua cabeça quando ouviram o barulho de trovões e relâmpagos e naquele momento Dom Matias Lana já havia mandado que Lauriano Navarro a procurasse, pois sentia o mal-estar que sempre o atacava quando algo inesperado, como a chegada daquela embarcação, ocorria sem aviso prévio. Dom Matias sentia-se sonolento e, também inquieto, lembrava a si mesmo, andando pelos corredores: Para quem sabe sonhar, os sonhos são mais perfeitos e perigosos que a fatalidade. Maria Assunção caminhou despreocupada atrás de Lauriano Navarro mas, chegou ofegante no pátio da missão, brincara muito com aquele seu amigo, fazendo-se de animal quando pulava nos seus longuíssimos braços, enrolando-se em sua cintura ou pendurando-se em suas costas como se seus corpos se encravassem através de cordas de compreensões capazes de fazer esquecerem o tempo cronometrado de Dom Matias. Apesar de tudo, ela nunca mais tornou a vê-lo como ele também nunca soube o quanto custou para ela a tarde em que foi criança alegre e protegida quando fecharam os olhos, molharam-se na chuva de pétalas e ela aprendeu que na Holanda também existiam pastos verdes com vacas opulentas. Tão opulentas e mansas que guardavam ninhinhos em suas patas, deixavam que tartarugas desovassem em suas costas e quando entre elas Dom Matias desajeitadamente passava tentando livrar-se dos estrumes, anunciava, lívido: estas sim, são livres de pecados e culpas.

Maria Assunção havia se cansado de tanto beijar pacientemente

cada fio do cabelo daquele desconhecido que, naquele dia, a cobriu com um grave olhar quando ela começou a gritar olha a macaca! olha a macaca de boca aberta! olha o olho dela! olha a língua!. O animal a fitava de maneira vibrante e parecia que tudo havia ficado estático, exceto seus olhares, até que o animal balançou a cauda e Maria Assunção levantou o pé direito aumentando dilaceradamente aquele mal-estar, como se um perigo obscuro pairasse ao redor, algo muito nefasto que causou ao estrangeiro violenta apreensão. Ele sentiu momentaneamente que a macaca a atravessava lentamente, porque a menina demonstrou que havia ficado com dois buracos imensos no lugar dos olhos como se o animal tivesse levado sua visão e seguisse vendo o mundo com o acontecido naquele momento transpassado.

Michel, esse nome que por tanto tempo permaneceu esquecido para ela, pressentiu que Maria Assunção se abastecia do mundo incomensurável contido nas coisas mais diminutas e triviais e que engolia o sabor consistente dos seres efêmeros e fervilhantes. Mas ele, que havia viajado e visto tanto, sentia calafrios em aceitar esses contatos que poderiam, ironicamente, aumentar irredutivelmente a sua solidão, como havia acabado de comprovar ao seu redor. Dele, ela recebeu cartões postais e embora tivesse pedido insistentemente que o bispo lesse o oferecimento que Michel escrevera, ele não só negou-se a fazê-lo como também nunca mais lhe devolveu aquelas recordações materializadas que foram resgatadas por mim, que anoto tudo e sou a narradora fatal dessa história.

Eu ainda lembrava o episódio ao mesmo tempo em que tentava ouvir Dom Matias que ainda continuava a ler em voz alta mas cansada, suas estatísticas de comunhões e pecados. Pensei como uma brincadeira tão banal ocasionara tantas conseqüências para uma menina que parecia haver nascido de uma onda solitária daquele rio; que havia partido dali com três índias que para lá não regressaram nunca mais, enquanto ela haveria de sobreviver da mesma maneira em que pareceu ter sido gerada. E, ao acabar de matar Dom Matias, descobrir horrorizada o erro irremediável de que ele a temera no momento mais inadequado de suas vidas. "Não se teme por acaso, não se teme por acaso" repetia o bispo numa manhã em que entrou no refeitório para o desejejum e irmã Isabel, sempre silenciosa, percebeu em seu rosto liso com um nariz muito pequeno e perfilado, a certeza de que nenhum outro mundo, além daquela missão, seria melhor para ele. O bispo cruzou os braços sobre a toalha muito alva, pegou o bule esmaltado, olhou para os pães que irmã Isabel colocara num pequeno cesto e só falou quando o padre Günter apareceu para contar o que havia lido nas revistas que raramente chegavam do exterior.

- É incrível Dom Matias, mas é provável que logo logo os americanos cheguem à lua.

- Sim?.

- Sim, lógico!. Em poucos anos, sete, talvez. Pensado daqui tudo parece mais estupendo ainda. Mas é certo que acontecerá em breve.

- Isto quer dizer que o Deus se tornará ainda mais inacessível?.

Irmã Isabel percebeu que padre Günter havia ficado desapontado, procurava mais alguém para conversar sobre o assunto, até que o bispo o interrogou sobre quanto tempo levaria para que a região fosse atingida por tudo aquilo que ocorria à distância.

- Ainda não sabemos. Tudo ainda, é começo.

O padre tentou falar sobre ciência e aeronaves espaciais porém Dom Matias já fitava Laura Dimas que entrou descalça no refeitório com uma arara pendurada no braço. Ele levantou-se e saiu tocando nos ombros da índia, a única a quem permitia uma aproximação que às vezes estendia-se em caminhadas pelas redondezas da missão. O bispo sequer respondeu à ironia do padre Günter que ainda disse - "Pelo menos leve em conta a fantasia que os americanos nos oferecem". Depois, o padre também olhou para os pães, pensou como naquela manhã todos pareciam cada vez mais sozinhos, viu o rosto tão jovem de irmã Isabel, teve vontade de perguntar porque estava ali, mas para ele, saber sobre estas coisas naquela missão, já não importava muito.

A freira dirigiu-se para a horta onde as crianças a esperavam e pensava no que ouvira: americanos, astronautas, progresso, sonhos. Maria Assunção e Rosa Maria caminhavam de mãos dadas perto das plantações; as duas meninas sempre despertavam muito sua atenção. A freira lembrou dos perigos que correm aqueles que oferecem fantasias principalmente quando, ao não conseguirem conter as realidades que delas emergem, veêm dissolver-se os sonhos daqueles a quem justamente desejavam tornar possíveis sonhadores.

A freira observou que Maria Assunção e Rosa Maria tinham o rosto vermelho de muito sol.

* * *

Quando além de fazer anotações decidi-me a retomar do bispo o que havia pertencido a Maria Assunção, ainda consegui os restos de alguns cartões que Michel lhe enviara; já estavam então, com as gravuras quase totalmente imperceptíveis e palavras desgarradas como respirar, macacos, país, tempo, criança... criança... Soube que um dia, Michel fumava seu cachimbo lendo sobre navegações e quando alguém abriu o antigo dicionário e perguntou o que significava aquela mancha vermelha que lembrava uma pequena mão, ele, já grisalho, olhou pela janela admirando alguns detalhes de esculturas européias e respondeu que era uma recordação de criança que gostava muito de macacos. E fechou os olhos como alguém que lembra de algo... como se lembrasse de tudo. Visualizou seu rosto em uma criança que saltitava pela praça com um casaco de lã; lembrou sua língua esverdeada do hábito de mastigar folhas silvestres e dormiu tranquilamente estancado no tempo. Enquanto ela, já com os seios caídos, rejeitava a marca deixada por Catarino e, quando petrificada por sua ruidosa solidão, inventava histórias sobre cada partícula daquela cicatriz que tornou-se maior que ela, como o pássaro encravado era maior do que sua mão esquerda. Depois, olhavam-na e seu corpo estava liso novamente.

* * *

"Um dia eu mesma, Maria Assunção, que ainda não esquecera os assovios de Lauriano Navarro quando, ainda jovem, passava diariamente frente à missão para ir caçar, estava deitada num lençol florido e muito serena ouvindo a Voz Praiana, o alto falante do Mercado Municipal de Manaus, onde eram anunciados os avisos e recados do interior do Amazonas para aquela cidade. Eu vivia numa sala frente a uma barbearia muito antiga de um português, para onde ainda iam homens com os cabelos melados de brilhantina, com paletós brancos engomados e bengalas. Na época, quando estava em pleno funcionamento, eu gostava de olhar suas cadeiras, armários, bacias, escovas e aparelhos do início do século. Alguém sempre entrava ali fortuitamente e quando isso acontecia, logo aparecia na porta a tabuleta com o aviso "hoje não haverá atendimento".

O lugar era rusticamente bonito. Próximo dali, eu e Anamã montamos uma espécie de bazar onde colocamos painéis amazônicos com índias nuas flechando, lagos rodeados com garças, matas escandalosamente verdes, bizarros cipós, onças, raízes, caboclos com cobras enroladas nos braços e pescoço. Vivíamos com o que ganhávamos com aquele cenário, pois Anamã tinha o corpo e o rosto acessíveis para tudo e, sendo assim, posava diariamente para os turistas, podendo ser índio com tanga, soldado furioso, cigana sedentária, moça romântica com álbum de recordação, adolescente aplicada, pirata com cem olhos, mosca amarela.

Anamã era ágil e temperamental. Certa vez entrou na sala, com pressa: "Maria Assunção eu preciso de uma noiva para hoje à tarde"! . Só consegui aprontar a parte da frente da roupa porque se eu dissesse não, Anamã jurava vingança e, na verdade, eu gostava de ficar escolhendo cores dos botões, de alisar tecidos e fitas, encher seu corpo com quinquilharias enquanto ele repetia que estava virando um fidalgo. Naquele dia iria posar como uma noiva decepada e não reclamou, ao contrário dos seus instantes de fúria quando foi capaz de estraçalhar até com os dentes a roupa de bailarina que nem chegou a usar. Antes de sair Anamã olhou-se no espelho, não deixou que eu lhe passasse batom, disse-me apenas " Assunção minha querida, hoje não quero nada superficial". Beijou-me e não o encontrei nunca mais, assim como a ninguém interessou saber porque desde aquele dia, jamais haviam retirado a tabuleta pendurada na porta daquela barbearia, a partir de então, sempre sem ninguém.

Eu estava deitada, lembrando de Anamã, quando Alonso abriu a janela e comentei como era estranho que Manaus fosse uma cidade construída de costas para o Rio Negro, às margens do qual fora erguida. Havia cheiro de dia amanhecendo, os homens gritavam o que haviam pescado, as mulheres arrumavam seus tabuleiros que exalavam o cheiro forte de café com pupunhas e tapiocas, Alonso fumava muito e disse que havia sonhado com a história que eu havia lhe contado e que começava com uma mulher gorda que vivia debaixo de uma mangueira e dava comida às pombas. Às vezes, leves folhas permaneciam coladas no seu corpo por horas e horas sem que ela percebesse. Era uma história que eu havia feito tocando suas costas

que eram muito macias. Ele me beliscou para que eu acordasse de vez e me perguntou: o que é isso? e isso?. Eu molhei um dedo com cuspe e passei rapidamente no meu braço dizendo que era um arranhão de escada. Possuía o vício de agir assim sempre que alguém perguntava sobre aquelas marcas. Dizia que não era nada, mergulhada na vergonha de que me arrancassem a roupa em público apontando para o que estava em mim mas que era a marca deixada pelo outro.

Eu continuei repetindo a história daquela mulher que dava comida para as pombas mas ninguém compreendia porque os vôos eram tão rasteiros e rápidos como se elas fossem aves tontas e desequilibradas em seus circuitos nauseabundos.

Sobre aquele lençol eu olhava para um canto onde estavam os restos de fantasias que havia feito para Anamã - ele tinha a voz muito bonita e gostava de fazer shows onde apresentava-se como "a rainha do céu". Em certa época do ano uma multidão de turistas invadia o cais do porto manauara para assistir as festas de São Pedro, período em que Anamã cantava muito e posava várias vezes por dia. Ganhávamos muito dinheiro e, quando era assim, ele sumia até que voltasse sem nada e as poses comesçassem novamente. Foi num desses períodos de festa que conheci Pena Branca, alguém que me ouviu e perguntou: "Maria Assunção você aceita voltar àquele povoado no Rio Negro e contar uma história"?.

Eu estava com muita saudade de lá, com necessidade de olhar a missão que havia aumentado muito de tamanho, com necessidade de ver dona Laura Dimas, de ouvir Lauriano Navarro, de olhar Dom Matias Lana e perguntar: O senhor ainda lembra de mim? Parti daqui

muito criança. Teve medo?. Por quê?. Minha ansiedade de retorno era tanta que andando sozinha naquele cais manauara, olhava o rio e sonhava que mansamente ultrapassava aqueles milhares de quilômetros e chegava até lá, no povoado onde Laura Dimas continuava indo à beira do barranco e, pressentia que o vulto no meio do rio fosse eu, mas descobria o engano porque Maria Assunção não poderia passar tão sem mais ninguém - onde estavam as outras?. Lauriano Navarro, de quem eu lembrava também sentado, musculoso e calado preparando sua zarabatana e dardos para a caça, sentiu algo estranho naquela madrugada mas, foi incapaz de reconhecer-me daquela maneira, tão rígida para os ventos.

Quando Pena Branca foi nos visitar eu e Anamã enfeitamos aquela sala com muitas flores brancas, ficou tudo amplo e iluminado, fizemos licor de açaí, buriti e cupuaçu mas Pena Branca espirrou muito, dizendo que tinha alergia a pólen. Anamã disse-me em segredo que aquilo era mal sinal, sinal de azar. Eu brinquei. Disse-lhe que sentia inveja porque eu ia embora e ele ia ficar ali, comprando pão melado com açúcar e moscas daqueles vendedores que lentamente remavam. Mas Anamã foi embora antes de mim, com seu temperamento explosivo, terno, feroso. contei a Pena Branca a intuição de que eu ia ficar enterrada naquelas pedras de lá, mas ele respondeu: - Se isso acontecer eu dinamito as rochas. Até que a história apareça.

Não prevíamos aquela noite na cela quando o delegado garantiu que lá ninguém entraria e quando percebi Catarino a invadira em zigue-zague, embora pudesse ter voltado sem nada acontecer. Mas eu

mesma repeti seu nome para que ele me ouvisse e ajudasse a fugir e quando me vi, puxava seu cabelo dizendo que era eu, Maria Assunção, amiga de Lauriano Navarro e de Rosa Maria. Ele parecia nem ouvir, e eu mesma havia esquecido que antes da minha partida ele já estava daquele jeito, desorientado, sem que ninguém entendesse por que. Esqueci completamente da minha história, do contrário, não o teria chamado para que rompesse assim o seu silêncio.

Alonso tinha a pele muito macia, eu estava num lençol florido e terminei dizendo que as pombas não engoliam o milho porque tinham um buraco na garganta, feitos justamente para que voassem daquela maneira. Ele perguntou-me o por que e eu disse a ele que pensasse, "pense Alonso, pense, lembre. A história já foi contada".

* * *

O que acontecera entre Maria Assunção e aquele estrangeiro eram revelações que Dom Matias angustiadamente buscava e sempre lhe pareciam incompletas e mentirosas. Ele encolerizava-se ao ouvir que haviam olhado macacos, tocado as pedras e imaginado o que elas sentiam, que haviam tomado um banho de pétalas de rosas que ao bispo pareceu zombaria. Dom Matias permaneceu insistindo e o que mais? Ela não sabia como dizer, como nunca na vida aprenderia a responder perguntas assim. Até que gritou enfezada: - Sabe o que mais Dom Matias? eu pedi prá ele me levar embora, prá longe, bem longe do senhor Dom Matias...prá longe, bem longe, prá eu ficar olhando macacos e ficar tomando banho de chuva o tempo que quiser.

Ele sorriu sarcasticamente, que era o riso de quando sofria. Incomodava-o a capacidade inconsciente de Maria Assunção fazê-lo sofrer, de atormentá-lo com suas bobagens infantis e talvez abandoná-lo, como se deixa uma criança em sinuosidades desconhecidas daquele rio.

- Para que ir embora? Ela respondeu que desejava encontrar vacas holandesas. O bispo explicou-lhe, olhando-a fixamente, que logo haveriam pastos em algumas aldeias, assim como estradas, um hospital, escolas; muitas escolas.

- Mas eu quero as outras. As outras vacas.

- Você é daqui. É interna da missão.

- Mas eu quero ir.

- Para onde?

- Prá longe do senhor. Prá longe, entende? Lá, láaa... com as vacas holandesas. No outro mundo.

- Você também Maria Assunção?.

- Eu e as vacas.

Depois do distanciamento de Michel ela ainda teve tempo de observar o formato dos suores daqueles outros que vinham de tão longe e de quem ganhava páginas ilustradas com mapas, rodovias, aviões. Observou aquela mulher tão grande, com pés e pernas tão rosadas que olhava para os índios, ajeitava os óculos muito finos que caíam na ponta do nariz e dizia a uma outra: "mastigam, e é como se comessem". Lauriano Navarro riu, falando na língua materna: "ela é sem juízo, precisa ser amansada".

Dom Matias continuou exigindo a confissão impossível,

mostrava-lhe o cartão dizendo que ele, o holandês, já lhe havia confessado esse tudo! E ela tentava explicar que só tinham compreendido a necessidade daqueles rugidos de folhas profanando o silêncio. Ah, talvez faltasse isso - que Michel a havia fotografado agarrada com uma macaca, justamente aquela que havia transpassado seu olhar e, com o tempo, a sensação era que os pelos das duas haviam ficado tão eletricamente eriçados e atraídos que não se distinguia mais de que lado cada uma estava. Embora, anos depois, o animal estivesse catalogado em zoológico e fosse visto apenas como muito engraçado. Tão engraçado que alguns riam, a princípio olhando para a jaula. Depois, olhando-se uns aos outros até que, despercebidos, haviam tirado a roupa e gargalhavam das cócegas que faziam em si mesmos. Enquanto a macaca, catalogada, olhava-os enjaulada.

* * *

Quando ela partiu do povoado com as três outras crianças índias, o bispo respirou aliviado diante da decisão tomada de mandá-la embora tão imediatamente para que não houvesse tempo de se arrepender. Ou para que ela não o enlouquecesse ainda mais negando-lhe outros pecados dos quais não poderia penitenciar-se. Castigava-a pela mentira de não se sentir pecadora. No dia em que partiu, Dona Laura Dimas, que na época já tinha o costume de andar com o terço enrolado nos dedos, foi olhá-las no porto, acenando com

seus braços fortes. Maria Assunção não sentiu que a expulsavam dali. Excitada com a partida, apanhou de mal jeito a carta de recomendação que Dom Matias escrevera com o próprio punho no meio de uma noite inquieta quando teve sonhos confusos com a Itália e necessitou de um trago de vinho que, ao invés de acalmá-lo, obrigou-o a descer a escada em forma de caracol e empurrar a porta provocando aquele barulho noturno de chaves - o anúncio de sua passagem para o gabinete.

Entrou na salinha ao lado, inspecionando com uma minúscula lanterna, os armários com seus documentos. Depois, quando chegou no pátio externo da missão e seus olhos atravessaram o jardim e a cerca baixa de madeira feita por Lauriano Navarro e Antônio Sávio, ele não conseguiu distinguir à sua frente o que era noite ou o que era rio.

Não fosse aquela multidão de estrelas que recaiam sobre o seu rosto e poderiam denunciá-lo Dom Matias não teria hesitado em tocar o sino para que todos acordassem e ele não fosse tentado a ouvir o silêncio, mas voltasse a ser um bispo muito severo, absorvido com funções que lhe ocupariam cada segundo, quando punha Maria Assunção de castigo para que ela recontasse o número de cruzeiras vermelhas colocadas ao lado dos nomes dos índios batizados, como se ele fosse morrer no outro dia e tivesse de deixar um rio negro sem nenhum resíduo daquilo que havia sido antes de sua chegada.

E se Rosa Maria tivesse tido coragem, como sempre fazia, de atravessar o dormitório na ponta dos pés tentando evitar que as

tábuas rangessem e abrir uma daquelas janelas verdes que alteravam a lisura das paredes caiadas, se pudesse agüentar o sopro dos ventos que naquela noite balançavam as palmeiras e pareciam ter a força de deslocar a lua para o rosto de Dom Matias, ela o teria visto de pé, naquele pátio, usando um roupão branco e largo. Seu pensamento balançava sem apoio, como naqueles momentos em que o único amparo que se tem é a vertigem do próprio corpo em ritmo de queda. Queda...em ritmo de queda? Uma queda! O bispo, tão magro e alto, estava mergulhado num luar tão inclemente que era límpido seu rosto exageradamente fino e a boca com a cor do vinho tinto, como a de Jesus Cristo, ensinada por irmã Isabel. Ele entrou no salão de cerimônias, tentou inutilmente tocar velhas e populares canções italianas no piano que o acompanhava desde a infância, mas, só conseguiu serenidade quando executou, delirante, uma série de músicas sacras que sempre o fazia sobrepujar todos os outros sons que não tinha forças de ouvir. A sonoridade das músicas sacras o encorajava a não se remoer diante das decisões mais conflitantes como a que o havia feito abandonar a província italiana onde nascera e estar ali, temendo Maria Assunção, uma menina tão rude que não havia sequer trocado todos os dentes de leite. O bispo toca, seus dedos deslizam vibrantes e fazem tremular a galeria de fotos de todos os papas, ainda alguns bispos e governantes, espalhadas no pequeno salão com duas poltronas douradas e assentos de veludo vermelho. Os objetos, tão bem conservados pelas irmãs, davam a impressão de relíquias sagradas. Dom Matias Lana delira, seus dedos rebelam-se e ele nem percebe quando executa um soneto

que Maria Assunção sempre pedia que fosse tocado quando na missão haviam visitas ou cerimônias. Neste momento o bispo esquece suas mãos.

Normalmente, ele a considerava uma criança insuportável e, vendo-a falante entre as outras índias, sob o olhar constante das freiras, pensava - por que a temo? por que me deixa assim tão intranquilo?.

Ele voltou ao gabinete e acendeu impaciente o candeeiro que fez recender no ar o cheiro de querosene. Procurou o papel menos amassado, desencardido e sem o cheiro de naftalina, o que lhe tomou vários minutos, pois, a umidade do lugar atingia tudo e as baratas proliferavam nos caixotes que ali chegavam das regiões mais distantes e desconhecidas. E assim, enquanto crianças - o pavilhão dos garotos à esquerda separado ao das meninas pela pequena igreja - dormiam em lençóis alvíssimos, ele escreveu a carta de recomendação sobre Maria Assunção Augusta, ficando a cargo das irmãs as de Rosa Maria, Maria Rita e Maria Índia. Quando terminou, ouviu os assobios de Lauriano Navarro, que era então, um rapazote atravessando o que logo depois seria uma brancura alarmante de praia, para ir caçar com sua cadela preta e esquelética, como fazia todas as madrugadas. A cadela, naquele instante, parou de segui-lo, começou a farejar, rodopiava, sentindo o cheiro de segredos quebrados. Ela temeu aquele índio; ele a chamava mas ela latia contra ele como a loba afoita contra o mundo. Lauriano Navarro, considerado o maior caçador da região, acostumado a descobrir pegadas e sons encobertos, não compreendia mais o seu latido; ela

retraía-se, farejando sua solidão de cadela traída. Ele murmurou alguma coisa e continuou com seu cabelo arruivado, que o distinguia de todos os outros índios, a caminhar imitando na garganta, o barulho das águas caindo. Abundantes águas caindo, caindo, caindo.

* * *

Os instantes seguiram-se assim: Dom Matias Lana sabe que não poderá voltar a dormir, pois tem medo dos sonhos indomáveis que o arrastarão para uma realidade que não suporta perceber. Ele pensa, rigorosamente metódico, que é necessário subir vagarosamente a escada e descansar. Se possível, dormir; mas, não sonhar, porque quanto mais doces haviam sido seus últimos sonhos, mais atormentador havia sido acordar. Ele segura a testa, seus dedos agora, estão borrados de tinta e os olhos parecem ter diminuído, eles ficaram opacos - estão cansados de ser olhos de Dom Matias Lana. O bispo os massageia, os dedos arrastam-se até a boca onde movimentam-se descuidados e quase violentos pois ele não quer carícias. Ele resmunga: pior que alguns sonhos são os riscos de não conseguirmos esquecê-los nunca.

Quando cessam os assobios de Lauriano Navarro o bispo tenta mover os pés, enfiados em grossas meias de lã acinzentadas e nas alpergatas escuras que anualmente chegam e sofrem a inspeção detalhada de irmã Isabel. Ela verifica o alinhamento dos pares, a colocação das presilhas, a resistência do couro contra uma região de enchentes desesperadas. Irmã Isabel zelava minuciosamente para

impedir entraves no destino de Dom Matias. Devia ter um pouco mais de vinte anos quando começaram a vê-la concentrada e firme, segurando chumaços de algodão e limpando feridas; o corpo frágil ajudava a carregar pesadas padiolas, o avental sujava de sangue, ela aplicava injeções, realizava dolorosos curativos, suava como se a dor fosse nela mas, não mostrava cansaço ou odor. Espantosamente, nunca havia contraído nenhuma doença grave, não contraíra sequer as comuns moléstias tropicais.

Dom Matias Lana não pensa nela, continua comprimindo a boca - seus lábios dóem mas o bispo quase não sente. O abismo vai sumindo, Dom Matias começa a relaxar, fica exaltado: "a minha cronometria, como pude esquecer-me dela?". E percebe que já não é tão noite pois Lauriano Navarro já havia passado e então agradece - obrigado Senhor pela madrugada, pela manhã, obrigado pelo tempo, pelas horas, pelo dia, pela evolução do homem, pelo futuro, pela minha força...

O bispo levanta-se e anda muito devagar, a circulação das pernas continua quase inerte, pesada; seus cabelos de um castanho muito claro estão ainda mais desalinhados pela insensatez da ventania e, sobre seu roupão, alastraram-se dobras de tecido violentamente amassadas. Ele dirige-se solitário e triste até a área externa nos fundos da igreja, aproxima-se do sino e toca a primeira badalada, corajosa, tensa, profunda e decidida como pequenos movimentos destinados a provocar catástrofes. Agora Dom Matias hesita; ele pára, novamente fatigado, segurando a argola de bronze. A ventania pode acercar-se até desta indecisão e fazê-lo

levitar, suspenso, rodopiante, e as badaladas do sino, então, explodiriam serenas pelas mãos de um menino magro e leve que se deixa seduzir pela brincadeira de ser um corajoso bispo cristão.

Dom Matias está com a cabeça pendente sobre o ombro direito, ele não solta a argola de bronze mas, rende-se a um devaneio imprevisto e volta a ser o garoto vestido de marinheiro que olha a planície, os vales e as mulheres colhendo uvas com seus lenços coloridos na cabeça. Enquanto as espera, permanece envolvido com seus instrumentos da banda escolar.

É a isso que Dom Matias entrega-se: à lembrança de quando fazia dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó ... e as ovelhas respondiam si, lá, sol, fá, mi, ré dó, si ... até que a colheita acabava e as mulheres lhe ofereciam uvas. Esticavam seus aventais diante dele e perguntavam: "ainda aí Matias? Precisas correr para desenvolver o físico, desse jeito podes virar poeta ou maricas". E em casa os homens lhe diziam: "E para que uma Itália escoriada e miserável precisa de mais um poeta? Para que eles servem? Corra Matias, prepare-se para lidar com os fornos, com as máquinas das fábricas, com as armas. É disso que o país necessita depois de uma guerra. Poetas, ah...!". - Caso não consigas suportar viver assim Matias, procure o sacerdócio. Que lhe falta para isso?, replicavam as mulheres. Matias ouvia tudo olhando aquelas mãos ágeis e fortes que derramavam as gemas dos ovos sobre o trigo e fortemente comprimiam a massa para o pão. "Ouviu Matias?"; "acorda Matias, acorda garoto".

Mas agora ele está aqui, nesta madrugada de janeiro de 1956,

recordando-se do tambor com desenhos de gatos e elefantes, até assaltar-lhe novamente o perigo de tentar dormir; isso o leva a querer saber, a ansiosamente querer saber por que se pode viver até nos sonhos. "Senhor, por que se pode viver até nos sonhos se não podemos premeditá-los e nem corrigi-los?". Ele fica aborrecido com a intensidade do que o persegue, necessita mas não consegue sonhar que morre.

Longinqüamente, Mariana Aparecida ouve aquela primeira badalada mas o que a faz acordar é o susto de Antônio Sávio sacudindo a rede a seu lado, completamente desperto e atingido pelos terrores inocentes do bispo. Um medo rancoroso atravessa a mestiça que tenta fazer o marido dormir novamente mostrando pelas brechas da parede de paxiúba que ainda não podia ser manhã - Ouve Antônio Sávio? O latido da cachorra nem sumiu de vez. Sobra tempo prá dormir.

- Mas não é a cachorra de Lauriano, é outra.

- Mentira. É a dele mesmo.

- A de Lauriano não late desse jeito.

- Mas hoje sim. Hoje sim, eu sei. É latido de cadela deixando de acreditar. Eu sei, eu sei.

O índio jogou novamente a lanterna debaixo da rede, entretanto a contínua fuga de Dom Matias de um momento fatal impulsiona na madrugada do povoado mais duas badaladas que instigam Antônio Sávio a observar o céu ainda estrelado e sem indícios de chuva. É estranho que ainda não haja terminado a noite mas, se o sino tocou é porque já é dia e ele deve apressar-se para estar no

horário certo diante de Dom Matias Lana. Mariana Aparecida sabe que desta vez o marido poderá levantar-se de vez, apanhar a camiseta surrada sempre pendurada no punho da rede, vestir a calça de nylon listrada com vinco permanente, calçar umas alpergatas escorregadias que já ganhou gastas na missão, abrir a tampa dourada da loção ordinária guardada no fundo da mala, pentear-se olhando-se num pedaço de espelho que ainda deve ao regatão e ir embora quase correndo para voltar após as badaladas do final da tarde. Voltar e ficar repetindo ofegante, prolongando os detalhes, extasiado com tudo o que viu, com tudo o que tinha dito, com tudo o que havia feito irmã Isabel.

Ontem havia ficado repetindo: - Mariana, vi irmã Isabel passar roupa, um monte assim. O ferro era pesado, ela abanava, soprava muito, caía suor da testa dela mas ela não suava. Ela se sujou de carvão mas não se sujava, não sei explicar. Ela foi arrumando a roupa, bem dobradinha, tudo alvinho. Tinha roupa da missa, roupa do bispo, tudo limpinho. Ela ensinava, ensinava, mas as índias não aprendiam, sujavam tudo. Mariana, eu queria que tu fosses tu Mariana, mas que fosses igual a irmã Isabel, limpinha. E o índio havia comentado como a freira havia enterrado os pés no charco, sujado-se de mercúrio e lodo e mesmo após o susto com a camada gosmenta e esverdeada querendo sugá-la, havia chegado limpa para atender os doentes nas aldeias. Às vezes, quando um riacho enchia subitamente, irmã Isabel atrapalhava-se com o hábito comprido mas, mesmo encharcada, atendia os doentes com tanta presteza como se estivesse enxuta e agasalhada.

Mariana Aparecida lembra-se disso, treme do seu medo rancoroso e age contra as ressonâncias do que ouvira. Age para que Antônio Sávio se rebele contra os rumores da missão, contra aquela maneira dele ficar pedindo, cada dia mais submisso e maculado diante de Dom Matias. Ela recebe um pouco do frio nos lábios entreabertos, protege os seios até os bicos ficarem endurecidos e continua estimulando o ventre, o pescoço, e tudo o que for possível naquele ser que emerge para que possa atingi-lo impunemente. Fica pronta para receber Antônio Sávio, instiga-o e quando ele toca seus dedos já sente a umidade provocada pela vertigem do desejo.

É inútil ultrapassar o momento, Mariana Aparecida o cerca e ele começa a afundar, ele lentamente afunda naquela mulher que o leva a enterrar-se nela cada vez mais. Está terrivelmente lúcida prolongando o êxtase, retardando o orgasmo até que, vencidos, percam-se lá, no inatingível aonde vão, onde só eles sabem como chegam e como é transtornante e demorado retornar. Que essa demora vença Dom Matias: a mestiça acaricia Antônio Sávio jogado sobre ela como um touro desmaiado - um touro que ela luta para que não se renda à realidade invasora e massacrante da missão. Mariana Aparecida o olha com seu amor direto e profundo, toca aquele feixe de cabelo que sempre escorre por sua testa - mas ele intimida-se com a beleza que a mestiça retém nestes momentos. Ele não sabe o que falar, a intimidade de Mariana Aparecida sempre lhe é estranha, ela torna-se uma outra a quem não sabe mais o que dizer e por isso a beija, ele a acaricia demais, ele só pode segurá-la febrilmente roçando sua estranheza enquanto Dom Matias, alquebrado, prepara-se

para a dura rotina de um dia que amanheceu hesitante e interrompido.

O garoto que olhou planícies e parreiras, agora, ajoelha-se na grama, olha a revoada dos pássaros, observa que logo as serras estarão ainda mais nítidas, sente que tem fome, (Dom Matias sentia náuseas e muita fome), e então, cruza os braços forçando os ossos dos ombros e implora em direção ao sol que virá: Tempo, reduto de mim, larga-me, larga-me, larga-me!.

* * *

Rosa Maria era uma índia fisicamente muito forte e que havia quebrado a tranquilidade de uma noite quando acordou com o pesadelo onde o padre Geraldo aparecia com o rosto do demônio e, com a permissão das freiras, entrou no dormitório para arrancar-lhe uma sacolinha de pano, costurada pela sua avó, Laura Dimas. Nela estavam guardadas sementes de seringa, pedaços de fio do tucum, anéis de plástico e bugigangas ganhos na festa realizada no barracão coberto da missão, num dia em que Dom Matias sorria bastante, passava a mão na cabeça das crianças, elogiava as façanhas de Lauriano Navarro como caçador e apertava a mão dos índios que voltaram para as aldeias levando panelas, pacotes de bolachas, açúcar e sal.

Rosa Maria estava no meio da cama com a camisola idêntica que as freiras costuravam para as internas cuja única distinção eram as iniciais do novo nome cristão de cada uma. Ela chorava sem

conseguir parar, debatendo-se e misturando o bordado de suas iniciais - R.M - naquela poça de líquido sutilmente denunciador. Passou assim quase toda aquela manhã, recebendo os olhares das índias que subiam alternadamente para que vissem e aprendessem através daquele castigo que não deveriam acordar à noite causando incômodos e, muito menos, ofender os padres que para salvá-los da barbárie e dos massacres, haviam abandonado pátrias e famílias, arriscando, diariamente, suas próprias vidas numa região onde os crimes podiam ser escondidos até pela lassidão.

Maria Assunção, naquela manhã, ficou muito tempo ao lado de Rosa Maria, observando como era singular seu rosto muito redondo de lua cheia e como isso realçava a estranheza dos seus olhos e da sua boca que pareciam traços horizontais quase imperceptíveis. A índia tentava esconder aquela urina e o jogo entre as duas transformou aquele resto de pesadelo no formato de um animal que tinha penas coloridas e elas riam agarradas naqueles lencóis, desarrumando o mosquiteiro com as asas que rompiam o teto azul. - Rosa Maria índia mijona, olhe esse vôo assim...dá coceira na barriga!. E aquela boca esticava-se até se transformar numa linha ainda mais reta que ultrapassou de longe as bochechas - a cama molhada era resultado de tanto rirem porque um mundo assim, com aquele perfil, era realmente muito divertido e encantador.

Mas na hora do almoço, com o olhar abatido e arroxeadado, ela dava repentinas convulsões que não culminavam em risadas, mas sempre num romper de choros, momentos nos quais agarrava com mais força a sacolinha costurada com pontos enormes e mal alinhados. Não

sabia o que responder, exceto agarrar violentamente as alças encardidas quando irmã Maria José, que coordenava as missionárias naquela missão, perguntava se estava arrependida do que fizera, e apontava para a sacolinha, chamando-a de criança mentirosa e pronta para um destino de infernos sem escapatórias.

Antes de partir do Rio Negro, Rosa Maria ficou sentada ao lado de Laura Dimas que forçava a mão sob o queixo esquerdo e olhava ora para o rio ora para as duas fivelas que escorriam pelo seu cabelo. A índia parecia sonâmbula descendo passiva o barranco a caminho do lugar onde iria ser educada, onde aprenderia a respeitar os padres, a não urinar na cama, a falar bem o português, a dizer corretamente Rosa Maria, que ela tanto demorava a pronunciar; a ser, enfim, boa menina civilizada. Ela não esperneava como aconteceu quando os padres a levaram para a missão, onde sentia constantes febres quando não conseguia comer no rígido horário, quando trocava o português por frases soltas em latim, como era muito comum os índios fazerem na época. Maria Assunção pressentia que a índia deveria aprender a contar histórias de maneira comumente inteligível, o que Rosa Maria nunca conseguiu.

Laura Dimas arrumou a medalha de uma santa pendurada num cordão preto que Rosa Maria usava e, então, ela começou a ir embora com um vestido branco muito solto e comprido porque naquela época, costumavam andar como espantalhos, com roupas muito desproporcionais que eram doadas junto com sapatos que as faziam tombar e causar gargalhadas em alguns que por lá passavam. Laura Dimas não olhou Maria Assunção até levantar-se e imediatamente

cruzar as mãos no lugar do sexo, exatamente como havia feito anos antes, quando os missionários a sobressaltaram em sua fuga pelas matas para tomar banho nua e sozinha, enquanto o vestido que não trocava durante meses, ficava pendurado num toco de pau. A mesma posição automática e comum que as mulheres em geral adotaram diante da chegada de estranhos.

Maria Assunção chamou-a, de início mudamente, venha também, desça, desça desse barranco. Vem, se ficares aí é como minha mão arrancando meu coração que não pára mais. As cordas repuxam, entram e saem, minha mão não consegue mais deixá-lo sossegado dentro de mim. Depois gritou, venha Laura Dimas, desça. Desça avó!. Mas ela não ultrapassou o grupo de índios, muitos com aquele frio nas tripas, que foram ao porto olhar mais aquela partida, limitando-se a ficar encostada numa placa de madeira denominando o nome e a extensão da área sob os domínios da missão. E só então Laura Dimas estagnou sobre Maria Assunção o seu olhar livre do desejo de ir. Abanou as mãos e foi recuando naquele grupo onde uma criança com uma saia muito comprida carregava outra criança que não foi possível a Maria Assunção perceber para onde olhava.

Dom Matias avisou que ela dobrasse direito aquela carta para que não a perdesse ou amassasse naquela desorganização que existia no interior das embarcações. Deu-lhe a bênção, com insuspeitável carinho, aconselhou-a para que deixasse de ser tão animalesca e tivesse bons modos, que não esquecesse de fazer sua trança, o que evitaria, inclusive, que ela passasse piolhos para as outras crianças. Imediatamente desejou que Maria Assunção fosse feliz mas

não pediu que um dia ela retornasse.

Ela ainda beijou sua mão com um sangue quente correndo nas veias e sua boca tocou o ramo de oliveiras incrustado no anel que havia pertencido ao papa Leão XIII e que, durante uma solenidade, havia sido repassado a Dom Matias, transbordando dos místicos segredos clericais. Ele repeliu-a, ordenou que se alojasse para a viagem - a menina não teve tempo de dizer que sentia um frio intenso, como uma falta antecipada. - "Venha Dom Matias. Lá tem vacas". - "Assunção, as freiras lhe esperam. Siga menina".

E assim Maria Assunção adormeceu no colo de uma cabocla como se fosse a índia Laura Dimas que, na verdade, não havia descido daquele barranco para onde voltaria todas as semanas junto com índios, índias, avós, primos, irmãos, padrinhos, que avançavam perguntando dos que chegavam se haviam visto Maria de Nazaré que nunca mais mandara notícias, onde estava Maria de Lurdes, se havia acabado os estudos; onde estava Maria Inês que havia ido embora a oito anos com duas pulseiras de plástico, uma amarela e outra azul; onde estava Maria Etelvina, se era verdade que havia morrido; se haviam visto Maria do Rosário que tinha ido tão bonita e agora com o rosto retalhado, tinha vergonha de voltar; se Maria Bernadete havia casado com um comerciante e se outras Marias envergonhavam-se deles. Mas sempre perguntando onde estavam, o que fazer para que voltassem, por que não vinham?.

Uns subiam o barranco com fotos de índias com cabelos pintados de loiro, outros com cartas para que esperassem mais um pouco, "até quando eu puder". Tantos e tantos outros com aquele

frio no estômago até a próxima semana, até o próximo mês, até o próximo ano, até como se fosse para sempre, como Laura Dimas.

* * *

Atingida por aquela noite do bispo, Maria Assunção zelava aquele pedaço de papel onde era exposta como uma criança de má índole e capaz das mais ardilosas mentiras quando interrogada sobre o episódio com Michel. O bispo foi sincero: não sabiam com certeza sua origem pois vivera rio abaixo rio acima com um caboclo que havia perdido uma perna em consequência de uma picada de cobra e era amasiado com uma índia velha certamente do outro lado da fronteira. A índia usava os cabelos muito longos e sacudia muito o peito para rir em gargalhadas debochadas que Dom Matias preferiu definir como "risos escandalosos e crus". O caboclo a chamava simplesmente de traidora porque acreditava que estava no sangue dos índios o hábito de trair, já que ele mesmo, seringueiro e contrabandista de peles, vinha se salvando de emboscadas a algum tempo.

"Pelo que as religiosas ouviram, a mãe era uma mulata magra que tinha os dentes muito bons. Chegou com Maria Assunção ainda recém-nascida nos braços jurando que era neta do casal e eles por intuição acreditaram. Disseram a irmã Maria José que a trataram como uma neta verdadeira; entretanto, imediatamente aceitaram que as religiosas a trouxesse para a missão. Não demonstraram sequer paciência em ouvir suas explicações. Não fossem as freiras, seu

destino seria prejudicado por aqueles dois irresponsáveis pagãos". E o bispo assegurava que apesar dos seus defeitos ela gostava de soletrar pedaços de histórias que eram deixadas por acaso na missão e pedia aos visitantes qualquer livro ilustrado, sendo necessário, por isso, que vigiassem suas leituras; afirmava que escancarava gaiolas e que as freiras desconfiavam que ela muitas vezes as odiava, principalmente quando a encontravam fingindo orar diante das imagens sagradas, ou quando agia como no dia em que Rosa Maria foi devidamente castigada e ela vomitou escandalosamente na hora do almoço, diante de todos e de uma maneira que parecia proposital porque enviava olhares furiosos a irmã Maria José.

Elogiava-a já que, apesar de tudo, tinha sido de muita serventia porque não aprendera a falar muito bem a língua dos índios e isso era um trabalho a menos para os missionários. Dom Matias concluía dizendo que às vezes até ele gostava de ouvir suas invencionices e já que ela era assim, talvez servisse para ser babá acalentando crianças com lendas que eles, na verdade, suavam para que os índios esquecessem e deixassem de acreditar. Lendas e mitos que os padres, desesperados, achavam que fossem pueris e absurdas por viverem, aqueles idólatras, num ambiente de solidão magestosa quase esmagadora. Muitos índios lembravam que o bispo a chamava para ouvir suas histórias quando lembranças desconhecidas perturbavam sua calma.

* * *

Aportaram em Manaus, cidade cheia dos resquícios inteiros daquilo que havia espantado o naturalista inglês Alfred Russel Wallace que, em 1849, ao passar por lá, registrou como era desagradável percorrê-la à noite, devido os altos e baixos de seu terreno irregular, cortado por igarapés e pontes. Estavam lá, entre os restos de muralhas de quando a cidade era apenas uma fortaleza contra os invasores, a quantidade imensa de urubus que tanto havia espantado o francês August Biard, assim como a outros viajantes, cronistas e cientistas, que desesperaram-se pela forma como a população da região movia-se no tempo, criticando o fato de que cada habitante parecia dispor de 48 horas por dia.

Estavam atordoadas, havia muito pouca luz e tudo era capaz de surpreender Maria Assunção, inclusive a mulher em roupa de seda e chapéu florido que tentava ultrapassar a poça d'água com seu sapato de veludo parecendo um pedaço gasto de lua. A mulher, que tinha 30 anos e parecia gostar de jogos humanos e do cheiro de línguas insanas, continuou passando pela multidão, sem perceber os estragos recentes em sua roupa e os braços que ficaram salpicados. Seus passos aumentavam de velocidade cada vez mais, ela começou a caminhar quase correndo como se quisesse salvar a miragem de uma cigana metafísica que se distanciava dela a cada passo. Foi necessário que alguns a chamassem repetidamente, entre a multidão, onde estavam homens que ficavam com os corpos enegrecidos dos sacos com carvão que carregavam nas costas e outros com tabuleiros de peixes e vísceras sobre a cabeça. Então ela parou exausta, enquanto outros observavam como as palavras escorriam sem diplomacia pela

sua boca, articulando, entre rápidas paradas de risos suaves, trechos soltos sobre "nós e nossos símbolos, nossos projetos e arquiteturas voláteis em meio a um presente fatal"¹.

Aquela mulher apertou a testa como se tentasse recuperar um esquecimento impossível, pediu docemente que tivessem paciência, que a desculpassem pelas frases que não acompanham os gestos, e sobre o "aprender com o dolorido dos códigos incompreensíveis"². Ela reconhecia na multidão quem ternamente aceitaria seus hálitos após longos desaparecimentos e assim, começou a jogar tochas e mais folhas de papéis com palavras escritas, com frases soltas que se espalhavam pelo chão daquele mercado, despertando um silêncio tão inócuo que só foi quebrado quando ela ia levemente sumindo e Rodolfo, o açougueiro mais rápido e eficaz, paralisou no ar o seu facão e gritou para que ela não desaparecesse, que não sumisse completamente. O que não foi mais possível acontecer.

Do episódio muitos recordariam que ela repetia, enquanto tentavam sugar o que restava de sua saliva, que "escrever também era sangrar, também era sangrar, também era... sangrar"³ Maria Assunção estava tonta da viagem.

* * *

Irmã Isabel estava convencida que o mal estar das meninas era

¹ Trecho de correspondência da poeta Letícia Santos.

² Trecho da poeta Letícia Santos.

³ Trecho da poeta Letícia Santos.

consequência dos enjoos normais das primeiras viagens. Maria Assunção apertava energicamente a mão direita e esmurrava a esquerda dizendo que sentia zunidos de tudo aquilo. Vomitava, enquanto a freira empurrava colheradas de um mingau consistente feito às pressas que ela devolvia seguidamente, até que causou justificada irritação quando passou a responder a tudo com o dedo indicador que ora fazia rodopiar rapidamente, ora fazia um traço horizontal que passava acelerado perto do nariz de irmã Isabel, ora apontava velozmente para o objeto mais insípido que podia ser um camburão de querosene, aquela casca de laranja que passava na água e ia parar não se sabia aonde, ou aquele lado de sapato esquerdo, preto e esbugalhado com a sola para cima, boiando, vindo não se sabia de que pé.

Irmã Maria José, intervindo naquele diálogo que lhe parecia sem sentido, puxou-lhe fortemente as orelhas e, com sua voz potente, discursava que nada de excepcional acontecia, exceto vertigens da viagem e um amanhecer naquela província atrasada onde ainda se viam perambulações de índios desaldeados, nordestinos miseráveis e negros que vendiam água nas casas. O lugar não escondia os escombros dos chalés deixados pelas mulheres que ali viveram suando em pesados vestidos europeus e davam ataques coléricos quando não eram chamadas de madames.

As fachadas dos cabarés abrigavam lembranças imponentes das prostitutas que atravessaram o Atlântico para dar substância aos delírios dos coronéis da borracha empenhados em ajudar a construir uma Europa em plena selva. Delírios que serviram de reforço para

que a província fosse interpretada como sem história e sem destino como também eram considerados sem futuro os ex-seringueiros miseráveis que espalhavam-se atônitos e fracassados desnudando uma cultura cenográfica. Diziam que Manaus era nervosa pela transformação abrupta de aldeia a "cidade européia", onde a burguesia cabocla ainda tentava imitar o gesto dos europeus que haviam administrado a construção do cais do porto, os serviços de telefonia, alfândega, saneamento e transporte.

Esses delírios permitiram aos caboclos olharem boquiabertos o desfile de prostitutas importadas lutando contra o calor excessivo que diluía suas maquiagens. A umidade e o suor provocavam estrias que exibiam a cor alterada da pele.

Irmã Isabel parecia imune ao cenário onde chegavam. Ela perguntava, de início pacientemente: - Diga Maria Assunção, o que você esmurra? - Tudo.

- Tudo o quê? - Tudo.

- Tudo mesmo? - Tudo. Tudo isso.

- Tudo isso o que?. - Tudo isso! Isso! isso! isso!.. Será que a senhora é cega?.

A freira não se conteve e concluiu que ela necessitava de mais tratamento contra verminose, como Dom Matias constantemente alertava. Dom Matias sempre com muita razão em tudo o que dizia. Sempre tão firme, tão exato, tão sem equívocos. Dom Matias, para ela, sempre tão sensato. A freira tocou-lhe a barriga, esfregou energicamente os dedos sobre seus pulsos, sempre perguntando: Dói aqui? - Dói.

- Aqui também?
- Também. A freira percorrendo-lhe o corpo quase inteiro.
- Então dói tudo?. - Dói.
- Dor mesmo?.- Não.
- Então o que é?. - É dor mas não agonia de dor de dente.
- Então como é? - Então fica como dor de dente mesmo. Quando vai passando e volta.

Foram chegando quando um homem erguia o braço fazendo uma força enorme como se seus ossos fossem punhados de pedras mesmo que ele segurasse apenas um filhote de sardinha que não pesava sequer duzentas gramas mas que era o resultado de uma noite inteira no sereno. Ele exibia a pesca chorando corajosamente como um bebê, enquanto mulheres e homens que o viam gritavam que ele era um maricas! um covarde! um inseguro e fraco pescador que não conseguia amedrontar sequer alma esmigalhada. Margarida apareceu na multidão com algo que parecia um tomate e jogou-lhe no rosto chamando-o de fraco! criminoso! estúpido! Aquele vôo que atingiu o seu sentir incomensurável e fez com que sementes escorressem pelo seu rosto suado, denunciava que ele não seria nunca mais um homem sem fragmentos, embora momentâneos, daquela mulher desconhecida e efêmera em sua vida.

Margarida voltou para sua banca de verduras, rasgou um pedaço de jornal ainda resmungando, atendeu os fregueses e voltou para casa ao cair da tarde; lavou os pés inchados, dormiu e sonhou que haviam pombas em todas as canoas impedindo que pessoas atravessassem um rio. Dias depois encontrou o homem, lembrava-se

vagamente daquele rosto, disse-lhe "bom dia freguês" e nem sabia que o havia agredido porque entre a pele e a carne do seu rosto haviam milhares de sementes soterradas.

Ele pensou: como ela é irônica. Ela pensou: como ele é bruto. Mas sorriu feliz, brincando com uma bala de canela que lhe refrescava a boca.

Maria Assunção chegava à cidade de Manaus como se abrisse uma janela e lá fora houvesse um nevoeiro, sendo necessário dispersar aquelas brumas com as mãos, abrindo caminhos, como se nadasse no espaço. Eu, que anoto tudo e que a fotografei ininterruptamente durante os poucos instantes que estive com ela e quando já não lhe era possível recordar estes detalhes, eu que gravei sua voz como uma documentação plausível das exigências racionais, confesso que ao tentar narrá-la, como agora, sua imagem se decompõe à minha frente; que é impossível reestruturá-la além da perfeição de suas intocáveis tranças. Ao tentar essa composição, o som do esfacelamento sobrepuja o da solidez e, a cada tentativa para isso, tudo se estraçalha novamente. Lembro perfeitamente que não deixara de acreditar em chuvas de pétalas de rosas. Achava que isso a salvaria sempre.

* * *

Brincaram durante a viagem sentindo nas entranhas a movimentação daqueles seguidos banzeiros em águas tempestuosas ou tão tranqüilas como se viver fosse um deslizar lento de embarcação.

Rosa Maria buscava apoio em algo que não fosse apenas a mão de irmã Maria José obrigando-a a ficar ainda mais paralisada. Acocorou-se agarrando a sacolinha que trouxera enquanto ao seu redor o mundo rodopiava com seus pedaços de saias daquela imensidão de mulheres, fiapos de cabelos, o vômito de outros estonteados, o dente de ouro do homem que gargalhava, o riso do garoto divertindo-se daquilo tudo, a mão retirada de outra estendida em súplicas, os gestos de quem tentava o amor em cabines públicas. Irmã Isabel não se perdia no meio daquele mundo com seus perigos de naufrágios deliciosos e sem retornos.

As meninas embaralhavam-se umas às outras, Maria Rita perguntava: - Assunção, e a vaca holandesa? - Já vai aparecer.

- Aonde? - Quando chegar.

- Falta muito? - Não.

- A vaca fala? - Fala muito.

- O que? - Maria Rita, Maria índia, Rosa Maria, irmã Isabel.

Maria Assunção sentiria sempre, num tempo sem registro, a coincidência de um dia terem ficado juntas ali, naquela embarcação onde não premeditava a vinda futura dos homens que ela colocaria tempos depois nesse barco do passado. Daqueles homens que nunca existiram no seu momento de viajante sentada num degrau, apoiando-se no corrimão de ferro com rupturas na tinta amarela onde tantos apoiavam-se nas idas e vindas para o convés, dando-lhe a impressão de intimidade com desconhecidos. As intimidades inconcluídas que se estendiam sobre eles.

Pisaram em terra e penetraram sobressaltadas no longo

corredor daquela casa. Tinham as pernas bambas tropeçando no nada, suas cabeças zumbiam de expectativas, fisicamente estavam em estado calamitoso. Nada era nítido, exceto a vaga sensação de que haviam chegado e que deveriam resguardar seus raros pertences, o mundo concreto do qual tinham posse. Eram quatro crianças lindas e sadias, com seus cabelos negros, escorridos, em tranças, com seus rostos bochechudos, dentes perfeitos e pele macia banhadas em cachoeiras cristalinas. Exceto Rosa Maria, eram muito vivazes, embora, naquele momento, estivessem sobrecarregadas dos esforços de se locomoverem nos limiares do mundo.

Quatro crianças que apesar das intensas aulas de catecismo e das missas rezadas em latim, as vezes riam às escondidas - como alguns adultos e velhos - quando os padres oravam de braços abertos diante de Jesus crucificado. Antônio Sávio advertia os índios que procediam desta maneira enquanto o medo rancoroso de Mariana Aparecida foi se transformando num ódio incontrollável pela igreja e pelos missionários; principalmente contra o padre Geraldo, quando o via gritar batendo palmas, enquanto Antônio Sávio carregava sacos de mantimentos do porto para a missão ouvindo que "ande mais depressa seu preguiçoso pois preguiça é pecado que atrapalha a civilização". Antônio Sávio obedecia tentando correr com aquele peso e, quando Mariana Aparecida bruscamente tentava impedir aquela submissão, ele violentamente a repelia.

A mestiça odiava quando o amanhecer no povoado começava no meio da noite. - Prá que tanta pressa Antônio Sávio?. Isso é lezeira de Dom Matias.

- Não é não. É que vai começar a construção de outra igreja.
- Prá que mais uma?
- Prá ser moderno. Deus é direito de todos. Isso é só o começo, depois vem mais.
- Mais o quê?. Pior do que já aconteceu com na aldeia do Tomás?.
- Ali era tudo pagão, foi por isso.

Antônio Sávio logo se tornaria o primeiro empregado da missão, o primeiro catequista, o primeiro construtor, o primeiro a humilhar tão bem Mariana Aparecida como na manhã em que passou pelo povoado dirigindo o caminhão verde que Dom Matias recebera da Europa entre outros destroços que restara da guerra e, quando a mestiça acenou para que parasse, ele deslizou ladeira abaixo e ela só viu os índios que riam da carroceria e aquelas mãos entrecruzando o ar em sua direção. Antônio Sávio zombava, olhando-a através do tempo de Dom Matias que ainda comentou como era simpática Mariana Aparecida e como tinha orgulho de os haver casado e eles servirem de exemplo, pois representavam um verdadeiro casamento cristão.

Antônio Sávio, desdenhoso: Mariana, a irmã Isabel é enfermeira e tu?.

- Eu só odeio tua humilhação.
- Mariana, aprende a pensar certo.
- Eu sei muito bem. Eu odeio tua humilhação.

* * *

Naquele tempo, Maria Rita, Maria índia e Rosa Maria, mesmo vivendo na missão, ainda eram capazes de apontar os pajés, acompanhar cantos de curas, explicar que a humanidade nascera no bojo de uma cobra canoa onde viveram alojadas. Harmonizavam-se com o mundo e aplacavam seus medos quando também compreendiam os riscos simbólicos estampados nos corpos dos homens e mulheres no povoado e nas aldeias. Elos de sentidos que, a cada dia, tornavam-se mais tênues e perdidos.

Assim, naquele momento, entrando no corredor de um casarão em Manaus, era a vaca holandesa que não surgia nunca; era o sono pesado de Maria Rita, misturado à ansiedade que fazia seus olhos tombados acompanharem o chão ôco. Maria índia diminuía o passo, deixou cair a sandália de borracha que prendia embaixo do braço, pedia para voltar. Com os olhos dilatados, tentava infantilmente explicar às freiras que não suportaria viver longe do Rio Negro, que não daria trabalho, podia voltar sozinha - "deixe eu voltar irmãzinha, deixe, eu posso ir só, já aprendi o caminho". Maria índia sonharia muitas vezes um mesmo sonho: estava no alto, no alto imenso do espaço. Só havia uma viga prateada, como um pedaço de trilho para cortinas, onde ela apoiava seu dedo mínimo. Ele escorregava para os lados prestes a ultrapassar a viga. Ia de um lado a outro e ela não podia olhar para baixo, nem para lado algum. Amanhecia sem saber a quem pedir para que a levasssem de volta.

Rosa Maria, com a santa prateada no peito, nunca mais percorreria os movimentos das secas e enchentes daquele rio onde imitava o deslize de dezenas de peixes. Ainda na embarcação, irmã

Maria José exigia que ela erguesse a cabeça, preparando-a para os cumprimentos de quando enfim chegassem. Mas seu rosto tombava. Seu rosto escorria nos braços de Maria Assunção, escorria no peito de Maria Rita, nos ombros de Maria índia. Para as quatro meninas que fatalmente ficariam juntas, o ímã da solidão era tãcito. Inventavam pavios, tornaram-se chamas.

Estavam quase calmas quando encontraram Judite, a menina cristã e oficialmente civilizada. Ela tinha a pele muito branca, era um pouco maior e parecia esperá-las. Seu olhar era expressivo pois guardava sustos encarcerados; tinha um nariz comprido e usava um brinco de ouro muito grande que lhe dava a bizarra aparência de adulta para sua pouca idade. Judite não parecia um nome inadequado para o seu corpo franzino, carregado de uma assombrosa ingenuidade, embora fosse estranho o decote sem seios do seu vestido ou a quantidade de jóias de ouro nos braços finos, nos dedos, no seu pescoço infantil. Apesar da pouca idade dessas que agora eram cinco crianças, não houve dificuldades para identificar nos infinitos subterfúgios da entonação de palavras, que havia crueldade na voz da mulher robusta, com rugas graves ao redor dos olhos, anunciando vagarosamente, como se quisesse fazer doer ainda mais os ouvidos de Judite: "desta vez vieram apenas três"!

A informação parecia romper as artérias da menina. Como se ela própria, Judite, começasse a se tornar líquida, escorrendo

desvinculada sobre ela mesma, sem apoio naquela impossibilidade de encontrar algo para moldar-se novamente, algo que a recuperasse do pânico causado pela crueldade inserida naquela voz. Se o silêncio pudesse realmente existir, pode-se dizer que naquele momento houve silêncio, silêncio, silêncio. Demasiado silêncio impregnado naquilo que era disforme e carregado de tensão.

* * *

Um clima de alegria rompeu a espera quando Judite ergueu a sobrancelha direita num estouro de recomposição eletrizante e seus lábios foram inchando, inchando. Lábios vermelhos e inchados da liquidez da palavra embora, neles, seu corpo inteiro houvesse se instalado; lábios com as palavras longínquas e inapreensíveis. A palavra cada vez mais e mais distante. A corrida atrás da palavra decomposta que resultou apenas em uma pergunta lógica e trivial, o disfarce das essências daquele momento. A interrogação foi rápida e lancinante: "como se chamam?". - Maria Rita, Rosa Maria, Maria índia... Todas batizadas. E a outra, a que não é índia... esqueci o seu nome!

Judite voltou a repetir Maria Rita, Rosa Maria, Maria índia, como se os três nomes friccionassem seus lábios, esticando-o e rasgando-o dilaceradamente. Os nomes comprimiam, arranhavam sua pele fina naquele percorrimto translúcido de nomes indo de um canto a outro em trepidações duras e consistentes. Fricções invadindo seus lábios pois as palavras de Judite eram apenas

títeres açoitados pelos disfarces do seu imenso silêncio. Ela, uma menina que possuía espaços de dois dentes-de-leite arrancados ainda na manhã de ontem, poderia ser compreendida levando-se em conta aquela linha invisível e pungente que a recompunha sempre. Uma linha maleável como as dissoluções em si mesmas; linhas invisíveis que viravam nós indissolúveis por onde passariam torrentes destruidoras que, apesar de tudo, a reconduziriam a ela mesma. O mundo reconduzindo-a impetuosamente a um ser que sequer aceitava um nome; embora, um ser trêmulo pelo outro e escorregadio sob o tão pouco, sob a escassez que para ela representava a palavra. Como naqueles instantes, com aqueles fios envoltos nela.

Judite era uma criança que conseguia andar sem fazer barulho com seus sapatos altos muito brancos e enfeitados de dourado. Era muito limpa e tinha constantemente o cheiro suave daqueles líquidos guardados em vidros enormes com essências esverdeadas, lilazes ou límpidas onde boiavam ramos com folhas ressequidas, pedaços de pau d'angola, canela e cascas de árvores e sementes que inseriam sua pele na exata matemática da suavidade que se confrontava com o cheiro animalesco de Maria Assunção. Judite era, diante das meninas que chegavam, exageradamente limpa, exageradamente empertigada pois suas roupas apertadas e cheias de renda impediam seus movimentos. Maria Assunção, apesar de ser um pouco menor, deveria cuidar dela. Olharam-se timidamente.

* * *

"...Do que eu, Maria Assunção, mais sentia saudade na casa de Judite era do vento, da terra e do barulho das cachoeiras. Na verdade eu aprendi a gostar do vento porque sempre sentia muito incômodo quando via aquelas crianças sugando o peito ou deitadas no colo das índias. Eu sentia em mim uma saudade que não podia acontecer. Uma saudade mentirosa porque era saudade do que eu não lembrava. Então cada vez que sentia isso, eu imaginava que o vento pudesse fazer tudo aquilo comigo. Eu ouvia o vento e achava que ele começava a inventar uma história que eu ia apenas continuando, continuando, que não acabava até quando Dom Matias não parasse de repetir aos visitantes "essa é Maria Assunção... sem pai nem mãe... a generosidade das freiras, a bondade...".

De criança, apenas eu acompanhava o grupo que de três em três meses realizava a desobriga. Além do bispo, ia sempre um outro padre, duas freiras e Lauriano Navarro, que fazia os trabalhos braçais. Os índios iam para o barranco assistir nossa saída, eu olhava para as crianças índias e pensava - só eu ando nessa embarcação grande e pintada; só prá mim o vento diz essas coisas. Ficava na proa como uma boba de braços abertos, como se me ouvissem dizer olhem como eu tenho o vento, olhem como eu engulo o roteiro desses ventos. Às vezes, sentava no meio da canoa sozinha, com o caixote de catecismos que eu fazia questão de tomar conta; eu abria as pernas, eu abria a boca e os dedos, deixava o vento entrar em mim. Era um vento que não doía, não machucava. A ele eu não temia. Era como se aquele ruído riscasse nos meus ossos o rosto de alguém,

a voz, o nome, uma cor. Lauriano Navarro nunca se espantou que eu fosse assim porque ele também tinha o barulho das cachoeiras na garganta.

Naquele dia Dom Matias ordenou que ele parasse a canoa no primeiro desvio onde havia um igarapé de águas mansas; os galhos das árvores dobravam de um lado e de outro e se entrecruzavam, formando um teto de folhas com avarentas brechas para o sol. O bispo conversou com as freiras e, após isso, segui a viagem ao lado de irmã Maria José; o vento rondava-me mas ela obrigava que eu puxasse o vestido. O vento aliciava-me e ela gritava que eu apertasse os braços e as pernas não cedendo quando me queixava de câimbras ou do mormaço pois, ela perguntava, como era possível sentir calor com todo aquele vento?.

Nós chegamos em uma aldeia formada por um grupo de pessoas que trabalhava para um comerciante colombiano que começava a ficar rico e conhecido na região. Um índio estarrapado foi ao nosso encontro, conversou rapidamente com Lauriano Navarro e depois pulou para Dom Matias. Lauriano Navarro encarou o bispo alertando que o índio perguntava sobre mais um alguém e deve ter recebido outra resposta evasiva como a de que esse alguém logo voltaria, ou que o índio era um preocupado sem motivo porque nada melhor do que viver na cidade, na casa de um político, de um coronel, de um seringalista ou, de boas e respeitadas famílias que ajudavam os missionários naquele difícil processo civilizatório. Nossas chegadas às aldeias passaram a ser sempre assim.

Dom Matias irritava-se, principalmente, quando chegávamos a

lugares onde ele ainda não dominava a língua falada pelos índios. Quando Lauriano Navarro lhe dizia o que eles perguntavam, o bispo apertava a ponta dos dedos, gesto que fazia quando ficava nervoso e comentava: perguntas, perguntas!. Será que estes índios não têm mais o que dizer Lauriano? - Não Dom Matias. Acho que pro senhor não.

Naquela vez, uma índia idosa e desdentada puxou enraivecida o crucifixo de Dom Matias e Lauriano Navarro explicou que ela queria alguém de volta. O bispo mandou que o índio respondesse que aquela não tinha vindo, mas ali estava outra menina, muito mais cuidada... "que olhasse Maria Assunção!".

A índia começou a jogar cascas de bananas em minhas pernas, eu sentia a frieza chicoteada colando na minha canela e Lauriano repetia erguendo o dedo ao bispo: ela está dizendo Dom Matias, que "essa não serve", "não é a que presta nem a que ela gosta, que essa não entende". Eu sentia o sangue congelar e queria abrir o meu corpo para que o vento agilizasse meu sangue novamente, mas irmã Maria José estava ali. Bem perto e explicando que os índios, como um missionário havia escrito, praticavam muitos malefícios, eram frios e dotados de impressionante insensibilidade. = Reze por eles Maria Assunção!.

Aquela índia idosa ficou o tempo todo me rondando, espiando, desdentada, nua, enfurecida olhando para minha trança. Eu quis me vingar dela e escondi meu cabelo dentro do vestido, apertei muito a gola e suportei de raiva as cócegas na minha coluna. Depois ela queria tocar na toalha de linho branco para o altar improvisado e

eu não deixava sequer ela chegar perto, como não deixava que tocasse no crucifixo dourado que eu segurava, enrolado num veludo azul. Eu dizia não, não e não, sua bruxa velha, maldita, órfã, pecadora, desdentada e pagã!. Lauriano passava horas calado, não traduzia nada mas ficava zangado, passava dias sem falar comigo.

Aquela índia sumiu e depois voltou acompanhada de outros índios pequenos, ficou de cócoras olhando o rio, gesticulando desesperada e aborrecida. Eu segui com eles entre aquelas fileiras de bananeiras, ela me olhava tanto que eu puxei a trança ainda escondida, desmanchei o cabelo e deixei que ela enterrasse neles aqueles dedos grossos com cheiro de terra, fumaça e peixe moqueado. Ela esfregava freneticamente os meus cabelos, batia suas pontas no tronco da árvore e nos próprios braços e eu nunca compreendi exatamente o que aquilo significou.

Irmã Maria José não tirou mais os olhos de mim e no início da tarde Dom Matias batizou as crianças, fez o levantamento das que seriam levadas para a missão no ano seguinte, rezou a missa, observou que o tronco lingüístico daquele grupo ainda era indefinido e foi ajudado por Lauriano Navarro a descer o barranco porque vivia tropeçando em sua própria batina. Lauriano armazenou os paneiros de farinha, ovos, frutas e peixes com os quais os índios pagavam os sacramentos e livros religiosos que eles folheavam, folheavam, batiam no peito e quase sempre deixavam num lugar qualquer.

Nessa época eu aprendi como as gatas pariam; adotei uma sobrevivente e lhe dei o meu nome. No confissãoário fiz de conta

que ela estava nascendo e fiquei lhe dizendo: Maria Assunção, me olhe, me conheça, tu és Maria Assunção. Eu agora sou tua mãe e posso te engolir como os outros!. Quando levantei a cabeça irmã Maria José odiosamente me olhava e por isso, fiquei ao lado de Rosa Maria por tanto tempo que nem sei medir, escrevendo promessas de não mais cometer atitudes pornográficas. Ao meu lado, Rosa Maria, tragicamente, não conseguia preencher sequer uma linha com frases jurando a realização de algo inadmissível. Eu pegava sua mão, mas sua mão deslizava. A ela, foi impossível desenhar sequer uma letra, pois virava as folhas desordenadamente, sem noção do que era margem, linhas, sílabas. Fazia riscos tortos de cima àbaixo e nosso castigo foi redobrado quando viram seus papéis preenchidos com minha letra - o que, enfim, ocorreria sempre, como agora, novamente, quando tento absurdamente retirar o vazio desconexo que os civilizadores sempre conseguiam encontrar nas páginas dela.

A índia Rosa Maria era muito estranha e irmã Maria José ralhava muito com ela, achava que era indolente, birrenta ou que possuía um espírito menos elevado, como os padres - isso ela repetia sempre - já haviam constatado entre aqueles índios. Houve um período em que as irmãs avisavam diariamente que por longo tempo não haveria visitas à missão porque os missionários envergonhavam-se da falta de moralidade, mesmo com tantas exortações, sacramentos e práticas religiosas. Padre Geraldo anotava como os visitantes ficavam impressionados porque os homens abusavam das mulheres dos outros homens sem que isso causasse repulsa ao marido nem estranheza aos demais; ensinavam como o nudismo era repugnante,

irritavam-se pelo fato de que em um ano haviam tido seis casos de mães solteiras. Não duvidaram de que só através de rigorosos castigos os índios conseguiriam compreender termos como "virgo, fidelidade conjugal, matrimônio, pudor, atitudes imorais".

Mas havia passado o tempo e eu já estava naquele lençol florido. Alonso ouvia o barulho das embarcações e eu lembrava como Anamã passava tempos pensando sobre um mesmo assunto; passou meses pensando sobre contos de fada, meses pensando sobre o amor, meses pensando sobre o tal do pensamento máximo, sobre tortas de cupuaçu, sobre o que não era possível deixar de existir, sobre o que pediria se fosse caminhando descuidado e o cometa passasse rapidamente. Passava dias obcecado por uma única cor. Uma noite fomos ver os turistas perto dos hotéis, porque ele gostava de ver pessoas diferentes, pedia que eu copiasse o modelo de roupas, o corte dos cabelos, os recursos das maquiagens. Nós estávamos sentados na beira da calçada e assistimos tudo. Nós assistimos tudo! Ele me perguntou: "Maria Assunção, vês o que eu vejo ou eu me engano"? Eu respondi que ele acreditasse no que fosse possível. - Se acreditas Anamã, é realidade.

Nós baixamos cabeças sobre joelhos. Ele pediu que eu inventasse uma música urgente, subiu correndo as escadas da palafita que tinha na madeira a medida da última enchente, esbarrou nos casais que dançavam, tropeçou, pegou o microfone e começou desafinado "lá vai...". Ele não conseguia mais nada além disso, até que conseguiu "lá vai a mulher passando, do outro lado da rua; eu digo que lhe falta um pedaço do braço, outros dizem que foi mordida

do cão, do homem, da lepra; entretanto ela sorri ironicamente e diz que nos falta um pedaço do olho". A voz de Anamã. Quem não a conhecia naquele cais? Mas naquela noite ele foi vaiado, pediram que o conjunto continuasse tocando; na volta ele jurou que eu era a culpada por todo o seu fracasso porque a música não combinava em nada com o que tínhamos visto. "Tu me desafinastes Maria Assunção".

Eu ainda vivia naquela sala onde havia morado com Anamã e já era época de lembrar como no segundo dia na prisão, depois daquela noite, buscava no meio daquele pequeno grupo que me olhava, a presença de Lauriano Navarro que apesar de imitar o barulho das cachoeiras na garganta, sabia fazer um silêncio capaz de derrubar com a zarabatana um grupo de macacos ou aves uma por uma, até o fim, sem que o grupo se debandasse. Depois, quando os bichos estavam todos no chão, ele recolhia tudo, no mais esquecido sossego, até que começava novamente com a água jorrando da garganta.

Lauriano Navarro pertencia a um dos grupos mais isolados que naquele tempo ainda viviam na mata fechada sem contato com os missionários ou não índios e, por isso, eram índios que começavam a ser desprezados pelos outros que viviam mais próximos dos rios, viam sempre os estranhos que chegavam e tinham filhos internos na missão. Os missionários conseguiram levar daquela aldeia isolada seis índios que fugiram de volta e foram recebidos com muita festa pelos seus parentes. Lauriano estava nesse grupo mas ele era muito esquisito e, quando cresceu um pouco mais, foi viver sozinho numa cabana passando a fazer serviços para os missionários, para os

comerciantes de sorva, balata e cipó. De dentro da cela eu não o via, fui olhando pessoa por pessoa, de uma a uma. Só através do som descobri que era ele; fiquei pensando no que teria lhe acontecido mas o delegado entrou ali apressado e trêmulo, dizendo mentirosamente que naquele mesmo dia eu seria solta. Pediu desculpas e mostrou orgulho por ser um excelente cumpridor de ordens da juíza - apesar de saber que havia algo errado naquela obediência. Sobre eles, Dom Matias já não exercia nenhum poder.

* * *

Quem algum dia tocou a mão de alguém no seu ponto máximo como fez Rosa Maria entrando na casa de Judite, quando buscava um céu para sua cãndida demência e ele era apenas um vazio imenso e inapreensível, passará a reconhecê-la sempre. Mesmo estando como as de irmã Isabel, suspensas na parede de um museu. Ali, uma de suas mãos está semi-encoberta pela manga comprida do hábito impecavelmente branco, embora a freira estivesse daquela maneira, de costas, arriscando travessias sobre fundos riachos e igarapés. Irmã Isabel desafiava-se, provavelmente suada, equilibrando-se em estreitos troncos de árvores. É evidente que segurava firme uma maleta branca de curativos.

Havia sardas naquelas mãos que não ficaram livres da história de Rosa Maria. No corredor da casa de Judite, de tanto negar soltá-las, a índia deixou-as com rompimentos avermelhados e disformes que sumiram logo após a irmã despreender-se dela tentando uma

impossível serenidade na partida. Rosa Maria soluçava, como era comum, seguindo fixamente a silhueta da freira que as havia deixado no endereço certo e tão facilmente encontrado através da letra legível de Dom Matias.

Na parede de cor salmão do museu, entre outras imagens com padiolas e índios moribundos, a legenda ao lado de irmã Isabel lembra o trabalho missionário contra uma epidemia avassaladora de tantos anos atrás, mas, a informação não tem magnetismo suficiente para atrair atenções. E também não se pensa em mãos escondidas que fizeram o que deveriam ter feito naquela manhã - entregar quatro crianças e ir embora dando adeus, diante do mal estar desesperado de Judite que seria compreendido depois, quando Rosa Maria apareceu daquele jeito e via-se o que faziam com ela, o que acontecia especialmente com ela, que era tão lerda, tão sem velocidade nas pernas, tão fácil de romper em chorosas convulsões. Ao contrário dela, Maria Índia, naquele corredor, parecia não perceber que haviam terminado as últimas noites de dormitório limpo e as últimas madrugadas em que ouviriam o familiar assobio de Lauriano Navarro desafiando os estrondos das correntezas. A menina continuava a perguntar quando irmã Isabel voltaria para buscá-las. Se seria no natal, na páscoa, na piracema, na lua cheia ou na época em que o rio baixasse. - Irmãzinha, posso voltar com esse mesmo chinelo? Posso?.

Mas haviam terminado as esperas de embarcações e dos ombros curvados da freira sobre elas, aconselhando para que lutassem contra o demônio e, ao acordar, escovassem os dentes para que

pudessem rir sem cáries. Ensinava que neutralizassem os gestos quando o acaso as pusessem diante de algumas ameaças - às vezes, a aparente neutralidade de irmã Isabel perdurava por tanto tempo que ela passava a forçar outras reações e movimentos quando notava que irmã Maria José dirigia-se a ela como se falasse a uma estátua. Antônio Sávio a via carregando baldes de água, pintando velas, plantando hortaliças, varrendo, ensinando as índias mas, ela parecia nunca estar cansada.

Antônio Sávio informara-se que, antes de ir para o rio Negro, ela havia percorrido, junto com irmã Maria José, outros lugares na região amazônica onde a Hanseníase ainda era considerada uma maldição divina. Aprendera a enterrar os pés nas ribanceiras movediças do rio Purus para chegar aos casebres dos caboclos que, envergonhados das deformidades, naquele tempo ainda corriam para esconder-se quando algum desconhecido chegava. Caso não houvesse pessoas saudáveis nas habitações, o visitante corria o risco de voltar sem ver ninguém. Irmã Maria José, ao contrário dela, ficava impaciente, reclamava do cheiro da carne de anta e do pirarucu colocados ao ar livre para secar, evitava que as crianças tocassem em seu hábito, gritava para que os doentes se apressassem ou do contrário, não receberiam medicação. Irmã Isabel apoiava-se nas janelas dos casebres frente ao rio e, quando os doentes surgiam, movia-se com presteza, movimentava os braços ritmicamente como se desfilasse, cortava a gaze, o esparadrapo, sempre ereta, sem piedade; segura, ensinava a fazer curativos, dava informações sobre a doença, despertava credibilidade e certa simpatia. Porém, ao vê-

la partir na canoa, não havia quem pudesse garantir o que realmente sentia. Certa vez Antônio Sávio chegou a pensar que ela sequer acreditava em Deus. Desabafou sua desconfiança com Mariana Aparecida que, para maior incômodo do índio, respondeu secamente: "que ela não acredita em Deus qualquer índio do povoado já sabe. Menos tu e o lezo daquele bispo".

Mas haviam acabado as últimas noites naquela missão e quando as noites findam, os dias preparam outras, impregnando a lembrança que torna-se impecável quando surge acumulada das escoriações e branduras dos tempos.

* * *

Alguns índios ainda recordam que aquela não foi a pior e nem a mais terrível das moléstias, embora fossem mais de sessenta pessoas adormecendo e gemendo lado a lado com suores que escorriam das têmporas, das virilhas e pescoços, misturavam-se a larvas que faziam furúnculos no couro cabeludo e na pele. O padre Günter, um alemão que media quase dois metros de altura, gritava, através de um aparelho de fonia que funcionava precariamente na missão, pedindo auxílio e remédios ao povoado mais próximo. Alertava que até o cheiro fétido das redes atraía urubus para o interior das malocas. E, como a diarréia havia ficado incontrolável, a aldeia parecia com uma latrina à margem de um rio tão gigantesco mas incapaz de afogar uma moléstia que culminou dizimando mais da metade do grupo.

Alguns dias se passaram para que o padre conseguisse pedir aquele socorro insípido diante do que acontecia e, quando os remédios tardiamente chegaram, embora ainda continuassem a morrer, os doentes se negavam a ingerir os comprimidos e tomar as injeções necessárias mesmo que estivessem misturando catarro e sangue com saliva, fumegando de febre e visto, perplexos, que em pouco mais de uma semana haviam enterrado superficialmente quase quinze pessoas. Todas comprovadamente mortas devido a gripe e suas conseqüências insuportáveis para seus corpos vulneráveis a uma doença ainda desconhecida.

Os rituais fúnebres, feitos por homens tão enfraquecidos, deixavam os mortos à superfície de uma terra batida sem forças, permitindo tropeços em espíritos salientes, como assim recorda Tereza, a índia mais antiga que viveu naquela aldeia e que antes da entrada dos missionários se chamava Araraní. Ela não esqueceu, apesar do tempo, a noite em que, enquanto os homens estavam sentados em volta das fogueiras queimando veneno das flechas e conversando sobre caça de caíitús, Rosa Maria descia do corpo de uma mãe muito nova que há pouco tempo havia sonhado copulando com a lua e, só assim, pode ter a primeira menstruação. Na madrugada, quando Araraní, a índia tão antiga, a pegou nos braços, Rosa Maria era uma recém-nascida muito morna e, como Tomás, o velho pajé, viu sanhaços, tangarás e gaviões que ganhavam elevação nas trilhas das estrelas, ele anunciou que havia nascido mais uma neta para a avó do universo. Tomás bateu seis vezes no peito para avisar: - Outra neta para a avó do mundo. Mas, sendo filha de quem é e com o novo

cheiro desses ventos, seus pés logo vão embora daqui. Assim me disse nossa avó, aquela que não precisou ser criada por ninguém.

Essa avó era uma mulher que brotou de si mesma quando não havia nada que lembrasse mundo, nem mesmo a cobra-mãe, embarcação onde a humanidade se fecundaria. Os parentes da recém-nascida acreditavam que a avó do universo vivia num pedaço de quartzo, sua morada invisível e, que havia provocado quatro cataclismas de fogo. Os sobreviventes daquela moléstia, iniciada quando Rosa Maria já reconhecia e gritava o nome dos peixes, denunciavam o frio que os mortos sentiriam porque não havia ninguém com energia para acender o fogo debaixo de suas redes. Embora pedissem confusamente para que os missionários agissem por eles, o máximo que estes puderam fazer foi inaugurar um cemitério cristão num descampado limpo que favoreceria a higiene da maloca e a dignidade espiritual daquele grupo minguado, arredio aos contatos com os civilizados e encontrado daquela maneira, em mais uma tentativa missionária de pacificação.

Durante toda a epidemia Dom Matias foi um bispo melancólico, encerrado na igreja por longas horas, onde orava preocupado para que a aldeia não fosse dizimada mas, se isso acontecesse, que os padres tivessem tempo suficiente para batizar o maior número possível de almas. Dom Matias pediu auxílio onde foi possível e dispunha-se aos maiores sacrifícios para que o grupo fosse salvo, mas não teve coragem sequer de sair do interior da missão durante o período. Foi devidamente informado pelo padre Günter, da revolta moribunda iniciada por um índio que, supostamente gritava, com a

voz rouca, para que os mortos não fossem retirados da maloca.

- Quem é ele padre Günter?.

- Um pajé. Está velho, magro, ressequido. Não fala português.

- Já o batizaram?

- Ele não quer. Afasta-se de nós. Fecha a rede quando nos vê.

- Pobre infeliz, pobre infeliz. Na verdade qual é a doença padre Günter?.

- É gripe mesmo. Gripe e pneumonia, as irmãs já confirmaram.

- Houve alguma invasão ali?.

- Encontramos facões, alguns cartuchos. Alguns civilizados devem ter passado por lá. O senhor gostaria de vê-los?.

- Não, não. Não é preciso. As freiras cuidam bem disso. Irmã Isabel sabe como agir.

Em momentos cruciantes como aquele, quando era necessário vencer a doença ou morrer, aqueles índios acreditavam na necessidade milenar de ouvir as mensagens que se despreendiam dos esteios, das vigas, dos caibros e palhas da habitação que, para eles, significava o próprio universo com os sentidos de começo e fim, passado e futuro, macho e fêmea, parte, união e totalidade, vigor e declínio, abstração ou concretude, inscritos nas circunferências, nas linhas horizontais, na verticalidade dos traços, nos detalhes da geometria, na localização dos compartimentos da maloca ou nas pinturas que faziam na madeira, máscaras e objetos. Caso sepultados longe da maloca, os mortos ficariam desabrigados porque estariam fora do universo, fora do ventre da cobra-mãe, a embarcação que alojou as primeiras sementes

da humanidade no tempo em que esta ainda começava a ultrapassar as mais profundas camadas das águas daquele rio. A cada etapa que conseguia vencer, a humanidade, ainda disforme, recebia invisíveis remos, colares, punhados de epadú e tabaco, necessários para o aperfeiçoamento de suas feições. Ao alcançarem a superfície da terra, já em forma de gente, as pessoas eram distribuídas ao longo das margens do rio, de acordo com a natureza de cada grupo e do lugar, indicados pelos quatro pontos cardeais.

Os índios que naquela época eram crianças e agora são adultos e os que eram adultos e hoje são muito velhos, falam em voz baixa dessa origem humana e das almas desassossegadas que inquietaram as cachoeiras do rio e seus afluentes, na época da epidemia. Fazem o sinal da cruz em direção ao antigo descampado e Araraní relembra como o pedido para que os cristãos fizessem os rituais ficavam sem efeito. Na época, aumentavam na missão as cartas, relatórios e outros documentos contando detalhes das derrubadas e queimas das malocas, consideradas focos de orgias, doenças e corrupção. Eram depoimentos que mostravam triunfo quando as destruições eram feitas com a ajuda de índios mais jovens, nomeados por isso, como mais inteligentes e mais próximos a Deus e à civilização.

Às vezes, regatões, contrabandistas, incipientes latifundiários ou miseráveis trabalhadores de estradas que logo começaram a rasgar aldeias, cometiam massacres que deixavam desesperados os missionários, o que não impedia que extermínios acontecessem. Havia homens que apareciam nas aldeias como

condenados, entravam nas malocas famintos, agressivos e doentes e tanto podiam incendiá-las, ajudar missionários a aplicar injeções como alguns tentaram inutilmente fazer durante aquela epidemia, ou participar de chacinas que facilmente aniquilavam aldeias.

* * *

A missão ficou deserta naquele mês de julho epidêmico. Além de Dom Matias e do padre Günter, apenas uma freira recém-chegada orientava para que as portas e janelas permanecessem cerradas e as correntes de ar não atingissem as dezessete meninas e dez meninos que tiveram as aulas transformadas em vigílias e rosários para que soldados e voluntários chegassem até aqueles confins de mundo e conseguissem aterrissar numa pista de pouso feita pelos índios, utilizada apenas duas vezes e que ficaria imprestável caso chovesse muito. A disciplina foi tão relaxada no período, que Dom Matias conversava com o padre Günter com as portas do gabinete abertas para quem quisesse ouvir, preocupado e revoltado com a informação de que os índios repudiavam os padres, as freiras e todos os que não eram índios e que deles se aproximavam, mesmo se tivessem boas intenções.

O bispo temeu o fato de que alguns dos mais velhos, mesmo estando como espectros, haviam insuflado outros mais jovens e até algumas crianças e, num ritual escabroso, furaram as panelas, canecos e bacias, queimaram terços, bíblias, facões, roupas e

outros utensílios doados porque acreditavam que eles próprios, os missionários, que estavam ali, como diziam, sofrendo riscos e mais riscos para salvá-los, eram portadores dos feitiços que os matavam. O índio Tomás, o pajé que nunca respondeu a ninguém que o chamava por este nome e que nunca ofereceu aos missionários mais do que alguns resmungos quando estes se aproximavam, morreu pedindo conselhos de cobras que ele via enroladas nos caibros ou, em ondulações no espaço. Ele expirava e via que os esteios e as vigas da maloca começavam a esfacelar e, uma cobra-mãe sem coluna e espinhaços, era sinal de que a aldeia sumiria porque até as pintas negras do animal, que eram gotas de sêmen, ele não conseguia mais visualizar. O pajé Tomás foi enterrado delirando e, sem nenhuma distinção. Antes de morrer foi devidamente batizado porque não teve mais condição de se enfiar no mato como costumava fazer quando missionários apareciam e ele, com o diabo no corpo, decididamente fugia.

Tomás não simulou um rosto para morrer. Quando padre Geraldo foi batizá-lo, pediu que irmã Isabel fechasse seus olhos e sua boca.

- Acho que teria mais algo a nos dizer padre Geraldo. Mas de que adiantaria?.

* * *

Houve um índio que chorou quando viu o pajé Tomás moribundo, deslocado do espaço que lhe era reservado e que deveria ser aquele

através do qual seu olhar pudesse alcançar a direção das serras. Esse transcurso era caminho de sabedoria e conhecimento, com paradas para se escutar e depois transmitir o que se ouvira em demoradas cerimônias. Esse olhar deveria pairar até o arco-íris, para que sua coloração esmiuçasse as pegadas estranhas, os ruídos desconhecidos, os novos rostos e gestos que apareciam no corpo e espírito de cada um.

Assim sempre havia pensado o índio que chorou quando viu o velho Tomás tão desprezado e que decidiu fugir da dizimação com uma mulher lamentando a quentura insuportável nas entranhas e a fraqueza de duas crianças que nem chorar conseguiam mais. Fugiram no meio da tarde, quando as garças ainda podiam ser discernidas. Ele arrumou uma das crianças num cesto de cipó trançado que colocou nas costas, como fazia normalmente qualquer índia, enfileirou a outra atrás dos seus próprios passos e achava que caminhavam como se estivessem indo coletar frutos. Quando olhou para trás, teve que caminhar retrocedendo por um tempo que causou cansaço até encontrar, já na boca da noite, o vestido vermelho e esfarrapado sobre uma pedra. Ele acreditou que o chamado da cachoeira havia sido muito forte e vencido a vontade da mulher acabar a fuga junto com ele. Esse índio chorou novamente e num berro tão alto que assustou os macacos, papagaios, corujas, mutuns e araras, mas, achou que era melhor uma mulher submersa no rio do que num descampado cristão longe da maloca, sem poder chegar à superfície da terra e começar novamente a viver.

Sem derramar uma lágrima, ele retirou a criança também já sem

respiração de dentro do cesto; colocou-a nos intrincados das raízes de uma árvore imensa, cobriu-a com folhas de palmeira como se estivesse preparando a cumeeira de uma maloca, mas soltas, para que o vento as arrastasse e, quando o sol viesse, seu espírito não tremesse de frio ao relento. A outra, conseguiu chegar esperneando no pátio da missão, com o rosto levemente caído para o lado. Foi levada para o barracão que havia funcionado como a primeira igreja e transformado em abrigo para a recuperação dos sobreviventes. Rosa Maria, fisicamente, teve uma rápida recuperação e, passada a epidemia, as freiras observavam como era extremamente saudável.

Aquele índio que nunca soube onde ela estava e que havia chorado com a morte da mulher e do velho pajé Tomás, começou a passar dias seguidos naquele descampado que virou cemitério onde dava voltas e mais voltas, retirando inquieto qualquer mato ou erva daninha que constantemente nasciam sobre as sepulturas. Nesses lugares, ele plantava centenas de pés de papoulas, lírios, rosas e variadas flores silvestres brancas, que eram devidamente enfileiradas a dois palmos e meio de distância uma das outras e, todas em direção ao vento que vinha das serras. Quando os ramos balançavam demais ele achava que mortos tremiam de frio e então, com seu pensamento milimetrado e alucinado, tentava segurá-los, principalmente os muito finos que suportavam flores miúdas. Mas, como suas mãos pesadas impossibilitavam o intento, ele levantava a esteira onde dormia, como se pudesse cobrir os ramos contra a ventania que se prolongava perto de um rio transbordando.

Ele não fez cerimônias nem esforço para viver esmigalhando

cruzes de madeira e com elas acender fogueiras nos quatro cantos e no meio do antigo descampado. Ainda hoje, tanto tempo depois da epidemia, quando alguém anda pelo povoado e ergue o olhar em direção às serras, ainda pode ver aqueles blocos de fumaça com cheiro de flores completamente brancas. Quando se pergunta de onde eles surgem, a resposta mais natural é que são penitências de um índio que causou a morte da família numa fuga transloucada da qual só havia restado uma criança que ele esqueceu quando começou com o vício de esperar o estouro de lírios e papoulas. De tanto ficar plantando rosas, há quem consiga ver pétalas no seu rosto, quando apanha dos soldados ou varre o chão de uma cela.

* * *

Rosa Maria estava entre os vinte índios presentes na cerimônia onde Dom Matias foi condecorado, junto com os missionários, pela atuação corajosa durante a epidemia, da qual aqueles haviam gloriosamente escapado. Há enormes e rebuscadas molduras douradas, algumas, danificadas, deixam à mostra o gesso branco que circunda as fotografias onde o bispo aparece ao lado das autoridades civis e militares. Ele faz solenes medidas, com sua boina e faixa vermelhas, diante do representante oficial do presidente de um país que, como todos os outros, deve ter seu hino nacional entoado em situações como aquela. Mas que Rosa Maria nunca conseguiu cantar, como se uma renúncia instintiva a impedisse de participar de tudo aquilo. Como se aquela linha que parecia torta

e descontrolada, feita fora da margem de uma página de caderno em dia de castigo, tivesse sido o mais autêntico grafismo, a escrita mais fecunda que pode oferecer a uma civilização que a salvou de uma morte por gripe e chegou causando frio no espírito de seus parentes.

- Ela sobreviveu à epidemia, viveu alguns anos na missão, fez seu risco inadequado para o mundo, sobreviveu novamente àquela casa onde estava Judite e de onde ninguém esperava que saísse. E, muito menos, que passasse a viver daquela forma, com tanta paixão, como se a doçura sufocada de uma força ancestral rompesse nela continuamente e a tornasse efusiva para as mais desafiadoras, inofensivas e corajosas contrações. A paixão a encontrava nascendo livre dos danos passados, surgindo pela primeira e única vez; tornava-a tão surpreendente que até mesmo Laura Dimas, caso voltasse a vê-la, a estranharia.

Ninguém percebeu que Rosa Maria seria assim quando saiu da casa de Judite com uma calma muito exagerada para uma festa de casamento com alguém que ela nunca reconheceu e, ao entrar num quarto com uma cama esplêndida coberta por uma impecável colcha, sem nenhum acanhamento e à vista de todos, agiu da maneira que o padre Geraldo tanto havia criticado quando analisava o comportamento das índias. Ela sentou-se no meio do colchão aveludado e, sem recato e relaxadamente, passou a comer e se lambuzar com um pedaço cremoso de bolo de chocolate, lembrando dos aniversários de Judite, quando ela e Maria Assunção riam dobrando os papéis dos presentes muito caros. Naquele momento, Rosa Maria

notava como eram belos os vasos de porcelana no quarto onde estava mas que não eram suficientes para impedi-la de agir daquela maneira destoante.

As quatro paredes de núpcias tinham tantas cortinas e tapetes brancos que lembrariam alucinações de uma epidemia do passado caso não tivesse imaginado que Maria Assunção estava ali, presente, e as duas brincavam com um jogo de varetas coloridas sem que fosse possível alguém vencer. Como acontecia nos momentos em que conseguiam jogar na casa de Judite, escondidas e longe daquela senhora diante da qual varavam noites perdendo naquelas mecânicas partidas de dominó ou cartas de baralho até que a senhora ficasse saturada de tanto ganhar. Para as meninas, a vitória era fácil, às vezes, muito fácil. Mas havia a obrigatoriedade da perda, senão, acontecia sempre aquilo.

A visão daquela noiva um tanto desvairada, fazendo gestos de quem jogava sem parceiros, deixou alguns estupefatos naquela singular cerimônia de um sério casamento oficial. O noivo da índia ainda bela e corpulenta tinha um ar de magnata e usava terno e sapatos tão negros e lustrosos que a luminosidade impedia que seu rosto fosse inteiramente revelado, daí porque, posteriormente, muitas vezes ela passou por ele sem saber que havia sido seu legítimo marido. Um noivo tão pomposo jamais caberia em sua imensa solidão. Devido a isso, o máximo que se pode supor sobre ele é que tinha um rosto alongado e uma barba ruiva e que, antes do casamento, havia olhado muito para ela e decidido que era a esposa que precisava, alguém que também nunca precisaria lembrar o seu

nome.

O que Rosa Maria passou a fazer depois da cerimônia fez com que irmã Isabel, em outubro de 1984, descesse a escada daquele museu indígena missionário para, com as mesmas mãos sardentas e reconhecidas que um dia a índia havia segurado com tanto vigor, fechar - sem provocar maiores incidentes - o cadeado do portão evitando que ela ali entrasse. E, sem dizer também ah, pobre mulher!, afirmasse apenas "ah, coitado de Dom Matias se a visse desse jeito. Depois de tanta dedicação, depois de tudo o que ele fez..."!.

Irmã Isabel pouco envelhecera desde a época em que a trouxera definitivamente do Rio Negro. Tinha poucas rugas apesar de haver combatido corajosamente muitas outras epidemias que ocorreram à medida que estradas, garimpeiros, empresas e mercenários invadiam a região. Os conflitos que surgiam deixavam Dom Matias em estado tão preocupante que ela desdobrava-se em extrema dedicação. Mesmo assim, quando a transferiram definitivamente de lá, o bispo sequer parecia dar-se conta de que partia sua mais antiga e fiel escudeira e defensora. Limitou-se a dizer um "Deus lhe abençoe irmã" que ela retribuiu com um rápido baixar de cabeça que não chegou sequer a finalizar um cumprimento: "Se esta for a vontade Dele, Dom Matias".

Não fazia muito tempo que as quatro meninas haviam partido quando o bispo começou a misturar com mais freqüência seus atos coléricos a prantos mal escondidos na clausura quando no povoado surgiam informações sobre os que chegavam e elas podiam ser assim:

"aquele veio porque é pistoleiro. Queria matar sem cometer pecado. Fugiu da penitenciária de Manaus e chegou aqui pensando que índio não tem alma". Irmã Isabel ouvira, tensa, o jovem gritar a Dom Matias: "eu vim porque sou revolucionário. Com esse golpe de 1964 os índios precisam pegar em armas. Acredito que a guerrilha e o socialismo são mais úteis a esses povos que essa igreja e que o senhor, seu padreco, com sua espiritualidade pusilânime. Seu bispo, o senhor impede a ação política, o engajamento dos índios, o senhor não passa de um déspota ultrapassado. Isso aqui é mais pernicioso que a inquisição, que a Reforma, é pior até que a umbanda!. Leia Nietzsche! Aprenda a acreditar em Marx!".

- Caro jovem, nunca houve mais eficiente revolução que esta: a que nos ensina a selar e catalogar almas.

O jovem joga panfletos sobre sua mesa, o bispo permanece impassível e parece não ouvir os gritos: "Seu padreco, o senhor não percebe o crime que comete ao aliar-se a esses militares reacionários e torturadores?". Antônio Sávio expulsara o rapaz do gabinete, penalizado com a angústia trêmula de Dom Matias e, no outro dia, irmã Isabel não precisou preparar com exagerado cuidado o desjejum de um bispo com saúde tão fragilizada a ponto de não conseguir sequer, fazer amanhecer o dia.

Pouco havia sido alterado naquele corpo de irmã Isabel, capaz de transcender misticamente sem desgarrar-se daquelas sardas nas mãos, daquela lucidez carnal, de um bico de brasa intransparente e sua assepsia exagerada que tanto confundia Antônio Sávio e fez Mariana Aparecida empreender uma luta que acabou se transformando

num vício lascivo que o deixava sempre mais atordado. Um vício fortalecido com o tempo e que perdurou até aqueles dias, quando a mestiça distribuía picolé aos netos após a missa domingueira e ainda balançava a cabeça negativamente quando via Laura Dimas encostada na porta da igreja. Décadas de vícios que haviam nascido dos medos rancorosos que sentia quando Antônio Sávio chegava falando sobre a freira.

Certa vez, havia parado de torrar farinha para contar como havia sido: Mariana, sonhei de novo, ela tava calma atrás de umas cortinas onde dorme. Tudo limpinho, ela se ajoelhou perto da cama, primeiro tirou o crucifixo, depois, aquele pano enfiado de cima do peito e ia colocando tudo na cama. Depois tirou a blusa de manga comprida, tirou o avental, uma saia, mas aí não parava mais. Tinha outra saia, outro avental, outra saia, outra blusa... outro pano, tudo outro...

- E aí?. - Mas então apareceu a perna dela, bem fininha, bem branquinha, eu respirei alto e ela perguntou quem estava lá.

- E depois?

- Daí é invenção minha, eu não vi a perna dela nem nada, nem a ponta do pé, porque a roupa não acabava. Só vi ela tirar o véu, uma touca, jogou o cabelo todo prá baixo ficou um bom tempo assim, sentada na beira da cama com o pescoço e o cabelo caindo, quase encostando no assoalho, depois ela jogou tudo prá trás e ficou certinho, nem precisava pente. Tudo arrumadinho. Ela deitou na cama e a roupa dela mudava ligeiro de cor era preta e depois branca, preta e depois branca, não parava de mudar. Era uma roupa macia

como seda, mas como chumbo também, porque não se enxergava nada lá dentro. Ela quis apagar a vela perto da cama, abanava com a mão, abanava, abanava... mas a vela não apagava, não apagava de jeito nenhum.

- Acabou a bobagem Antônio Sávio?.

- Não. Eu fiz outro barulho, ela perguntou de novo: quem está aí? Dom Matias? Eu queria dizer que era sim, prá eu chegar perto dela, mas se eu falasse ela ia saber que não era ele. Quase me sufocava prendendo a respiração alta no meu peito. Eu esperei a vela acabar prá chegar perto, mas a vela era grossa e irmã Isabel não conseguia apagar.

- Mas por quê?. - Sabe porque Mariana? Porque tu não deixavas, tu estavas no meu sonho prá não deixar a vela se apagar. Eu vi que eras tu no meu sonho, colocando a mão pro sopro da freira não chegar no fogo. Eu te vi Mariana. Eu juro que eras tu. Eu juro!.

- Me arranca deste sonho índio paspalhão. Eu não estava lá, nem quero aparecer em sonhos assim. Eu vou contar pro bispo essa imaginação.

- Não precisa, eu confesso no domingo. Vou contar o que tu fazes.

Nenhum dos dois cumpriria as ameaças. Instintivamente a mestiça achava que deveria protegê-lo com seus vícios concretos e sensuais. - Eu odeio tua humilhação Antônio Sávio. É disso que eu sei ter ódio.

* * *

E o corpo de irmã Isabel, recebendo os tíquetes de entrada na porta do museu, ainda continuava encoberto pelo hábito impecavelmente branco. Não foi o medo do confronto e reconhecimento daquela índia citadina - pedindo dinheiro e cigarro aos turistas - e seu rosto caído para o lado entre outras crianças que nas fotos da missão cantavam diante da bandeira nacional, que motivou irmã Isabel a elegantemente cerrar os portões. Ela já aprendera suficientemente a que direções recaíam as curiosidades dos visitantes. O que a fez dar prolongadas voltas no cadeado eram as lembranças do pânico de Dom Matias à medida que ia perdendo o controle sobre os índios e a região.

Já não passavam por ele as parcas correspondências que saíam ou chegavam; perdia a posse das intimidades que adquiria com as confissões, perdia completamente o fluxo de informações sobre os estranhos e o controle das embarcações. - Irmã Isabel há chegadas para esta semana?. Ela verificava no caderno comprido de capa dura:

- Previstas não, Dom Matias.

- Então este é o problema irmã. Deve-se temer justamente as embarcações que chegam inesperadamente e sem alarde. Quem prevê como podem soar? Além disso irmã, da mesma maneira em que chegam podem partir levando aquilo que mais necessitamos.

Dom Matias não escondia a insatisfação quando, à medida que o tempo passava, algumas vezes lembravam-se de convidá-lo para reuniões fechadas onde o lugar já não era a missão mas, o gabinete da prefeitura. E ele não sabia o que dizer quando os assuntos versavam sobre a inserção política e econômica daquela região no

contexto mundial, a globalização cultural, os recursos minerais, a política de meio ambiente, o último conflito entre garimpeiros e índios, que, forçosamente, deveriam esconder para que não houvessem repercussões fora do povoado.

Dom Matias cochilava enquanto discutia-se sobre as estratégias para a entrada definitiva de empresas no que restava para ser invadido das terras indígenas e nas formas sutis para expulsar alguns antropólogos que pudessem perceber o que faziam; deveriam acusá-los publicamente de acadêmicos preocupados em manter os índios presos em redomas. Às vezes, ele tentava queixar-se das seitas que começavam a disputar e enfrentar a soberania do cristianismo - propagava-se a instalação de igrejas protestantes, messiânicas, centros espíritas - mas, o forçavam a calar-se, dando-lhe tapinhas nas costas acompanhados de sutis e compadecidos gracejos que viravam gargalhadas quando ele sumia.

Irmã Isabel vê que Rosa Maria vira as costas, cata pedaços de cigarro no chão, está prestes a que? A freira pede desculpas pelo transtorno, volta a abrir calmamente o cadeado, os turistas entram e ela continua lamentando: "coitado de Dom Matias se a visse assim, depois de tudo o que ele fez ... que ele não a veja nunca mais" Irmã Isabel imediatamente lembra-se do rosto suado de Maria Assunção entre os arbustos, mas a única frase possível de ser ouvida é a repetição "coitado de Dom Matias". A freira continuava sendo aquela sobre quem nada preciso era possível ser dito; nem mesmo porque deixara as quatro crianças na casa de Judite de maneira tão enérgica e decidida. E nem através dos sonhos de

Antônio Sávio ela conseguiu ser devassada porque neles, perdera a consistência. O índio trabalhou na construção de estradas, escolas e igrejas, viu outras aldeias dizimadas, adquiriu um barco, viu bem de perto um deputado do Amazonas e outros bispos que visitaram a missão. Ouvia Dom Matias lamentar-se como era incômoda a coceira que as pulgas provocavam em seus pés e, quando deu-se conta, irmã Isabel era apenas uma imagem vaporosa de sonhos remotos que às vezes surgiam em noites de cheiros obscuros mas que ele tornara-se incapaz de reconhecer ou lembrar-se para contar a Mariana Aparecida, a mestiça que o aliviava das incoerências daqueles tempos.

Rosa Maria vai dobrando a esquina e irmã Isabel continua "coitado de Dom Matias" e era, como invariavelmente diziam algumas pessoas quando ela passava e atrás ficavam os sussurros de "ah, pobre Ismael!", "ah, pobre Miguel". "Pobre Marco Antônio" - o rapaz franzino e ingênuo que enveredou com ela atrás de uma única gota azul naquela cidade cheia de bueiros em dia de chuva torrencial que virou tempestade e ela, fazendo tudo aquilo com o rosto um pouco caído para o lado. Porque essa foi a maneira mais casta, pura, branda e ferina que encontrou para existir.

* * *

Uma noite acabada delineou traços que pareciam se alongar de uma ponta a outra da calçada, vindos dela, a noiva que se contorcia lenta, como uma enguia subindo riachos e protegendo-se do

caçador que a mataria golpeando sua cauda. "Não olhe assim horrorizada madame, não se assuste com isso meu senhor ... é Rosa Maria, a índia que há pouco se tornou esposa e agora brinca com sua sombra!". O transeunte sério que vivia sem a coragem de um dia quebrar relógios, ouviu a informação do cego esmoleiro tocador de flauta. Ele sabia que Rosa Maria tentava deitar-se sobre si mesma, atrapalhando o andar dos mais velozes e fazendo com que alguém pensasse como ela era feliz, sem horário, sem vergonha, sem responsabilidade. Um "semblante tranqüilo...", observou Margarida, já mais velha. Sentiu rancores: "esta não teve que passar a vida agüentando fregueses insuportáveis e, pelo visto, não tem obrigação de evitar que alguém sinta fome, aquela que faz com que um copo de água caia como um chumbo no estômago vazio". Margarida pensou ah, a fome. Que dor absurda! E continuou, com suas pernas inchadas de varizes: "bom dia freguês!", "bom dia freguês!", "bom dia freguês"!.

Rosa Maria perambulava com o vestido mais delicioso que já sentira sobre o corpo, sem ter lavado, ainda, o rosto daquela véspera em que chegou ao altar num desfile atordoado sobre o tapete vermelho; embora, com a agradável sensação de enfeites caindo dos cabelos. O braço direito envolvido naquele pedaço de pano reluzente provocava-lhe repentinos pânico de cometer algum erro e ser arrancada de uma fugaz proteção que a roupa lhe causava. Assim, concentrava-se em colocar ritmicamente um pé após o outro, passo após passo, sob a atenção dos elegantes grupos de casais com suas mudas interrogações. A índia pensava como alcançar a realidade

circundante, num esforço para não ouvir e nem levantar os olhos para os anjos que moviam as mãos bradando numa língua que ela já não lembrava, embora soubesse que chamavam seu nome; necessitou, por isso, do que seria uma razão descomunal para continuar com o pé direito após o esquerdo e assim conseqüentemente, pois, felizmente, deliciosos adornos não paravam de deslizar sobre ela.

Antonieta Sobral reparou como custavam sumir as manchas que seus pés deixavam no tapete, como duas placas largas, cogitando que ela tivesse os dedos muito distantes um dos outros; constatou, como havia previsto, que os enfeites não se adaptaram àqueles cabelos sem cachos, além da dificuldade causada pelo seu hábito de não centralizar a cabeça por muito tempo. No altar, a noiva tinha enfeites pendurados nos braços e pensava se deveria ou não voltar a olhar os anjos, quando Anita Guedes achou que devia se aproximar e dizer: "Rosa Maria, o que houve? é o momento"! e ela, passando da languidez ao susto e deste à irritação, respondeu ligeira e desenfreadamente que "sim". Até que Anita Guedes, comovida, entrevistou novamente: "chega Rosa Maria, já está bom. É só isso, basta ..."

Tirou os sapatos quando o calor ficou insuportável e, atenta, distinguia o barulho de folhas secas devoradas por chamas — que a distanciava cada vez mais de tudo aquilo — do barulho dos risos abafados que a acompanhavam quando, ávida e sedenta, bebia goles de champanhe, encantada com a lembrança de um lilás que exalava das camadas de renda e seda do seu leve vestido. Distintas senhoras comentavam sobre episódios onde cerimônias foram mal planejadas,

sobre etiquetas impossíveis de ser absorvidas por "alguém daquele tipo", como disse a senhora de tornozelos muito grossos e ralos cabelos cinzas que a fitava da cabeça aos pés, apertando com mais força o braço do velho marido. E, fazendo Rosa Maria abater-se diante daqueles quatro olhos que forçavam seu pensamento a crispar-se ainda mais em incêndios de folhas secas.

Alguns cogitavam sobre a causa que levava Anita Guedes a ter se empenhado tanto em dar de presente uma festa de casamento a quem mal conhecia, apesar do prazer que a pintora sentia em oferecer recepções e jantares, quando pessoalmente se empenhava em fazer arranjos, como enrolar talheres com guardanapos e ramos que prendiam o nome de cada convidado. Festas para as quais manejava candelabros com o mesmo prazer com que, durante o ano, pintava cortinas de acordo com cada estação. Talvez, tenha sido estimulada pelo ócio de um certo inverno. Ou, por aquele sentimento que a fez paralisar o pincel e observar, entre um risco e outro, a pele no vidro da janela, feita da água de uma manhã de chuva incessante. E, inconscientemente, apertar o sinal no lábio direito superior, vendo a passagem daquela mulher, um pouco desatinada, entre buzinas de automóveis.

Rosa Maria poderia ser uma índia prestes a repetir uma fuga naquele breu que parecia um rio estancado, sem o poder de aloqá-la ou absorvê-la em suas profundezas, como águas verdadeiras onde uma índia despida dos farrapos vermelhos havia sucumbido e, deixado em alguém, a crença de voltar à superfície novamente. Mas ela não ficou imobilizada; como se não houvesse nada conduzindo-a, exceto

um consistente latejar vindo do seu âmago, Rosa Maria movimentou as pernas como se nadasse no asfalto - sentia-se feliz, plenamente feliz obedecendo com entusiasmo as luzes dos semáforos, nada lhe comprimindo, nada lhe comprimindo. Nem o nada imperceptível. Parou diante da vitrine, olhou a expressão da boneca japonesa que sorria, reconheceu-se, imitou o gesto em seu próprio rosto um tanto infantil ainda e caminhou, sem a necessidade de seguir quem não a esperaria quando estivesse plantada na noite, com o barulho inesquecível das cachoeiras. Rosa Maria estava colossal em sua calidez. Acabava de sair da casa de Judite para onde havia sido arrebanhada com outras índias e caboclas e onde deixaram pedaços de madeira, correias, trancas e chicotes como que amaciados pelo contato vigoroso e sistemático contra seus corpos. Fugia, tentando libertar-se do que ilicitamente havia se inscrito nela, até não mais conseguir chances para despojar-se dos seus resíduos.

A neta da avó do universo tentava inserir-se no que a esmagava, esforçando-se para agir corretamente diante de todos e, naquele momento, mais que tudo, diante dos semáforos, resguardando a integridade de um físico pronto para os arranjos de um casamento. Anita Guedes, que nunca a tinha visto antes, comentou silenciosamente, vendo-a através da água feito pele translúcida no vidro da janela: "essa criatura parece criar segredos para o mundo, seu rosto é o de quem logo aprenderá a esmigalhar sua própria sombra". E tentou lembrar quem, diante dela, certamente diria: - perdão se vou embora, mastiguei a solidão escondida na tua boca e sinto um gosto amargo no vazio dos dentes. Anita Guedes continuou

olhando Rosa Maria que respirava, longe da casa de Judite onde viveu intensamente, já que dela não conseguia se preservar como fazia Maria Assunção, inventando histórias que, em algumas circunstâncias, conseguiram livrá-las das últimas conseqüências do terror físico.

* * *

Lá, na hora da sesta, sempre uma delas era chamada para embalar a senhora negra e gorda, uma senhora imensa, numa cadência inconcebível mas que fosse capaz de espantar o calor e fazê-la dormir. Num desses dias, Rosa Maria foi acusada de lhe proporcionar o mais tenebroso dos pesadelos - havia cochilado indevidamente, fazendo com que a senhora saltasse de uma rede paralisada sem que a índia pressentisse a tortura que a atingiria. Maria Assunção arregimentou uma força extraordinária na voz e, escondida atrás de uma porta, começou a gritar, que "um certo dia, então... alguém com o peito abalado esquecia tanto que nem eu posso continuar...porque era uma vez, era uma vez minha senhora, uma vez Rosa Maria...". Naquele momento, a senhora surpreendentemente começou a chorar, a espancar chorando. Nela, havia se entranhado a forma correta de espancar: sabia os lugares exatos onde mais doía e, muitas vezes chorando, batia até paralisar angustiada. Depois, balançava-se com mais velocidade numa cadeira de palha que rangia solenemente quando ela acordava jurando que, a seu redor, havia uma grande farsa que deveria ser desmontada. E então, voltava-se furiosa contra as

meninas, violentando e violentada: - "Defende-te de mim Maria Assunção, porque tens uma cabeça piolhenta de onde só saem mentiras esquisitas!".

- "Defenda-se de mim senhora, porque já lhe vi chorando escondida".

Dentre as quatro meninas, a senhora voltava-se principalmente contra Rosa Maria, que, com o passar do tempo, parecia ficar cada vez mais inerte diante de tudo, embora, quando isto evidentemente acontecia, a senhora a torturasse ainda mais: - "Defende-te de mim Rosa Maria, índia lerda, índia da fala atrapalhada. Mas que, mesmo assim, vejam só ... teve a felicidade de nascer com a pele mais branca do que eu!. Rosa Maria, índia branca desgraçada"!.

À noite, Maria Assunção escalou sacos de feijão, de arroz, farinha e batata, estocados na despensa daquele casarão antigo onde a luz do fósforo denunciou a índia semi deitada num canto, com mechas de cabelos grudadas num golpe ainda sangrando e hematomas no corpo, onde já nasciam os seios. A índia repetia um chamado distante e fraco: "Assunção, Assunção... vem?". Maria Assunção aproximou-se, lambia, esfregava cuspe tentando limpar a mancha de sangue coagulado na ponta do nariz e numa das orelhas encardidas da índia, enquanto a saudade de Dom Matias transformava-se no ódio dolorido e impotente diante do elo entre aquele corpo corroído e os juizes, delegados e autoridades que freqüentavam a casa daquela senhora. E, diante dos quais as meninas eram chamadas para que exibissem os ferimentos que ela mesma causava, sem que houvesse reação diante daquilo, exceto olhares mais humildes e temerosos para alguém que tinha o poder e orgulho de massacrar corpos e

emudecer pessoas. Maria Assunção contou histórias para Rosa Maria, depois, ao tentar ir embora, ainda ouvia: "Assunção, Assunção... vem"?. Respondeu-lhe: - "Espera índia mijona, depois eu volto". Espera Rosa Maria.

A senhora era reverenciada e, às vezes, chorava enquanto batia. Depois, com as meninas de pé ao seu redor, fechava os olhos como se estivesse em transe e, com a cabeça próxima ao aviso para que Deus desse em dobro tudo o que lhe desejassem, ela praguejava os juizes que, junto com suas famílias, invadiam seu casarão consumindo os suculentos pratos de tartarugas.

Praquejava os delegados que a prenderiam caso não ocultasse os crimes que eles praticavam, praguejava os políticos que viviam a seus pés pedindo que rezasse para que eles conseguissem cada vez mais poder sobre aquela província. A senhora iludia-os, porque, realmente, odiava aqueles brancos, detestava aqueles comerciantes asquerosos que a pisoteariam, que a levariam a uma escravidão nunca superada caso não provasse que sabia gritar. Que sabia bater muito bem, mesmo chorando. Embora depois, ela chamasse as meninas e lhes ensinasse orações caseiras contra homens grosseiros que, na verdade, sempre a deixavam em pânico; ensinava como deveriam preparar ungüentos com mastruz, copaíba ou andiroba para aliviar os machucados. Ou, como poderiam esconder em seus corpos pedaços de folhas como urtiga ou arruda ao se aproximarem dela nos dias em que amanhecesse gritando, para que suas próprias forças fossem aniquiladas.

Os dedos delicados de Judite apoiavam-se no corrimão quando

a senhora chamou Maria Assunção e ordenou: - Conte uma história.

- Ande menina, repita aquela em que um homem ficava de pé em cima de um muro, esperando...

- Eu não lembro dessa.

- Era um homem que olhava para baixo do muro...

- E tinha medo de ir lá e aparecer como bicho feio também?

- Não, não é essa. Invente outra.

- Não posso. Não sei mais.

Os olhos de Judite piscavam descontroladamente, Maria Assunção, após um soco no estômago, lançava-se nas pernas daquela senhora gorda e imensa, arrasta-se no chão tentando proteger a boca mas, a senhora parece uma vaca com as patas enlouquecidas. Judite implorava, do alto da escada, para que Maria Assunção contasse pelo menos uma, mas não foi atendida no seu apelo e, dias depois, ainda com a boca partida, ela e Maria índia estrepavam-se nas cercas vizinhas, numa fuga triste porque Maria Rita e, principalmente Rosa Maria, desta vez, não iam junto. As duas corriam pelos quintais, subiam e desciam muros, velozes, compassadas, estagnadas, antes que os padeiros, com seus gritos, acordassem o bairro. "Nós vamos prá onde Maria Assunção?" perguntava a índia, e ela respondia que tivesse calma, murmurando, desconexamente, que iriam para uma fortaleza onde pudessem dormir, comer, crescer e combater o ser que desejava consumi-las tão depressa.

- A gente tá fugindo Assunção? - Mais ou menos. A gente só faz ir. A gente vai.

- Me espera. - Me espera também.
- Tu és freira? - Vou ser. Só depois.
- Como irmã Isabel? - Sim. Um pouco.
- Por que? - Porque defende. A gente precisa.
- Defende do quê?. - De nada.
- Me leva. - Me leva também.
- Que é isso? - Açúcar.
- Tu roubastes? - Sim.
- De onde? - Da dispensa daquela senhora. Prá melhorar.
- Eu também quero. - É prá nós duas.
- Vamos? - Vamos.
- Me leva. - Me leva também.

Maria Assunção partia ouvindo o eco "Assunção, Assunção... vem"?. Mas o ardor da fuga era sólido. Como sólido era o eco ao qual ela não podia ceder. Estavam no meio da cidade, com seus portões pesados em ruas desconhecidas e intransponíveis; dirigiram-se para o mercado à beira do qual havia o rio e onde ninguém olhou com perplexidade as queimaduras de ferro quente nos braços de Maria índia. Havia algo de sereno naquele lugar, despertando em Maria Assunção uma certa segurança como um ranger de dentes desagradável mas que lhe indicava os motivos de uma ausência. Embora, persistisse nela o eco de Rosa Maria: "Assunção, Assunção... vem"?.

* * *

A notícia da partida, alardeada quando Judite acordava,

aumentou o tamanho do casarão, a senhora aumentou de proporção e de força. Aumentava a amplidão e o peso dos paneiros com farinha que eram arrastados nos corredores e na cozinha pelos braços daquelas mulheres que quando ali haviam entrado, ainda sem vestígios de adultas, haviam sido enfileiradas para que, diante dos seus braços caídos e paralisados, a senhora as revistasse minuciosamente; e, entre gargalhadas, desse a cada uma o apelido mais humilhante e infalível, contrariando tudo o que fosse belo, humano, útil, racional ou delicado. As palavras, para ela, deveriam ferir.

No dia da partida, o vácuo no peito de Judite se expandiu junto com o moto dos móveis, os ratos no telhado e as teias de aranha. Essa amplidão a impediu de sair do quarto com portas imensas em todas as paredes, construídas para que estivesse sempre às vistas daquela senhora e, sua proteção de adolescente fosse assim facilitada. A visita do doutor Pedro Saldanha, chamado para verificar seu estado de fraqueza, deixou-a mais constrangida diante de Rosa Maria que agora, deveria ajudá-la a subir as escadas, a calçar-lhe os sapatos, a permanecer ao seu lado ao cair da tarde, quando Judite ficava olhando pela janela como uma princesa encarcerada em desalento. Principalmente, quando recebia olhares chispando de ressentimento daquelas mulheres que às vezes lhe enfraqueciam o ar e faziam com que seus cílios ficassem ainda mais frenéticos - "como fazer com que gostem de mim? quem será capaz de me amar e proteger mais que esta senhora que as maltrata?". E as mulheres arrebanhadas continuavam a atormentá-la com suas chispas de ressentimentos. Como se ela... Como se seus olhos de cristã e

civilizada não piscassem freneticamente por elas!.

E então recorreu a Rosa Maria, como antes, quando entre elas estava Maria Assunção, mas, o rosto da índia, agora, aumentava ainda mais o seu medo da amplidão desconhecida do mundo lá fora. Um mundo que continuava chegando-lhe através daquelas mulheres arrebanhadas e que Rosa Maria passou a querer devassar olhando pelas janelas, sem fitar quase mais ninguém. Sem fitar sequer Judite, como antes, quando a senhora as proibia de conversar e elas lançavam-se em gestos, murmúrios e meio risos e o casarão tornava-se menor e a senhora menos gigantesca.

Judite distanciou-se de Rosa Maria, voltando a admirar sua coleção de bonecas, sem poder tocá-las porque era proibida de brincar; na hora do crepúsculo, seguiu a rotina de sentar numa cadeira de pernas muito altas, feitas especialmente para ela, de onde olhava, através das grades da janela, as pessoas do bairro que passavam, muitas parando para observar suas roupas, jóias e o penteado muito alto, sempre com algo reluzente. Até o momento em que as índias e caboclas comesçassem a passar com os fogareiros e a casa recendessee a cheiro de incensos, ervas, chifres de boi, e ela, enfim, entrasse em seu quarto desejando uma volta, mesmo que humilhante, de Maria Assunção. Porque costumeiramente havia quem encontrasse as cativas que fugiam e as levassem de volta, cabisbaixas, diante de uma pequena platéia curiosamente estagnada e em defensiva diante do poder que a senhora possuía de violentar profundezas com as palavras, com os braços, com as mãos. Por meses Judite continuou indo ao segundo andar do casarão de onde seu olhar

percorria as telhas antigas e a chaminé da cozinha. Distraía-se contando as mangas que rolavam naquele teto e admirava as araras espalhadas no quintal, que a senhora obrigava estivessem sempre com as asas cortadas para que não debandassem com seus gritos. Três vezes por dia, a senhora tocava naquelas aves com uma vareta muito comprida ensinando que repetissem: "a patroa passa bem? Quer que lhe sirva em alguma coisa"?. Quando ouvia a saudação, sorria agradecida.

Rosa Maria cresceu com seu rosto plácido e emudecido, cada vez mais lenta quando havia relâmpagos e ela tinha o dever de subir e descer escadas para cobrir os espelhos, os objetos pontiagudos e os de aço como as tesouras, alicates, garfos e facas para que os raios não fossem atraídos àquele casarão. Diziam que perdera de vez os sentimentos, que lhe faltava sangue nas veias ou que o cérebro havia enfraquecido pois a surpreendiam levantando levemente as cortinas e olhando para o espaço, sempre calada, buscando cumplicidade em sua própria solidão. Porque, desgraçadamente, haviam os anjos que bradavam a ela.

Desgraçadamente, como naquela cerimônia de seu casamento onde tentava, inutilmente, livrar-se daquele estado costumeiro de suspensão. E o que desejavam eles, os anjos - principalmente o de roupa cor de rosa que tinha os dedos longos direcionados a ela como se fosse ao seu encontro - senão oferecer-lhe as setas de como conduzir o barco de sua individual e quase inefável complexidade? Setas impossíveis de serem acionadas e aceitas por onde passava, fazendo-a agir como se estivesse insana. Por isso, às vezes, Rosa

Maria odiava aqueles seres egoístas que a retiravam do mundo tangendo ao seu redor, fossem deixando-a suspensa ou fazendo com que afundasse vertiginosamente debaixo da terra; mas sempre isolando-a, sempre isolando-a, sempre aqueles malditos anjos, carregando-a e, capazes de manter sem rompimento suas invisíveis cordas. Isolaram-na ainda mais após a partida de Maria Assunção, porque ela sim, era capaz de perceber aquilo e roubá-la daqueles seres alados, ajudando-a a deslizar e ficar ali, perto de tudo, de um mundo que também maravilhosamente tangia. Perto daquele mundo para o qual Maria Assunção havia partido, mas, onde não caberia uma Rosa Maria incapaz de descer e subir correndo escadas apodrecidas, sem conseguir manter ereto o pescoço diante dos abalos do mundo. E dos abalos das palavras no mundo.

* * *

Palavras atravessavam incessantes a sala de Anita Guedes. Palavras escorriam tão vivas daqueles perfis que observavam os quadros originais, os objetos raros provenientes de longínquas regiões do mundo; palavras recaíam sobre a coleção de orquídeas, sobre instrumentos raros de grupos étnicos ainda isolados ou já exterminados. Palavras eram repetidas, sofriam acréscimos na próxima boca, fortificavam uma idéia e viravam uma corrente tentando diluir um discurso secular solidamente pronunciado. O rosto de Aroldo, o filósofo, era belo, inteligente, suave e, suas palavras corretas, enalteciam e desdenhavam as façanhas do século,

os atos heróicos que ele chamava de comportamentos ingênuos - "mortes sem sentido", "mortes em vão!". Sim, não! sim... e palavras rodopiavam como redemoinhos pela casa.

O ódio também rompeu em palavras nos lábios vermelhos da mulher esguia que contava de sua aversão pelos cachorros e seus latidos durante as madrugadas. A raiva foi se espalhando pelos braços erguidos, pela maquiagem tênue, pelos seus cabelos abundantes e avermelhados - de tanto odiá-los, dizia ter aprendido a distinguir o rosnar de diferentes espécies de caninos, a identificar a idade do animal pela marca de suas mordidas e jurava que, ao encontrar uma matilha perdida em uma planície sem ninguém, facilmente saberia a quem pertencia cada cão. O filósofo balançava o gelo no copo de uísque; ouvia, sorridente, aquele discurso fantasticamente compulsivo de quem acreditava que um homem pudesse ter a posse de um cão. O filósofo cada vez mais a olhava, como se o encantasse aquela repelência que dela pairava ainda sobre os peixes. Sim, sua aversão por esta espécie também era tanta que a mulher teatralmente imitava, com os braços, os movimentos de uma coleção que durante algum tempo existiu no interior de um aquário. Até o dia em que, terminada sua paciência para esperar que morressem normalmente, ela os sufocou, impetuosamente, num sanitário de apartamento nova-iorquino.

O fato provocou uma explosão de risos. Anita Guedes não se inteirou dos motivos porque vislumbrava, distanciada, a beleza daquelas pessoas tão alegres, exclamativas e elegantes, enquanto as frases, continuavam rodopiando pela casa inteira. Velozes,

audaciosas ou escondidas, espalhavam argumentos sobre ideologias ultrapassadas, visualizavam ações futuristas prevendo o inédito, como se não reconhecessem os prenúncios do que já havia acontecido naquilo que ainda esperavam. Empolgados, discorriam sobre política, jurisdição, os impasses da ciência, as exigências inesperadas dos grupos minoritários ou sobre cibernética, astuciosamente perseguindo almas.

Anita Guedes, como num choque inesperado, pensou na relação e no sentido que poderia haver entre aquela festa e a presença de Rosa Maria que, vivendo uma aventura comprimida nela mesma, percorria com o dedo indicador os labirintos dourados da pintura feita na madeira de um armário verde. Estava tão alheia que a coerência de sua presença ali só poderia ser explicada devido a dependência de Anita Guedes pelo algo poderoso e indecifrável que parecia existir imerso nela. Embora, a índia estivesse ali à vista de todos, tão palpável e espontânea amparando palavras que caíam no chão. Sem dúvida, era a pessoa mais simples e autêntica dentre todos ao seu redor e também dependente do que Anita Guedes lhe transmitia naqueles traços que seus dedos percorriam. A noiva, que chamava atenção pelas atitudes desconcertantes, estava tão distraída que sequer ouviu quando as palavras começaram a recair sobre ela. Sequer percebeu os olhos do adido cultural espantados com sua displicência e a pergunta, não a ela, claro, mas à mulher que interrompeu seu rancor pelos cães e peixes e lhe respondeu agilmente que no Brasil ainda existiam 280 mil índios falando mais de 180 línguas diferentes. E aquela, uma remanescente de um grupo

aculturado que já nem poderia mais ser considerada uma índia porque, baixou o tom de voz, do jeito que olhava para o rapaz de longos cabelos loiros, parecia mais uma prostituída. Uma farsante, talvez.

O adido cultural observou os seios da índia que arfavam; ela, entretinha-se deslizando os pés no chão de madeira exageradamente polido. Na sua lógica, a maneira insistente como Rosa Maria olhava para o rapaz, tão prestes a segui-lo numa entrega espontânea, só poderia ser justificada pela pulsão sexual. Em que mais aquele adido com um ar um tanto estúpido, seria capaz de ancorar seu pensamento ao ver aquilo?. Ele resolveu segui-la pelo corredor e a viu sentar-se daquela maneira fazendo seus gestos desvairados. Não teve coragem de escancarar a porta entreaberta porque num relampejo que o encheu de vergonha, lembrou-se do que acabara de ouvir: "...a empregada de dona Judite, a empregada, a empregada". E continuou, estagnado, olhando-a. Quando o percebeu, ela mesma falou, compassadamente, rígida: "adido, seu pulso não me fala nada. O adido não entende meu vestido roxo. O adido não sabe compreender de mim". E, rindo desdenhosamente com seu franzir costumeiro no alto do nariz, repetiu tantas vezes que ele, irritado, deu as costas, enquanto ela continuava, sozinha: "empregada de dona Judite não é?. Adido cultural. Adido. Palavra, adido". Na segunda-feira, em seu escritório, ele relaxava rodopiando na sua cadeira giratória. Uma funcionária entra em sua sala, faz-lhe uma recepção festiva, agradável. Ele fica encantado, acredita no seu abraço, no seu carinho; ela visa unicamente seus

interesses e, politicamente, ainda o elogio. O adido a corteja. Ela sai pelos corredores, ridiculariza-o pelo que ouviu, chama-o de profissional egocêntrico e medíocre, repete a situação em outros dias mas, sorri gentilmente ao vê-lo passar; ele acredita em sua sinceridade e simpatia. E do rosto carrancudo e antipático de Rosa Maria olhando para ele naquele quarto, nada conseguiu sentir além de uma aversão, algo indigesto que ele esquece rapidamente. "Ah, uma esquizofrênica qualquer. Uma farsante!".

Anita Guedes havia entrado no quarto e não estranhou que Rosa Maria jogasse sem pauceria e conversasse sozinha, embora, a constatação de que a índia não tivesse absorvido o compromisso recente a tenha surpreendido como outro inesperado choque. Mas, essa era uma atitude normal que a salvaria do pior, se Rosa Maria era sempre daquele jeito, meu Deus! assim tão desconcertante. Assim tão, tão, ela não sabia exatamente como definir. E dentro as catalogações que fez sobre aquele noivo, atundado numa imensa poltrona, escolheu como o seu maior mérito, o de permanecer sempre como um distante desconhecido. E suspirou, estranhamente aliviada: "ainda bem", "ainda bem"! "Melhor para ela".

Rosa Maria era vulnerável à beleza iluminada da casa de Anita Guedes mas, o desejo de algo na noite impondo-se, como se alguma penumbra pudesse lhe proporcionar um encontro de palavras, a fazia procurar o faro do luar. Antes de sair, a índia ainda olhou o quintal, a agradável varanda circundada de plantas e flores, admirou os poucos e belos rostos que horas atrás estavam loquazes e foi percebida pela mulher de quadris largos e roupa negra que

tinha as faces escondidas entre os longos cabelos. Ela observou a saída daquela noiva enigmática mas, não a chamou porque não teve o mínimo interesse nisto. Não estava ali por Rosa Maria e era até melhor que fosse embora. Pois assim, ficaria livre da obrigação de cumprimentá-la e expor-se a vexames. O que acontecera a Antonieta Sobral quando tentou demonstrar um afeto inexistente pela índia, deixando em seu rosto aquele simulacro de um beijo do qual ela imediatamente tentou livrar-se, limpando com a barra do vestido aquela carga de hipocrisia e abjeção que sentira. Embora, os risos vermelhos a tornasse ainda mais ridícula, principalmente para quem comentou, revoltado, "viu como são? como não conseguem, como é impossível ajudá-los?", "olhem a borradeira que ela fez na cara, estragou toda a maquiagem. É muito grosseira"!).

O rosto plácido de Rosa Maria parecia desmontar quando ela sorria. Desta vez, exibiu seus dentes que pareciam pedaços de marfim e jogou pela sala as suas frases desamparadas: "roedor de aranha", "roedores de aranha". A índia vagava pela sala, rodopiava, dançava brincando com o buquê, dançou bastante, interferia na conversa entre os pares, entre os círculos "roedores de aranha" - aproximou-se da mulher do adido cultural que não conseguiu desembaraçar-se dela educadamente enquanto o marido fazia de conta que não a via. Embora, tivesse curiosidade em saber como as índias que ainda andavam nuas se protegiam durante o fluxo menstrual. Não ousou perguntar. Seus olhos cinzas percorriam os malabarismos de Rosa Maria - sentiu-se intrigado, desiludido, quase triste. Observou-a aproximando-se novamente do rapaz de longos cabelos

loiros, beijou-o nos braços com fartura de saliva, tocou seus joelhos mesmo que isso corasse visivelmente algumas faces mas, o rapaz não sofria transtornos com aquilo. Ele não estava com a camisa xadrez azul usada quando encontrou Laura Dimas e conseguiu travar o pacto necessário para que ela lhe contasse o que provocava a força dos seus tremores e sussurros. Rosa Maria o enlaça, ele vê em seus gestos uma perfeita coreografia da saudade, da saudade dela mesma, e, vai retirando devagar um terço azul que comprimia seus tornozelos e que estava ali, esquecido desde a tarde, quando a vestiram de noiva. O moço contrariava os que transformavam Laura Dimas num empecilho - apesar de anônimo e disperso - para a nação brasileira.

"A festa está monótona"!, "Vamos mudar de assunto"!, gritou um convidado excêntrico mas, os sentimentos xenólobos e nacionalistas ali mesmo continuavam a rotular o moço loiro. Alguém torce o nariz referindo-se a ele: - "Sua língua não pode captar um sentimento latino. Só nós, com a sensibilidade latina à flor da pele podemos compreender a complexidade da questão dos nossos índios e não ele, um anglo-saxão".

Entretanto, Rosa Maria não o chamava "roedor de aranha". Tocava no relógio que ele usava, "bonito", "lindo"; roçava-se nele em toques mínimos e com a maestria de uma medusa a ponto de André Araújo deixar de ouvir os elogios de sua mulher que havia passado a noite chamando-o de super-dotado para comentar indignado a falta de racionalidade que parecia atingir as pessoas em geral, as pessoas ali. Olhou Rosa Maria, franziu o cenho, não pigarreou

porque não tinha esse hábito mas, pronunciou arrogante um discurso misturando princípios iluministas à dificuldade de abstração daquela noiva falando termos ilógicos como aquele: "roedores de aranha". Frase que achou combinar com as opiniões que ouvia a seu redor e achava tão medíocres. Ali? aponta ele, - "assunto de mulheres", lá, "falsas polêmicas", à direita, "bobas discursões partidárias", do outro lado, "questões esgotadas", aquela ali, falando sobre o que? Ah sim, "uma positivista!" Entediava-se, a mulher o fez perceber as preocupações superficiais de Anita Guedes que não parava de elogiar o vestido da noiva. "Sim minha querida, não sei o que acontece com Anita Guedes, uma excelente pintora, sem dúvida, mas, não pára de se referir a esse vestidinho ... as aparências, a ela só interessa as aparências".

Falava com severidade. Discorreu facilmente sobre Kant, sobre literatura. Quase agonizava de tanta veemência ao falar sobre a "péssima literatura" que alguém como aquela índia poderia inspirar: - "Sim, ela pode servir para mais um desses péssimos contos que estão sendo produzidos ultimamente, e isto, porque os leitores andam muito complacentes, pouco exigentes". E continuou olhando para a noiva: "ela é uma impulsiva, age por instinto, reparem, nada dela resulta de algo bem pensado, não elabora o seu raciocínio. Uma niilista pós-moderna". Entediava-se novamente, àquela hora da noite poucos estavam dispostos a ouvi-lo, procurava um intelectual para contestá-lo, alguém que ele pudesse humilhar publicamente, alguém que ele pudesse sufocar com o que achava fossem suas brilhantes idéias. Não encontrava interlocutor a altura e, um diálogo com

aquela noiva biruta e insensata era inadmissível. Mas arriscou uma última opinião sobre ela: encaixava-se perfeitamente no ultrapassado movimento existencialista - "a que mais além disso? Ela só lembra a vida, a vida. A vida...Ah! a vida... chega de baboseiras!. Nenhuma estética ela propõe". Fazia generosas reticências, balançava desdenhosamente a cabeça, torcia o canto da boca, "a vida que não se compara ao pensamento, às idéias universais, à moral sublime...". Sua esposa sacudia a cabeça, orgulhosa da inteligência elevada do marido. Entusiasmada, completou: "sim, apenas a vida...ah", estalou novamente a língua. Rosa Maria, um alguém que na sua opinião não sabia carregar com galhardia as imposições que uma sociedade determina à mulher. André Araújo recostou-se no espaldar da cadeira sem ter quem o deixasse quase aterrorizado quando um livro que não havia lido era esporadicamente, ou não, citado. Sentia-se então humilhado, desafiado; havia decorado citações enciclopédicas mas não obtivera ainda a segurança de pelo menos sentir-se inseguro e dizer um não sei. Não sabia movimentar-se fora dos discursos conceituais, e, quando as circunstâncias ofereciam esse perigo, procurava alguém para uma disputa intelectual quando agredia com astuciosa acidez. Vivía catando situações para expor suas sábias humilhações públicas.

A festa acabava, ele pediu um analgésico, sentia dor de cabeça. Eram excessos de pensamento, mal-estar ocasionado pelo exagero de reflexões, de leituras: - "é, nós, que pensamos demasiadamente sofremos sempre estas crises". A enxaqueca do

vagabundo ou do mecânico da esquina? Sentimentos banais. Um conto sobre Rosa Maria?. Mediocridades cotidianas. O seu mal estar não, tão complexo, era algo que ele insinuava como consequência de sua genialidade. Anita Guedes compreendeu a distorção do que desejou ter oferecido a Rosa Maria e interrogou-se por que suportava aqueles pequenos grupos, embora estar com eles reforçasse a comunicação mútua e seu encanto por aquela noiva tão distante de um crítico arrogante e decepado. Mas, lá vinha alguém aproximando-se e Anita Guedes atravessou a sala, deixando, mais uma vez, de continuar uma reflexão iniciada.

* * *

Havia tanta coisa emocionante ali na casa de Anita Guedes, sim, havia! Havia ela própria, enxergando Rosa Maria e beijando-a sem a necessidade daquela mímica grotesca, como outros haviam tentado tocá-la. Havia muito ali; mas, Rosa Maria quis o único ramo de orquídea que sobrara, caído sobre a toalha verde-mar. Apanhou ainda um sabonete fino com desenhos relevantes de pequenas estrelas, enrolou num guardanapo de papel, apertou tudo entre os seios e saiu, levando também o que havia em Anita Guedes e no rapaz de cabelos loiros, capaz de fazê-la pensar em um dia novamente voltar ali.

O vestido não pesava, o asfalto não incomodava seus pés e assim, descontraída, andou, andou, até sentar-se no degrau de mármore da cantaria de um prédio público, encostar a cabeça numa

coluna monumental e, dormir. Antes de voltar a caminhar, enfrentou o grupo violento querendo arrancar-lhe o brilhante, mas ela demonstrou não haver necessidade da agressão, só um lento arrancar de anel do dedo roliço. Tanta facilidade na entrega do que era necessário roubar foi visto como uma armadilha dos falsificadores de jóias, embora um deles ainda tenha hesitado: "não é bijuteria, ela é doida mesmo"! E a noite acabada deixou também uma aliança reluzindo no chão. Até que no céu surgiram os círculos de fogo e ela começou a sentir saudade das enguias. Teria sido aí, então, que tudo teve início?.

Amanhecia quando Miguel passou, descobriu aquele ramo de orquídea já murchando entre seus seios, perguntou se ela era tonta mesmo ou uma cínica muito encantadora. Ela respondeu: - uma enguia... como uma enguia. Ele riu: - "Um pouco gordinha mas, sim, uma enguia. Eu sei, tá bom, uma enguia. Aliás Rosa Maria, tu cabes muito bem dentro desta palavra - enguia. Enguia com um sexo triunfal!". Ele a procurou em muitas encruzilhadas mas ela já estava ali, no seu cangote, descobrindo maravilhada uma pinta que nem ele sabia que possuía. Depois, Rosa Maria continuou a brincar com sua sombra na calçada.

* * *

Havia transparências no vestido molhado, já sem alguns bordados e com a barra desfeita, quando Ismael a encontrou numa manhã de sábado e a seguiu num trajeto durante o qual as últimas

pérolas falsas e botões foram rolando por ladeiras, asfalto e calçadas. E ele perseguindo-as sem dar-se conta do quanto havia andado e de que estava sendo acossado por uma paixão que o fez parar imediatamente em frente ao ginásio e, com seus gestos distintos e insolentes, mergulhar os braços vigorosos num bueiro, retorcendo a água impulsiva e poluída. O gesto deixou extasiadas e curiosas algumas colegiais que o chamavam, Ismael, Ismael!, enquanto Rosa Maria, parecendo uma louca ou a mais fanática pagadora de promessas dobrava mansamente a esquina. Entretanto, ele já não ouvia chamados e, com a calça branca de algodão pesada do barro, Ismael correu para lhe dizer: "olhe, consegui encontrar oito pérolas do seu colar. Além do mais, eu sei como é o seu nome. Sei como se chama. Eu lhe reconheço. Reconheço o seu cheiro e a corrente que prende os seus sonhos". Ismael tentou, inutilmente, reconstituir a bijuteria já quase totalmente destroçada em volta do seu pescoço e, abraçou-a como se fosse um esqueleto absorvendo aquela carne onde uma nova alma seria criada.

Ela afundou o nariz no seu peito peludo, passou a mão no braço colossal e bronzeado, ferindo-o sem querer ou saber com as unhas um pouco compridas. Enquanto as cortava, Ismael ia calmamente lhe repetindo ser necessário que as mantivesse curtas, muito curtas, porque havia unhas assim como as dela. Que irresistivelmente atraíam muita poeira. Quando Rosa Maria vagamente o olhava, Ismael lagrimava e pedia para não ser olhado daquela maneira pois, era como se ela estivesse brigando com o mundo. Se assim fosse, teria que perambular sozinha e ouvir sem mais ninguém

as zombarias contra ela - o que eles dizem Ismael?. - Não interessa. Deixe que eu tape teus ouvidos. Assim ouves?. Não?. Então, está bom assim?. - Está. Assim está. E iam. Ismael distraído, reforçando e necessitando da ilusão de protegê-la, sendo arrancado de seu vazio e causando constrangimentos quando gritando perguntava diante de tantos a quem olhava fixamente, qual a lucidez justa entre aqueles que riam, capaz de acusar a loucura daquela mulher com o rosto inofensivo caído para o lado. Qual a lucidez daqueles que ouviam tão pouco, embora falassem tanto, era suficiente para acusá-la, se ela, além de ouvir o que falavam, ainda era capaz de compreender os rumores daquilo que ele mesmo tinha tanto medo? Sim, ele sabia que ela ouvia muito. Mas necessitava da ilusão de protegê-la.

Quando vagamente o olhava, ele voltava a repetir: "não me olhe assim. Por favor Rosa Maria, não me olhe assim, não me provoque um vendaval". E normalmente fechava seus cílios com a boca macia e sensual, e ela via os olhos grandes e amarelos de Ismael como os de um camelo quase adormecendo em seu rosto de homem sorridente que surgia dos locais mais inesperados do seu corpo. Na cidade, injuriadamente diziam e lastimavam que Ismael sucumbia ao caos.

Eles passavam pela praça e a manifestação política havia aglomerado uma multidão revoltada onde alguns cansados do esforço de apenas gritar, tentavam perfurar os olhos do governador, lançando pedras no out-door onde o rosto do político permanecia inatingido; e Ismael, envolvido naquele tumulto, não ouvia quando

ela pedia que fossem dali porque havia algo contra ela no vozerio ao redor: "Ismael vem, vamos embora!". Mas ele apertava seus dedos aconselhando ser necessário que uma índia como ela aprendesse a vaiar como todos aqueles, além do mais, ouça Rosa Maria, ouça como eles gritam também: "viva as minorias, libertem os negros, protejam os miseráveis e assalariados, defendam os índios, os índios nossos irmãos. Ouviu? Eles falam sobre ti. Está ouvindo Rosa Maria?. - Venha cá, olhe ali, ali, naquela direção, ali minha querida, deixa eu te ajudar, não seja assim tão cabeça dura. Suba nos meus ombros, vê aquele rapaz de óculos com lentes grossas?. Chama-se Emanuel e tem a pele doentia. Ouça como queixa-se, ele diz que passa mais de dez horas diárias, de segunda e às vezes até domingo, trancado num escritório sem tempo sequer para olhar a torre da cidade pela janela ou conversar com amigos. Ouça, ele reclama que trabalha como um burro tentando defender seu povo. Mas, preste atenção!, lamenta que não pode fazer excursão ao exterior, ganha muito mal. Está vendo Rosa Maria? Dá para enxergá-lo?".

- Não, ainda não. Tem muita gente no meio.

- Estique o pescoço um pouco mais para cima, ele está perto daquele rapaz que se exhibe saltitando com uma muleta. O que tem a perna engessada, deve ter caído de alguma árvore. Esse acha que sem ele os oprimidos não sobreviverão. Ganha milhares de dólares para salvá-los. Dá prá ver?.

Rosa Maria não faz o mínimo esforço para enxergar. Pára quando vê a roupa escura do jovem Emanuel semelhante a de um pastor com o coração ácido capaz de enterrar nos vãos de sua medula um

frio metálico e letal. Rosa Maria sabe do que Emanuel é capaz de fazer. Ela livra-se, ela quer livrar-se dele, ela vai livrando-se até agora. Quer ir embora, pede para descer dos ombros de Ismael, insiste para que caminhem. Ismael repetia que ela necessitava criar forças. "Respire fundo minha querida, assim, solte os pulmões, experimente, já... pelo menos tente, tente. Tente Rosa Maria!". E só quando tem certeza de que os gritos de "madona fraudulenta" e "direitista disfarçada", entre outros insultos, são dirigidos a ela, Ismael fica aterrorizado e pensa não ser possível que um grupo clamando contra injustiças a visse daquela forma, e fossem tão ruidosamente contra ela. Talvez em consequência da sua roupa tão bizarra, ou por aquele seu gesto, às vezes patético, de ficar sobressaltada ouvindo anjos?. Ou por aquele vício de entrelançar-se nele, daquela maneira, publicamente, como se o mundo não necessitasse de paredes? Nesses momentos Ismael achava necessário pegar carinhosamente seu rosto caído para o lado e ensiná-la, enérgico: - É preciso que aprendas a odiar esta multidão que grita contra suas próprias humilhações mas ri desse jeito às tuas costas. É preciso também ser arrogante, falar alto também. É possível para ti?. É possível Rosa Maria?.

- Não precisa disso.

- Então pronto, o problema é teu.

Ela balançou a cabeça negativamente e eles decidiram ser um homem e uma mulher que dançavam atravessando a praça pública numa harmonia ao som de seus próprios ossos enquanto alguns os chamavam de alienados, despolitizados, reacionários, esquerdistas idiotas,

fanáticos massificados. Aos que os olhavam mais chocados ele afirmava categórico: "Rosa Maria não é louca, ela não enlouquecerá nunca, nenhuma sociedade, nenhum partido, nenhuma ideologia, nenhuma doença, nenhuma casta arrogante, nada mais terá esse poder sobre ela". Nesse dia, passaram pelos garotos pendurados nos galhos das castanholeiras que os chamavam e davam adeus, depois, mergulharam no chafariz onde crianças famintas batiam palmas e gritavam "viva a noiva, viva a nossa noiva". Rosa Maria mergulhava como o boto, imitava o tambaqui, jorrava-se como enguia e eles aplaudiam, aplaudiam, como eles aplaudiam!. Ela ria tanto que foi necessário Ismael ajudá-la a arrumar seu vestido, percebendo como a cada dia ficava mais desbotado e vazio. Enquanto dormiam, ela pensava em acordar e ouvir dele: "Rosa Maria, ouça..., ouça seus anjos para conseguir atravessar essas multidões. Do jeito que você é, com esse Rio Negro mergulhado sempre, é necessário ouvi-los. Continue então. Deite aqui no meu ombro. Assim, assim... não se machuque". E por isso Rosa Maria também o seguia, não era necessário teme-lo pois ele não a ridicularizava por ouvir aqueles brados, embora ela soubesse como ele tinha medo. Mas era ele quem necessitava protegê-la. Não, não era bem assim. Muitos sabiam que não era apenas assim.

Enquanto sonhavam, Ismael desejava acordar e olhar seu rosto caído para o lado até que pudessem sentar nas praças, entrar em becos ou embarcações e olhar pessoas. Olhar pessoas, como eles gostavam disso. Olhar pessoas, como viram o homem muito pequeno e magro sentado no banco de madeira usando colete negro e

suspensório, tentando contar as penas de uma galinha. A ave debatia-se em seu colo, querendo ciscar a terra. Olharam tanto que ele perguntou com a voz rouca de adolescente na puberdade: "O que houve, nunca viram?". E Rosa Maria: "Já, mas olhamos novamente. Estamos só olhando novamente. Só olhando! Não pode?". Esquisitos, completamente loucos pensou o homenzinho, mas, acrescentou, apaixonados. E seriam sempre assim - olhando o mundo - alguns dos mais apaixonados? continuou pensando. Mas, quando percebeu o ventre empinado daquela mulher, decidiu que não queria mais pensar, só passar tempo naquela mímica absorvente de contar penas de galinhas. Porém, não resistindo, voltou a olhar o ventre empinado e... "como sendo tão humanos, como sendo tão pequenos suportavam ser resultado de tanta coisa? Poderia ser apenas paixão, poderia ser mas não é". O homenzinho esqueceu-se da galinha e os desafiou em surdina: "Seriam realmente tão humanos assim?".

Eles passavam, apaixonados, repudiados, invejados, sempre alguém disposto a imitá-los, a temê-los, a provocá-los. Protegeram-se da chuva sob uma marquise barroca, viram, naquele início de noite, a família passando com enormes guarda-chuvas. A criança que os viu não conseguia mais parar de olhá-los, virava o pescoço, levaram-na pelos braços. Ismael disse: ela gostou de você Rosa Maria. - " Não, foi de ti Ismael, por causa dessa história de baleia que está nascendo aí, dentro de ti". Não hesitam e a seguem. Quando entraram no salão iluminado a criança os esperava, agitada. Utilizando infalíveis truques, foge dos pais e irmãos, solta sobre eles, quer uma baleia. Eles riem, felizes pela coincidência;

depois, no chuveiro, Rosa Maria e Ismael caminham fazendo truques, brincam de ceguinho e sua guia, ele vira mandarim e ela, uma jardineira regando girassóis. Ismael consternava a cidade que estremecia, ele sabia chorar, beijar, abraçar, cumprimentar, fingir no momento exato. Rosa Maria normalmente recuava, sempre intimidada, em defensiva. A cidade lastimava a tragédia daquele romântico sucumbindo à loucura de uma índia desvalida e sempre carrancuda e então, "pobre Ismael, pobre Ismael, pobre Ismael". Um dia, quando ela se aproximava, ele não pode mais enganar-se; como bem lhe haviam gritado nos ouvidos, lá vinha Rosa Maria, com seu ventre crescendo. Ali vinha ela, com alguém que poderia ter a coragem de ouvir anjos e, no futuro, apontar-lhe os dedos, remoendo sua covardia. Desmoronou-se nele a necessidade dela. Era necessário abandoná-la, imediatamente. Pensou como tudo acontecera. Surpreendeu-se: "logo com ela!".

* * *

As retinas de Rosa Maria brilham de alegria pois ela o vê e chama, como sempre, Ismael, Ismael! Ele vira as costas, ela volta a chamá-lo mas ele replica a um caminhante: "ela é louca, louca, uma louca imunda, coitada!". Ela pensa que ele não a escuta e caminha, Rosa Maria sabe que caminha, volta a chamá-lo inúmeras vezes até sua voz diluir-se naquele tumulto, já são barulhos de galhos e folhas que se roçam com o vento. A índia sente medo, o luar recai sobre um animal que passa correndo atrás dela - ou seria

um índio indo caçar?. Ela grita, atrapalha o tráfego, sempre gritando Ismael, Ismael, Ismael! E pela única vez volta a sentir medo do som de uma noite caminhando na floresta. Ela anda, recusa a esmola, já não está em nenhuma vitrine, não ouve os meninos no chafariz, desobedece os semáforos, seus seios duros e cheios estão à mostra na blusa fina de algodão molhado. Rosa Maria escuta "Tomás, velho pajé, vou caçar enguias" e depois, "espere índia mijona, depois eu volto". E afinal, só cachoeiras tombando águas. Quando atravessa a linha imaginária do Equador próxima à aldeia onde nascera, continua chamando: Ismael, Ismael, olhe uma enguia!.

Alguns divertem-se ao vê-lo fugir da perseguição de uma enlouquecida com pés de criança assustada. Outros dizem: "cuidado, ela pode ser violenta!". Ele continua quase correndo, dá meia volta nas esquinas, mulheres notam como seu corpo é belo, enfrenta o engarrafamento no trânsito, acha que ela poderá alcançá-lo mas alivia-se - estava isento de tudo: quem poderia acreditar nas palavras de uma índia enlouquecida que confundia tudo?. E, armado da lucidez e dos julgamentos cotidianos, passou a compreender a lógica que antes o revoltava. Agora sim, concordava com a feminista que olhara para ela afirmando "essa não é uma vencedora" e ele, furioso e irônico havia retrucado: "a senhora, dona heroína, é capaz de imaginar quantas batalhas ela já perdeu"?. Ismael compreende a lógica da intelectual esnobe e tão orgulhosa do seu curriculum caudaloso que afirmara com a convicção que os papéis e a função do magistério lhe permitiam: "ela não serve sequer como objeto capaz de contribuir com a academia. Seu discurso não é

coerente". Sim, Ismael agora compreende e sente-se seguro na sua lucidez oficial.

* * *

A última vez que a viu, ela estava sob o bejaminzeiro frente à igreja de São Sebastião quando minúsculas formigas agitavam-se no seu peito e na sua testa; houve um rápido estremecimento nos braços, agora alongados pela magreza, quando as mordidas atingiram a superfície de suas veias. E aquele homem, com o mesmo olhar alucinado da paixão esgotada pensa como seria possível carregar aquela ave raquítica desmembrando-se naquela terra. Ismael tem vergonha de que o reconheçam estando ali, próximo a ela; e vê, sim, lá ia passando dona Elza, com sua voz grossa e seus tamancos barulhentos inspecionando o quarteirão. E se ela o visse e ainda o recriminasse como antes? Não haveria problema. Para isso também serviam as imagens: ele era apenas um homem que passava, e aquela maltrapilha, alguém que delirava achando que ele dirigia-se a ela. Sente-se inseguro e resolve esconder-se atrás da árvore para ter certeza, através dos seus próprios olhos amarelos que faiscam, se Rosa Maria realmente dormia. Ele verifica que os olhos rasgados da índia estão firmemente cerrados e isso o desespera a ponto de entranhar os dedos na própria cabeça e incomodar-se sem efeito com o suor que cai da testa, para então pedir num misto de exigência: -

"Rosa Maria não me olhe assim, dormindo. Com estes olhos fechados eu sei, você me denuncia. Me enerva apenas esse leve piscar de

cílios. Como vou conseguir achar você agora, assim, desse jeito"?. Ele grita, autoritário: "vamos, rasgue essa boca, solte esse corpo, é assim que eu gosto. É assim que eu, Ismael, gosto e quero. Entendeu?. O resto pouco me interessa".

Ela continuou como estava e apenas quando uma formiga procurou o que engolir em volta de sua boca a índia fez um leve e incompleto movimento, lembrando um riso inviolável. Ele tapou o nariz para suportar seu cheiro, mais próximo à miséria que à loucura mas, a coragem de se aproximar extinguiu-se pois Rosa Maria, ele via, não tem apenas formigas mas, há piolhos e pulgas pelo seu corpo. - "É impossível para mim que sou apenas Ismael amá-la dessa forma Rosa Maria. É impossível. Agora é impossível. Antes não, antes eu te amei como pude, até mais do que o necessário. Com todos os riscos. Agora não, eu sou apenas Ismael. Amei quando estavas acordada, quando me ajudavas a viver, a ser corajoso, a gozar. Rosa Maria tu me transformavas num perdulário chorando de amor, rastejando tua razão e tua carne. Cadê tua carne?. Que força tinham teus delírios e tua carne Rosa maria. O que acontece?. E o absurdo é que agora, dormindo, ou louca, (enlouqueceste de verdade?), esse nada que vem de ti ainda me preenche. É terrível. Fala Rosa Maria, chega de fingimento. Queres inventar o que? Uma linguagem privada? Fala a verdade, sem falsidade: com quem conversas? Quem te ouve?. Eu sou Ismael. Ismael, Rosa Maria. Eu novamente perto de ti. Não disse que ia ser sempre assim?".

Ismael fica de cócoras diante dela: "não é possível que esta sejas tu, não é possível". E o homem extremamente belo percorre seu

corpo com o olhar, procurando o que ainda seria possível saquear daquilo - nem mais uma faísca para ser apagada, nem mais um dente para que se possa extrair - mesmo envergonhado, ainda procura seu sexo. Emaranha-se então num ódio diluído porque já não há mais nada que ele não tenha sugado nela; o ódio aumenta - "por que você permitiu que eu fizesse isso?. Não era prá ter sido assim, quem diria? Não se faz isso com uma paixão que existiu sobre a seda, sobre a madeira úmida, nas correntes, nas calçadas públicas e ásperas onde o amor foi necessário. E agora? E agora hein? A culpa foi sua. Sua Rosa Maria, sua, entendeu?".

Ismael percebe que já não há mais nada que ele necessite naquilo que via. Ela já não é alguém que serve para arrancá-lo das sarjetas como ele nunca confessaria a ninguém, pois, era humilhante admitir que a miséria de Rosa Maria havia sido capaz de erguê-lo. Miséria poderosa que o fez surgir como o lúcido, o grande, o companheiro, o bom, o generoso, o racional Ismael. "E agora Rosa Maria?. E agora prá mim que te amei com meu machismo tão ridículo e meus filhos abastados espalhados por aí... e agora...? E agora prá mim que te amei com minha ternura, angústias, meu afeto, minhas visões fantasmagóricas e meu medo da bomba nuclear?. E Agora? E agora que já não te amo como antes, com aquele desejo inexplicável, quando te envolvia na minha esperança?. Sim, te amei com minha esperança, com a força da minha esperança. Que homem mais esperançoso do que eu?. Que fazer agora, logo eu que te ensinei a esperar, a esperar, a esperar principalmente por mim?. Agora basta, vou embora porque amor já não é prá quem necessita, mas prá quem

consegue. Deixe eu olhá-la pela última vez. Não, não, eu não quero. Chega Rosa Maria. Agora chega".

Foi necessário que contorcesse os seus próprios braços e, quase arrancando o rosto do corpo, voltasse a examiná-la mais vezes, o que intensificou o suor de suas costas e da sua testa. -- "Ah, então é só isso que tens prá me oferecer? Apenas esta tua detestável, abominável e inconseqüente solidão? Inútil solidão, Rosa Maria, meu amor...Tu lembras...? lembras...? Ah, tu não lembrarás nunca... Nunca mais... Só eu lembrarei, sozinho. E minha lembrança será mais um poder sobre ti que já não presta nem pra recordar. Não Rosa Maria, o poder é teu, o poder do esquecimento. Pra que permanecer com tudo isso sozinho? Como suportar?. Tudo conseqüência desta tua egoísta solidão. Não, egoísta não eras, pelo contrário, eu sim. Egoísta não, este sim, agora descobri, foi este teu mal, teu grande mal Rosa Maria!".

Ismael volta a esconder-se, pois o homem pequeno e magro de colete negro e suspensório passa ao lado dela, com a galinha debaixo do braço esquerdo. Ele perfila-se mas não fica surpreendido. Apenas a olha, apertando a axila para que a ave não fuja. Espera por alguns segundos um caminhante. Como ninguém passa, ele suspende a ave pelas asas e conta-lhe, com sua voz que tornava-se cada vez mais desagradável, como estava certo no dia em que havia desafiado se era realmente humana aquela mulher. E, onde estaria aquele homem que agarrava-se a ela e parecia ser um cigano marroquino?. A ave carcareja, dá impulsos para o alto, passa um ancião gordo e despreocupado, ele lhe diz que não é necessário

parar e olhar Rosa Maria e nem ter condescendência porque ele a conheceu muito bem. Era uma mulher que nos seus dias de fome só conseguia engolir a si mesma, por isso acordava cada vez mais faminta, até ficar daquele jeito, debilitada para sempre. Ele segue seu caminho deixando algumas penugens ao redor do ancião. Margarida também passa mas não reconhece Rosa Maria e, assim, nunca saberá que esta é a segunda vez que a vê durante sua vida. Não lembra quando viu Rosa Maria sentindo saudades de enguias. Margarida diz ao próximo que passa - "Nunca vi ninguém assim nesta cidade, deve ter fugido de algum lugar. Mas não tenha pena, ela mesma quis ficar assim. É puro castigo, coitada. É uma índia com a alma oca. Deus é sempre justo!" E passam outros, passam. Imaginem quantos outros passam por ela.

* * *

Ismael controla-se para não agredi-los, deixa que passem, volta-se novamente a ela, continua suando:

- Mas será disso mesmo que se trata? Será isso... esse teu hálito de solidão que sempre me contagiava?. Ah, Rosa Maria... nunca mais!. Nunca mais eu te amando com a perplexidade dos nossos dias, com a minha potência de homem atordoado e medroso. Como foi possível suportares?. Eu sei, eu bem sei porque... Éramos só nós dois no mundo, catando alguém prá sentar à nossa mesa e esperar conosco a mesma lua. E tu sabias Rosa Maria, tu sabias que não se tratava apenas da lua do apaixonado, aquela que fazia nossa amiga

Damiana ficar tão piegas. Também não era apenas a lua científica, nem a magnética, e muito menos, a lua do último eclipse deste século. Esperávamos também a lua primata, aquela que deu início à noite futurista e se dispôs a habitar o céu destes transloucados que a culpam de desequilibrar os homens e as parturientes. Esperávamos novamente por ela e não apenas por esta, descoberta pelos americanos, ou pelas que ficam salientes diante das esmeradas lunetas. Esperávamos a lua que deu início a esta saudade. Aquela que colava-se ao teu umbigo quando tu e eu éramos objeto homem e objeto mulher, entranhados e revigorados, destruindo as éticas estúpidas e desejando novos saberes onde tu, Rosa Maria, não corresses o risco de terminar justamente aí onde estás. Aí, para onde todos te olham de cima, até os mais medíocres e imbecis. Aí, neste lugar de onde nem eu consegui te ensinar como se escapa. Lembras que tínhamos o momento em que a lua primata pudesse ver a última mulher e o último homem com saudade do tempo em que ainda sabiam construir generosas utopias?. Sim Rosa Maria, sentíamos este medo com o líquido quente escorrendo sobre nós e, assim mesmo, saíamos pelas ruas procurando nossa lua primata, a que veria tudo começar novamente. Mas agora, agora basta, está tarde. O tempo corre e tu continuarás sozinha, eu me despeço aqui. E se cada um tem uma fórmula correta de amor eu afirmo que te amei da maneira mais perfeita, te amei completamente. E tu? com aquela vizinha antipática, aquele pescoço irritante caído pro lado, me amava escolhendo-se, cuidadosa, parecia mais um amor emprestado. Eu não. Eu é que estou certo, minha consciência é clara... é arrumada. Mais

que isso eu não posso, só lhe conheço tocando. E agora eu não consigo mais...eu não consigo. Quer que eu chame uma ambulância? Não isso não, não é disso que Rosa Maria precisa... Já não precisa de nada mais, eu sei. Sei de ti Rosa Maria. Eu sei. Mais que eu, ninguém.

* * *

Ismael afasta-se um pouco, rodeia o monumento no centro da praça onde a índia gostava de olhar as barcas esculpidas em mármore simbolizando a abertura dos portos amazonenses às nações amigas - "América, Eurásia, Oceânia, África! Rosa Maria, e eu?". Observa a mulher de bronze lá no alto do monumento, com o braço direito levantado - "você fala muito, baixe o tom da voz, não grite tanto por favor". Os garotos no chafariz gargalham do que veem, perguntam se ele procura Rosa Maria e apontam para o bejaminzeiro mas Ismael responde enfurecido que não pediu informações a moleques vagabundos. Atravessa a praça, seu corpo é firme, aproxima-se dela novamente _ "ainda dormindo?". Assusta-se e depois distrai-se com o colegial que passa assoviando o hino nacional, recomeça: "você conseguiu amar uma pátria? parece que não!. Odidou a multidão que a humilhava? Também não. Mas eu bem que avisei. Eu bem lhe dizia, Rosa Maria, sua tonta, que era necessário tanta coisa, tanta coisa... Acreditou em Deus, pecou, rezou? Conseguiu morrer afogada no Rio Negro? Sabe-se lá. Pariu? Sim, lógico, pariu. Pariu mas não foi mãe. Ah, Rosa Maria... Amou-me demais. Mas indevidamente. Quem

mandou? Agora, dane-se, dane-se. Você silenciou demais, falou demais para uma vida tão banal a ponto de se morrer assim como você. Me diga, desses que passam quem é capaz de silenciar para te olhar?. Rosa Maria. Você morreu? Sei lá...Sabe-se lá de você... Eu soube até aquele dia, quando o amor prá você era tão simples, era só uma brincadeira de enguia. Agora, que é isso?. E nossa enguia, onde está, ela vive?. É possível sobreviver algo que brota de você?". Ismael forte, carinhoso e inteligente, aquele que chegou a ser o único a acreditar nela, vira-se e anda rapidamente com os sensuais movimentos de suas pernas, até transformar-se em mais um caminhante na neblina.

E quando os primeiros escarros começam a ser ouvidos nas calçadas como se homens e mulheres quisessem vomitar a noite, ele ainda sentia as unhas de uma ave raquítica nos ombros e balbuciava "eu sou apenas Ismael e não posso amá-la desse jeito. Você Rosa Maria, me apavora. Você foi tudo o que foi antes de mim e o que chegou a ser agora. Eu sou apenas Ismael, com meu sobrenome famoso, meus talentos, meus amigos e reverências, minha oratória que tanto me envaidece, meu pênis que eu posso deixar ereto diante de você, só prá humilhar, humilhar. E daí?. A mim tudo é permitido. É também meu poder sobre ti Rosa Maria. Duvidas?. Vai me acusar? Quem irá acreditar em você, quem? Nem eu, nem eu acreditaria em mim se fizesse isso. Mas eu faço. E sei inventar desculpas, prá que estudei?. Não duvide, não duvide que lhe humilho até dormindo. É Rosa Maria, o problema é esse, agora acertei, você fracassou, essa é a verdade. Você sente isso?. Sente que fracassou?. Responda, você

fracassou sim, esta é a verdade. Aliás eu nem preciso da verdade prá viver. Eu preciso é de imagens, imagens, imagens. É disso o que eu preciso entende?. A verdade está aí estourando de sobra na nossa frente, plausível que nem você, fingindo-se de ave sedentária. Não preciso de mais verdades. Chega".

Ismael esquece que já não está diante dela, que não voltará a vê-la nunca mais. - "Imagens, imagens! Imagem é concretude sua índia boba. Meu amor, olhe eu aqui, cheiroso, bonitão, bem arrumado, limpo, posso fazer qualquer uma das suas amigas, aquelas empregadinhas com quem você andava... posso fazer qualquer uma se apaixonar por mim. Posso fazer até o que ninguém acredita que sou capaz de fazer, e daí?. Em confronto, qual a imagem mais forte e aceitável? Qual o comportamento aplaudido e que convence?. Prá mim é fácil conseguir cumplicidade. E você?. Resta-lhe o tronco desta árvore. Ah!, perdão Rosa Maria, fiquei nervoso. Durma minha querida, durma, durma... você precisa, eu sei, assim como antes, encoste no meu ombro... assim...".

Agora, já não é mais o "pobre Ismael", mas, o apaixonante e vigoroso homem investido da lucidez que o libertou daquele corpo onde o ápice da miséria e do inesgotável se instalara. Ismael é um homem cortês que recebe os elogios de tantos que haviam rezado para que a "lucidez voltasse à sua mente e ao seu coração".

Suas pernas rígidas, livres das dela, estão sobre uma pedra do cais de onde ele vê as embarcações que se movimentam nas ondas daquele rio onde por tanto tempo havia estado com Rosa Maria, quando seu cheiro inconfundível o atraía e eles se deparavam em

todas as esquinas, mesmo quando não esperavam se encontrar. O vento bate em seu rosto. Seu olhar brilhante e amarelado sentirá necessidade de alguém para amar com a força como amou aquela índia. Uma embarcação imensa e veloz dirige-se ao cais, seus lábios vermelhos e carnudos soltam um suspiro, ouve alguém informando que uma multidão logo desembarcará. Ismael não espera, sente lucidamente uma leveza nas mãos como um incômodo que alguém pode sentir quando rápida e envergonhadamente joga uma ave machucada mas ainda palpitante pela janela. Essa latente sensação é esmagada quando elegante e cerimonioso, responde devidamente aos cumprimentos diários, livre da sombra enlouquecida. Livre de Rosa Maria sucumbida à sua lucidez de homem refinado e, sem condição sequer para lembrar-se dele, desprezá-lo e esquecê-lo.

* * *

Diante do cego que tocava flauta, Maria Assunção percebeu quanto havia sido longo o tempo para ceder àquele eco que não deixou de perambular dentro dela, ora mais intenso, ora mais sereno: "Assunção, Assunção ... vem"?. Ela já tinha percorrido a cidade atrás de uma noiva andrajosa que não mais existia, havia embaraçado-se com as bocas, com os olhares de bonecas japonesas, com a face amarelecida, a face sempre caída para um lado; e é possível, como pensaria mais tarde, que Rosa Maria tenha se aproximado e ela, apressadamente, haja dispensado mais uma transeunte inadequada. O cego que tocava flauta ainda lembrava o

dia em que uma índia roliça apareceu na praça imitando enguias e, como no decorrer dos anos, seus pés haviam ressecado porque ela os fincava sobre os paralelepípedos de granito na quentura do meio dia, quando cantava uma litania numa língua desconhecida para ele.

O esmoleiro aconselhou que Maria Assunção a procurasse nas alamedas de algum jardim, nas cercanias do Teatro Amazonas, em algum coreto de praça ou na igreja de São Sebastião, quando vazia dos seus lúcidos fiéis. Os lúcidos fiéis sempre a retiravam de lá. Maria Assunção viu-se diante de uma mulher vestida com um saco escuro e o pescoço enrijecido para o alto, tentando que a fumaça de um resto de cigarro alcançasse o rosto de alguns santos. Seus pés encardidos sobre o mármore branco e gelado fizeram Maria Assunção acreditar que tudo era um engodo de cego porque, aquela criatura com uma corda amarrada na cintura, mergulhada naquele dourado do altar e na lembrança de um vestido lilás, não poderia ser aquela da qual havia guardado o eco por tantos anos. Mas assim era.

- "Então eu desfiz minhas tranças, como sempre faria para ela. Subi até o parapeito vazio destinado ao coral da igreja, preparei-me para a surpresa. Gritei Rosa Maria, Rosa Maria, cheguei... No início ela parecia não ouvir e continuei: cadê seu riso de boneca japonesa?, cadê Rosa Maria?. A igreja parecia encher-se com meu eco, as paredes ajudavam, até que ela voltou a cabeça para os lados, olhou na direção onde eu estava, lá no alto. Continuei, por favor Rosa Maria, e recebi aquele risco antigo que ultrapassou seu rosto. - E então, lembra índia mijona? Nós entramos na embarcação, juntas como agora. Chegamos aqui nesta cidade, olhe,

encontramos a vaca holandesa com os chifres floridos...".

* * *

Maria Assunção deu as costas, desceu as escadas da igreja, livrando-se rápida dos esmoleiros - tentava não engolir os olhares peregrinos que consumiam suas noites - alcançou a praça com seus vendedores de garapas e copos d'água, olhou as bandeirolas, os palhaços, as crianças com suas pipocas. E o relógio ali no alto, imenso e incontestável. O sino ali, crucial, inflexível: seis horas. Tempo: pingo, gota, chuvisco, chuva, tempestade: tempo. E o momento entranhou em Maria Assunção o cheiro animal dos seus momentos de amor e choro intenso e enquanto ela o exalava pensou no equívoco de haver procurado alguém no rastro único de um rosto caído para o lado como se o tempo o houvesse perpetuado daquela forma. Quando no entanto, nele, no tempo impiedosamente acelerado, haviam talhado aquela mulher incapaz de reconhecer a resposta ao seu próprio eco caso tivesse realmente ouvido - "Rosa Maria eu cedi. Eu vim, eu estou aqui". Mas nem isso Maria Assunção conseguiu pronunciar porque ao ver Rosa Maria daquele jeito, suas faces ficaram gélidas como se houvessem levado algo, sim, como se houvessem levado sua boca. E, ainda dessa maneira, olhou a cúpula do teatro tremulando, pois tudo oscilava naquele instante, inclusive, a capacidade que possuía de engrandecer a todos, de enobrecer tudo o que via, de exaltar as frases encontradas nos postes, nos muros, as frases jogadas ao léu e que incidiam sobre

ela. Duvidou que fosse válido utilizá-las para construir suas histórias. Empobrecera? Talvez.

Oscilavam os postes, as árvores, os prédios, as sarjetas, as pontes. Oscilavam os homens, as mulheres e o tempo, impiedosamente lento. Enobrecer esgotava demasiadamente sua retina, foi necessário cerrar firmemente os olhos e esquecer a insuportável tristeza de exigir a si própria que, a partir de então, deveria ser assim, ou do contrário, não seria justo seu olhar sobre Rosa Maria. O cheiro animal continuou exalando dela, até o repentino apaziguamento que recendia da grandeza daquela índia - a grandeza capaz de descansar os olhos de Maria Assunção e de fazê-la carregar aquele sorriso que não havia mais se repetido desde quando?. Um século? Um minuto? Quinhentos anos?. E pensou, quem mais a seu redor poderia ser capaz de transmitir-lhe um sentimento assim? Quem mais ao seu redor?. Também circundou o monumento da praça, observou o homem de bronze que olhava a estátua da mulher ao seu lado. Tocou as barcas de mármore, sentiu a consistência fria - América, África, Oceania, Eurásia: "onde estou"?.

Agora, com os olhos diante dos quais nada mais oscilava, ela deveria contar a Dom Matias os episódios ocorridos com Rosa Maria. Não para que ele acreditasse ou gostasse, mas porque assim as coisas haviam acontecido. Uma história que lembrasse o pão novo e macio cortado com uma faca que suja invisíveis migalhas. Voltaria sim.

Mas, para que contá-la - a ele?.

Além do mais, acontecia aquilo: golpes de lembranças

estraçalhavam sua garganta. Mesmo assim, voltou e viu através da cela um rio Negro completamente desconhecido para ela.

* * *

Eu, a narradora que anoto tudo, eu que para narrar cotidianas histórias me deparei com homens em suas circunstâncias mais insólitas, trágicas e líricas, me surpreendo como os rápidos instantes em que vi Maria Assunção se transformaram em saliências inesquecíveis em meus apontamentos. Seu rosto não possuía nada de excepcional exceto narinas dilatadas e o ar estonteado que deveria ter sido sua expressão de anos atrás, quando, trazida pelas freiras, havia chegado com as três índias a Manaus. Ela lembrava uma alma eriçada com a visibilidade de mais uma morte, parecendo ouvir os chamados dilacerados de dona Laura Dimas e sem poder ir ao seu encontro, deixando-a sozinha naquele esforço insano de sepultar máculas. Deixá-la, ela, Maria Assunção, que tanto a tinha chamado para ajudá-la a examinar os sinais diários que surgiam, cresciam, eram arrancados ou se exauriam em seu corpo inteiro. E agora, que estava assim, esticada e límpida diante de mim, como ouvir Laura Dimas desamparada e sem poder ir ao seu encontro? - "Desça... desça... desça desse barranco, desça Laura Dimas e olhe com seus olhos visionários onde acabam essas correntezas...".

Não pude mais ouvir Maria Assunção que desejava absurdamente narrar uma história onde Rosa Maria, Maria índia e Maria Rita pudessem respirar um pouco mais. Uma história que pudesse ser como

milhares de andorinhas suavizando aqueles rostos infantis seduzidos pela vida. Deixo com quem quiser, estes personagens que ela me ofereceu. Que cada um escolha e prossiga com aquele que melhor lhe convier, e se for o caso, faça com ele o seu final de história - este sim, o mais verossímil. Eu, a narradora que anoto tudo, tenho que ir; entro no mundo onde a contemporaneidade exige mais pressa e já me atrasei o suficiente. Entro no mundo onde é bem sucedida a mulher com mil afazeres, sempe cansada e estressada, sempre elétrica na sua versatilidade e tão ativa que nem percebe quando continuamente, cospe no vestido liláz de Rosa Maria.

Entro no mundo onde vou, sistematicamente, me encarar com outros Catarinos. Estes, disfarçados, aplaudidos, impunes e que jamais varrerão o chão de uma cela. A mim já não importa o que poderão fazer com esta história, tanto faz que façam com ela o que os índios, liderados por Lauriano Navarro, bravamente fizeram naquela noite, quando acenderam uma fogueira com os livros dos missionários. Pouco importa, para isso também servem as histórias, atear fogueiras. Aliás, estes detalhes de Maria Assunção e de Rosa Maria já serviram para ajudar a passar o tempo de alguns que, entre rodadas de cerveja, no calor consistente de Manaus, divertiram-se folclorizando o que as duas viveram. Já serviu para a atriz subir no palco imitando as Marias dessa história - gritou como Maria Assunção não fez na cela - foi aplaudida, recebeu prêmios, virou manchete ovacionada de jornal. Esta historieta já serviu para aumentar o currículo de uma juíza, Maria Assunção foi um número a mais na lista de suas prisões. E tudo acontecia enquanto as duas

literalmente agonizavam.

Eu, a narradora, tenho que ir. Lauriano Navarro continua madrugando com uma cadela ao lado, Antônio Sávio continua a dirigir o velho caminhão verde utilizado na segunda guerra mundial e os índios, inclusive os netos de Mariana Aparecida, gostam de passear na sua carroceria agora um tanto destrozada - um veículo tão cheio de histórias quanto aquele rio, perto de onde ele trafega. Antônio Sávio semanalmente leva Dom Matias para verificar a construção de novas igrejas, agora, sem irmã Isabel entre eles. Também devo ir, agora, já não posso perder, lá vem vindo a próxima embarcação. Preciso da velocidade primitiva capaz de sair de mim a tempo de ainda ver-me morrendo.

Tudo como um rápido, suspenso e inesgotável suspiro. Como os de Laura Dimas que ainda continua lá...

... e dizemos, porque a realidade é maior,
coisas indiferentes (Jorge Luiz Borges)

"Para fazer ciência é preciso fazer como se
mundo exterior tivesse uma realidade e como
se a razão humana fosse capaz de compreendê-
lo. Mas é 'como se' ". (Claude Lévi-
Strauss).

Memória da criação

Este texto é uma tentativa de explicar a apresentação de uma narrativa ficcional frente aos padrões acadêmicos. De início, torno necessário ressaltar as reflexões de Mikhail Bakhtin (1992:28) no que diz respeito às dificuldades de um autor falar sobre seu próprio texto, sobre seu processo criativo ou sobre a geração de um herói⁴. Dentre as complexidades indicadas por Bakhtin, encontra-se o fato de que, ao realizar seus comentários, o autor expressa uma relação com um herói já criado e determinado, e, assim, transmite a impressão que este lhe produz como linguagem artística e expressa a relação que teria "com um ser vivo, determinado, encarado de um ponto de vista social, moral, ou outro: o herói daí em diante tornou-se independente de seu criador, e o autor, por sua vez, também se tornou independente dele - homem, crítico, psicólogo ou moralista. Se levarmos em consideração **fatores aleatórios** que condicionam o que diz o homem-autor (...) fica evidente que esse tipo de declaração só pode proporcionar um **material incerto** sobre a geração do herói" (Ibid:grifo nosso).

Bakhtin diz mais: "a história ideal do sentido, um autor nela conta somente em sua obra (...) o autor nada tem a dizer sobre o processo do seu ato criador, ele está por inteiro no produto criado e só pode nos remeter à sua obra" (Ibid:27).

⁴ Tomo a iniciativa de estender a questão não apenas à figura do herói mas aos personagens principais do texto "Era uma vez... Rosa Maria".

Assim sendo, legítimo esse "material incerto" citado por Bakhtin como uma condição que obrigatoriamente estará presente nesta tentativa, em muitos sentidos impertinente, de se objetivar um texto ficcional ou literário.

Porquê um texto ficcional.

Rosa Maria foi cúmplice de alguma terribilidade dos anjos, ou estes, enfim debilitados, a deixaram ali, evidenciando a limitação que instaura e fundamenta o ser?.

Hannah Arendt (1993:189) ao tratar sobre alteridade, singularidade e pluralidade humana, a "paradoxal pluralidade de seres singulares", ressalta a função da ação e do discurso, através dos quais a distinção de cada ser humano vem à tona: "a ação e o discurso são os modos pelos quais os seres humanos se manifestam uns aos outros, não como meros objetos físicos, mas enquanto homens. Esta manifestação, em contraposição à mera existência corpórea, depende da iniciativa, mas trata-se de uma iniciativa da qual nenhum ser humano pode abster-se **sem deixar de ser humano**". (grifo nosso). Rosa Maria já não age, não discursa. A vida sem discurso e sem ação, diz Hannah Arendt, "está literalmente morta para o mundo; deixa de ser uma vida humana, uma vez que já não é vivida entre os homens. É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano" (Ibid).

Como abordar um personagem desumanizado, no sentido colocado por Hannah Arendt, sem que os modelos teóricos culminem em forçadas

e talvez reducionistas explicações ou mesmo em corretas redundâncias, o que, em todos os casos, podem deixar no autor a incômoda impressão de trair os personagens, seres cuja existência foi inserida em um texto?. "Construir um texto é construí-lo como um indivíduo", diz Paul Ricoeur (1976:89). Marguerite Youcenar, através de Alexis, um de seus personagens, também faz a seguinte interrogação: "Como um termo científico poderia explicar uma vida?. Ele não explica nem mesmo um fato: **designa-o**. Designa-o de maneira sempre igual, apesar de não haver dois fatos idênticos em vidas diferentes, nem talvez numa mesma vida" (1971:32, grifo nosso).

A colocação da escritora serve também para sinalizar os riscos e as dificuldades que podem ocorrer na produção de um discurso rigorosamente acadêmico sobre um texto literário ou ficcional e também para conduzir algumas explicações que obrigatoriamente me levaram a optar por este estilo de texto.

Minha proposta inicial ao ingressar no curso de mestrado da FAC-UnB, era a de analisar as diferentes imagens produzidas pela imprensa amazonense com relação aos índios Waimiri-Atroari⁵, a partir da década de 1960, quando os grandes projetos econômicos passaram a ser implantados naquela região atingindo diretamente os grupos indígenas que ali viviam. A proposta visava, a grosso modo, captar parte do imaginário contemporâneo da sociedade nacional

⁵ Grupo indígena que vive ao norte do Amazonas e sul de Roraima. De maneira seqüenciada, foram apresentados pela mídia à sociedade nacional como os "ferozes", "violentos", "traíçoeiros", passando a "dóceis" ou "infantis". Isto, de acordo com cada etapa do projeto de modernização da Amazônia e os interesses das instituições envolvidas no processo.

amazonense com relação a estes índios, e, como eles próprios, atualmente já em acelerado processo de modificação decorrente do contato com a sociedade nacional, identificavam a si mesmos através destas imagens. A pesquisa, que chegou a ser concretizada no que concerne ao levantamento do material impresso, bibliográfico e algumas entrevistas, buscava identificar os conflitos dialógicos provocados pelas violências do contato entre grupos culturalmente diferentes, e, como isso atingia e ajudava a construir sensibilidades nos sujeitos diretamente afetados por tais circunstâncias.

Meu conhecimento com relação à questão indígena era fundamentalmente baseado no que pode ser definido como "mundo vivido", uma vez que minha trajetória existencial sempre esteve ligada a pessoas pertencentes a estes grupos étnicos em diversos lugares, momentos e contextos.

Se por um lado esta carga de experiência possibilitava alternativas de tratar a questão - inserida também na área de Comunicação e Cultura - a partir de diversos enfoques teóricos e metodológicos, por outro lado, senti dificuldades de encontrar referenciais através dos quais pudesse exprimir da maneira mais fiel possível, o alvo de minha preocupação: a sensibilidade de indivíduos extremamente solitários. "Objetos" que, por motivos conhecidos e muito mais por questões que talvez necessitem de novas completudes teóricas, através de suas falas repudiadas, dos seus ditos moribundos ou do vácuo de suas palavras, podem tornar sempre persistente a questão Heideggeriana quanto ao "esquecimento do ser"

e os processos de revelação-ocultação que se manifestam no fenômeno da linguagem. Buscava, além dos modelos teóricos, a linguagem adequada para valorizar os sussurros, o "mutismo" do sujeito substancialmente despadronizado e sem habilidade convencional para movimentar-se nos emaranhados estabelecidos no campo do poder e cultura. Indivíduos isolados que não conseguiram sequer, fazer parte dos grupos minoritários constituídos por sujeitos políticos e que formam, através de suas semelhanças o "nós mulheres", "nós índios", "nós operários", etc...

Em "Jogo de Espelhos", Sylvia Caiuby Novaes ressalta que é a partir da descoberta e reafirmação - ou mesmo criação cultural - de suas semelhanças que um grupo qualquer, numa situação de confronto e de minoria, terá condições de reivindicar para si um espaço social e político de atuação: "é neste contexto amplo, de reconhecimento de semelhanças e diferenças, que se pode perceber a articulação entre **poder** e **cultura**, entre a vontade de resgate de autonomia e os caminhos para se chegar até ela, que passam, necessariamente, pelos trilhos da cultura". Pois, é "exatamente no domínio da cultura que estes grupos (sejam mulheres ou índios) resgatam sua autonomia e afirmam sua diferença" (1993,24:27).

Enquanto cursava as disciplinas, passei a preocupar-me, de forma mais tenaz, em que as sensibilidades destes indivíduos - vistos por uma sociedade com o olhar hegemonicamente moldado a considerá-los irrelevantes, objetos abjetos ou sem conhecimento - são transformadas; tentava ressaltar sensibilidade e experiência individual como formas profundas de conhecimento; saberes não

oficiais e depreciados mas capazes de apontar, através da linguagem não formalmente estilizada de seus sujeitos, as circunstâncias externas, sociais, econômicas, históricas ou políticas que, ao agredir a linguagem, atingem e às vezes aniquilam fatalmente o ser.

A experiência individual como valor de conhecimento é uma questão levantada por Theodor Adorno em seu livro de ensaios *Minima Moralia - Reflexões a partir da vida danificada* - escrito durante o período da segunda guerra. Nele, Adorno enfatiza que, sendo a sociedade a "substância do indivíduo", através deste se pode apreender a questão social. Já na dedicatória, o autor faz referências à postura de Hegel que "com frieza irrefletida, opta pela liquidação do particular", e, enfatiza o seguinte: "... a análise social é também capaz de extrair da experiência individual incomparavelmente mais do que admitia Hegel, ao passo que inversamente as grandes categorias históricas, depois de tudo o que entrementes foi empreendido com elas, não estão mais a salvo da suspeita de logro (...) Muito da violência do protesto passou de novo para o indivíduo. Em comparação com a aridez antiquada que caracteriza em Hegel a abordagem do indivíduo, este ganhou tanto em **riqueza, diferenciação e força**, quanto, por outro lado, se viu **enfraquecido** e tornado **oco** pela socialização da sociedade. Na era da decadência do indivíduo, a experiência que este tem de si e do que lhe sucede contribui uma vez mais para um conhecimento que estava apenas encoberto por ele ...". (1992:10).

Evidentemente as dificuldades epistemológicas⁶ para atingir os objetivos do trabalho a que me propunha - o que em parte se deve aos limites de meus conhecimentos e impossibilidade de realizar pesquisas mais extensas - refletia-se na produção dos trabalhos das disciplinas que cursava. A solução era apresentá-los em forma de ensaios, já que estes permitem "defender o singular do seu anonimato" (Matos,1993:36). O ensaio, conforme Adorno, "não compartilha a regra do jogo da ciência e da teoria organizada, segundo as quais, como diz Spinoza, a ordem das coisas seria a mesma que a das idéias. Já que a ordem sem lacunas dos conceitos não se identifica com o ente, o ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva. (...) Naquilo que é enfaticamente ensaio, o pensamento **se libera da idéia tradicional da verdade**" (Ibid, 16, grifo nosso).

Seguindo este percurso e tendo em vista que o trabalho ao qual me propunha tinha como temática indivíduos pertencentes a sociedades que não trabalham com categorias da ciência ocidental, me senti obrigada a apresentar, ao invés de dados formais de

⁶ O que também é um reflexo das atuais circunstâncias que afetam o quadro das Ciências Sociais onde paradigmas, inclusive os revolucionários, passaram a exigir novos resgates ou interpretações; isto, quando não são radicalmente transformados em decadentes: "o Iluminismo está morto, o Marxismo está morto, o movimento da classe trabalhadora está morto ... e o autor também não se sente muito bem" (Neil Smith, apud: Harvey, 1993:291).

Apesar da radicalidade da afirmação, ela demonstra a quebra atual de um quadro mental de referências teóricas, condição que pode exigir maior flexibilidade no rigor conceitual e a necessidade de novas formas de discurso para expressar problemas e suas análises.

pesquisa, debates entre autores ou rigor metodológico, um trabalho de recriação poética, o que foge às características do discurso acadêmico tradicional e, a rigor, não é facilmente aceito em uma instituição acadêmica. Acreditava que, desta maneira, seria possível evidenciar e dar sentidos mais amplos a vozes que irremediavelmente se perdem e que às vezes, as categorias científicas são incapazes de resgatar.

Preocupava-me se termos do vocabulário ocidental como razão, afeto, morte, desejo ou loucura - comumente restritos e direcionados - corresponderia ou daria conta de abranger emoções ou o "sentir" do outro pertencente a uma cultura cosmogonicamente diferenciada ⁷, o que reforçou minha decisão por uma linguagem não conceitual. Pois, mais que a responsabilidade com as formas estilísticas do discurso, preocupava-me com a condição em que ficariam os indivíduos (os "objetos") que eu deveria inserir num discurso acadêmico.

Não é o caso aqui, embora isso pudesse ser feito, argumentar sobre a função científica de um texto literário, debate que pode sustentar uma ampla abordagem teórica. Tal questão, pelo menos de forma indireta, já foi colocada por Aristóteles quando este relacionou o trabalho do historiador ao do poeta: "(...) não é ofício do poeta narrar o que aconteceu, quer dizer: o que é

⁷ Esta questão está sendo devidamente estudada pelo antropólogo Luiz Fernando Duarte em seus estudos relacionados à "Perspectiva de uma antropologia da pessoa". O autor está elaborando um "Vocabulário de Idéias físico morais do ocidente" onde as questões dos termos ocidentais que implicam na percepção do "outro" e na construção da pessoa estão sendo analisados.

possível segundo a verossimilhança e a necessidade (...) a poesia é algo mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente ao universal e esta, o particular. Por "referir-se ao universal" entendo eu atribuir a um indivíduo determinada natureza, pensamentos e acções que, por liame de necessidade e verossimilhança, convém a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia, ainda que dê nome aos seus personagens..." (Poética. Tradução Eudoro de Souza. Páginas 15-16. Edição sem referência de data). *

Contemporaneamente, a questão é levantada por alguns autores. Peter Burke (1992:326-348) propõe à narrativa o valor de documento e recurso importante no estudo da história. Burke faz referências ao fato dos romances ou mesmo as novelas epistolares do século XVIII não terem sido levadas a sério por historiadores, o que poderia tornar as guerras civis e outros conflitos mais inteligíveis. Valorizar tais escritos permitiria ao historiador lidar com "pontos de vista coletivos e também individuais". O semiólogo Roland Barthes diz que o texto literário faz girar saberes, **sem fixá-los ou fetichizá-los**, dando à literatura um lugar indireto que lhe permite trabalhar nos interstícios da ciência.

* Apesar de haver sido escrito em maio de 1907, em "Delírios e sonhos na Grádiva de Jensen", estudo onde Sigmund Freud trata da utilização dos sonhos na literatura - ele diz que o testemunho dos escritores deve ser levado em "alta conta pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas (...) estão bem adiante ... no conhecimento da mente, já que se nutrem de fontes não acessíveis à ciência". (1976:18). Freud diz ainda que para o escritor, a "descrição da mente humana é, na realidade, seu campo mais legítimo; desde tempos imemoriais ele tem sido um precursor da ciência e, portanto, também da psicologia científica" (Ibid:50).

Embora, conforme enfatiza o autor, a literatura, diante da ciência, esteja sempre numa situação de atraso ou adiantamento. "A ciência é grosseira, a vida é sutil e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa" (1977:18-19).

" (...) A menos submissa das linguagens não é a linguagem científica mas a linguagem poética, enquanto 'processo do sujeito' e de seus pressupostos. A linguagem poética coloca o sujeito em crise, forçando-o à mais radical das críticas com relação a si mesmo e à sua ideologia". (Julia Kristeva).

No natal de 1993, após coletar alguns depoimentos de antropólogos, índios e indigenistas para formular a proposta inicial da dissertação, eu percorri a rua Silva Ramos, em Manaus, onde há mais de vinte anos, em tardes modorrentas, uma criança índia catava papéis de balas, caixas de fósforos e embalagens de cigarros vazias. Percorri a calçada do colégio das irmãs salesianas onde sua imagem, já como adolescente, ficara gravada com maior nitidez em minha memória. Visitei duas casas onde ela havia morado. Entrei em uma delas, onde passara a funcionar uma agência de turismo e ali, meu interesse era pensar, sossegadamente, como as coisas e os seres se diluem no tempo e o que a história permite que nos deixem como previsões. Um funcionário, alguém a quem disse meu objetivo de estar ali, respondeu, usando uma expressão amazonense

muito peculiar, que era uma coisa "muito leza" ficar pensando em alguém que "escafedeu-se"; no que, de certa forma, concordei. Ainda na mesma rua, recebi de uma próspera agência de propaganda, um vasto material publicitário de uma exposição sobre os índios Waimiri-Atroari que, naquele ano, havia levado centenas de amazonenses ao Shopping Center da Cidade. Observei uma ceia natalina burguesa em uma mansão naquela mesma rua Silva Ramos. Falava-se muito sobre importados: tapetes, carros, bebidas, talheres, jóias, tecidos, o alto faturamento da Zona Franca de Manaus naquele ano.

Ali, naquele festival gastronômico a mim nauseante, dei início ao que seria esta dissertação: "este trabalho deverá pensar como foi ser uma criança índia que colecionava embalagens vazias, suicidou-se por volta dos dezessete anos e surge numa lembrança isolada, nesta rua onde ninguém parece saber que isto ocorreu um dia". Pensava teorizar o trabalho com algo que levasse a uma "etnografia do sensível", uma "etnografia do ser". Tracei um breve perfil de Dom Matias, alguém que deveria desaparecer num dia de "vento ruidoso que redobrava o barulho de todas as cachoeiras". Evidentemente que no texto, o bispo não aparece inserido nestas circunstâncias e a índia cuja história centralizaria o trabalho, lamentavelmente, aparece de uma maneira muito rápida com o nome de Maria Rita e sobre quem obtive um único mas significativo depoimento: "lembro dela sim, era muito engraçada. Saía juntando tudo o que via no caminho. Ela se matou ainda mocinha por causa do dono de uma fábrica de móveis. Mas é melhor mudar de assunto, hoje

é natal. Passado é passado, morreu, morreu. Essa é a verdade, morreu, morreu, quem não morre?".

Essas lembranças inoportunas me fizeram pensar em "Trem Fantasma - a modernidade na selva" livro de Francisco Foot Hardman, que acabara de ler. Nele o autor refere-se às obras faraônicas, aos artefatos eletrônicos, às maquinarias fabricadas na era moderna e, principalmente, suas ruínas, suas "fantasmagorias". Ao analisar as condições dos trabalhadores que atuaram na ferroria Madeira-Mamoré - obra sobre a qual o autor centraliza suas reflexões - oriundos de diversos países e ali, desaparecidos ou mortos, o autor interroga: "Afinal, o que a memória histórica produziu sobre os mortos?". (1988:183). Ele toma como parâmetro as análises de Horkheimer e Adorno para os quais o esquecimento dos mortos e a perda de sua significação, que assume forma fantasmagórica, traduz, no fundo, **"a decadência do próprio conceito de vida humana como unidade de história"**. (1988:184).

" A vida do indivíduo passa a ser definida por seu mero contrário, o aniquilamento, mas perdeu toda coerência, toda continuidade da lembrança consciente e da memória involuntária, perdeu todo sentido. Os indivíduos se reduzem a uma simples sucessão de instantes punctuais que não deixam nenhum vestígio, ou melhor: seu vestígio é por eles odiado como irracional, supérfluo, no sentido mais literal: superado" (Ibid).

Reuni um vestígio superado da índia Maria Rita ("passado é

passado, morreu, morreu") a fatos históricos ", pedaços esparsos de gravações antigas com vozes indígenas, fragmentos de escritos no passado, detalhes de fotos, experiências pessoais e alheias, lembranças e, sobretudo, a memória - "a musa da narrativa", segundo Walter Benjamin (1995:211) - e compus o texto "Era uma vez... Rosa Maria". Walter Benjamin que define a narrativa como uma "forma artesanal de comunicação" esclarece - e este esclarecimento é fundamental para a leitura do texto em questão - que nela não existe a preocupação, o interesse em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório: " ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso". (Ibid:205).

Há almas que nunca as descobriremos, a não ser que as tenhamos inventado (Nietzsche).

"Era uma vez ... Rosa Maria" é uma narrativa constituída de divisões feitas em blocos onde através de ações dramáticas seus personagens subitamente aparecem, encontram-se, desencontram-se e dialogam entre si em tempos diferentes, num jogo que a torna uma história não linear. Tomando como ponto central aspectos etnográficos, a história aponta para a solidão humana, a religiosidade, os prazeres, as condições externas - históricas,

⁹ Entre os quais, a situação dos índios Kaiowá e Guaraní (MT), cujo índice de suicídios, nos últimos nove anos, chegou a 161 casos. Destes, 21 apenas nos primeiros cinco meses deste ano.

econômicas, políticas, geográficas ou biológicas que afetam os indivíduos, o descaso com o ser. Trata, enfim, de existências, daí a possibilidade de suas variadas interpretações, sentidos e interrogações. Seus personagens, que não se caracterizam dentro de restritas dicotomias como bom, mal, feio ou bonito, herói ou anti-herói, encontram-se numa região longínqua da Amazônia, cada um com suas crenças, descrenças, línguas, linguagens, ideologias, histórias, culturas diferentes. Ali formam elos e conflitos que os unem e distanciam, fazem deles sujeitos abandonados e que abandonam, e cujos efeitos surgem, desaparecem ou permanecem durante o tempo.

Um tempo que não é representado apenas no seu sentido cronométrico ou de temporalidade mas indica também, o sentido de descontinuidade, instante, irrupção. Concepção esta, concebida por Bachelard que pensa o tempo como "realidade descontínua, de porte que o 'agora' não é a ponte entre o antes e o depois, mas corte, ruptura" (Felício 1994:2). Analisemos as seguintes situações:

Em determinado instante da narrativa, o ronco de um bimotor faz a índia Laura Dimas erguer o pescoço para o céu, inserindo-se na lógica dos novos espaços e terras: "jogando ao léu as frestas da sua penetrabilidade". O bispo Dom Matias também ergue o pescoço para olhar a revoada dos pássaros e implora em direção ao sol que virá, ele diz: "Tempo, reduto de mim, larga-me, larga-me, larga-me". Ismael rodeia um monumento público em Manaus simbolizando a abertura dos portos aos outros continentes. Observa a estátua com uma mulher de bronze "**lá no alto**", enquanto os garotos, ao redor,

gargalham do que vêem. Maria Assunção depois de um longo tempo de distanciamento, encontra Rosa Maria e a vê com o pescoço erguido para o alto, tentando que a fumaça de um resto de cigarro alcance o rosto de alguns santos. Maria Assunção, então, sai da igreja, olha o relógio e o sino no alto e, enquanto caminha pensando no tempo, olha a cúpula do teatro tremulando. (Presume-se que ela chora).

Faces erguidas, avião bimotor, abertura dos portos, bronze, catolicismo, deslocamento espacial, Teatro Amazonas; símbolos de uma modernidade tardia e abruptamente introduzida naquela região dos trópicos. Gestos semelhantes de seres diretamente afetados ou envolvidos por esta realidade e que mostram, num instante - "o instante é sempre solitário e o tempo, consciência de uma solidão" (Felício (1994:2) - a desvinculação do homem com o outro, tensões e incomunicabilidade desencadeadas num contexto de enfrentamento e dilema entre o ser humano, suas paixões, a cultura e os efeitos de um transcorrer histórico.

As imagens poéticas não valem pelas raízes libidinosas que escondem mas pelas flores poéticas e míticas que revelam.
(Durand, 1989:29).

Há 500 anos, quando Colombo chegou às Américas, concretizou aquilo que Tzvetan Todorov define como o encontro mais surpreendente da nossa história uma vez que "na descoberta dos outros continentes e dos outros homens não existe, realmente, este

sentimento radical de estranheza" (1982:4). Entretanto, ressalta ele, o mesmo século XVI, o século do encontro, veria perpetrar-se o maior genocídio da história da humanidade. Sabe-se que apesar do Colombo navegador, astrônomo, naturalista, hermenêuta ou descobridor, havia sua faceta de católico profundamente convicto e disposto a pregar o dogma cristão como princípio universal, fato determinante que também o impulsionava à descoberta de novas terras. Extremamente sensível à natureza, ele observava, a olho nu, detalhes imperceptíveis das plantas, dos animais, da vegetação, dos rios. Entretanto, Colombo não foi muito bem sucedido na sua comunicação com os homens com os quais se deparava. Para Todorov, isto ocorreu simplesmente porque o navegador não estava interessado nela: "na hermenêutica de Colombo, os índios, os humanos, não tinham lugar reservado" (Ibid:32). O almirante quase não fazia distinção entre a natureza e os índios, colocando-os como parte de uma série de objetos catalogados para serem enviados à coroa: "tinha descoberto florestas, plantas, frutos, flores e gentes... as raízes ali eram tão grossas quanto as pernas" ... (Ibid:33). O almirante certamente era afetado pela doutrina enraizada na Idade média, que postulava a "impossibilidade da existência de adamas fora do circuito judeu-arábico-cristão e periferia" (Dias, 1986 apud Gondim, 1994:17). "Santo Agostinho em sua Civitas Dei (413-426) admitia a existência de adamas fora da oikoumené mas antropóides não normais" (Ibid).

Apesar destes fatos serem circunstâncias dos homens daquele tempo, é possível assegurar a complexidade instaurada nas relações

comunicativas entre os agentes civilizatórios e os povos ameríndios. Colombo, conforme Todorov, buscava nos textos cristãos as interpretações para o que se passava a seu redor, para explicar e resolver as situações inesperadas do encontro e assim, perdia de vista aquilo que estava exatamente à sua frente: "o outro". Aqueles a quem considerava "bestiais" (Ibid:22) e, portanto, sem necessidade de serem ouvidos: "quando se vê diante de uma língua estrangeira, só há dois comportamentos possíveis e complementares: reconhecer que é uma língua, e recusar-se a aceitar que seja diferente, ou então reconhece a diferença e recusa-se a admitir que seja uma língua" (Ibid:29). Cortar a língua, dar chicotadas, eram penas impostas a quem discordasse do almirante cujos conhecimentos e descobertas, sem nenhuma dúvida, revolucionaram uma época.

Encontro, estranheza, genocídio, discurso de poder, dominação, século XVI. O que personagens como Laura Dimas, Dom Matias, Maria Assunção ou irmã Isabel teriam a ver com isto? Que de tanto existe na canção incompreendida que Rosa Maria canta em praça pública capaz de remetê-la, historicamente, a um século já tão remoto?. É evidente que elas são também personagens de mais uma história do ocidente sobre outras culturas, onde protagonizam situações que demonstram a continuidade e permanência do ranço etnocêntrico que, com base nos valores cristãos ocidentais, secularmente viria abalar os sujeitos envolvidos numa relação aqui apresentada e comumente definida como a de "brancos" e "índios". Ranço etnocêntrico também significa inferiorizar o ser, castigá-lo por suas diferenças, quando não, matá-lo simbolicamente ou

concretamente.

A violência do contato foi um acontecimento traumático na vida de Rosa Maria, conduzindo-a a viver numa missão religiosa. Instituição contraditória, ao mesmo tempo em que combatia os massacres praticados pelas frentes expansionistas às quais os índios estavam completamente vulneráveis, tentava "humanizá-los" através da implantação do discurso cristão como verdade - no sentido de que esta é "lei que **decide, transmite e reproduz**, ao menos em parte, efeitos de poder (Foucault, 1986:180, grifo nosso). Através desta ideologia, as missões religiosas também agiram de maneira violenta provocando etnocídios, como historicamente foi registrado.

As missões católicas que se implantaram no rio Negro, região que tomei como ponto de referência da narrativa, exerceram um forte domínio sobre os índios da região, como ocorreu com outros grupos étnicos. A literatura produzida pelos próprios missionários mostra a sua ideologia etnocêntrica: "Os maiores esforços devem ser dirigidos para a geração mais nova. Para esta a missão do rio Negro procurou criar no mais longínquo da selva amazônica um ambiente de **civilização** onde o indígena vá assimilando, sem o perceber, uma civilização **humana**, cristã e brasileira" (Bruzzi, 1978:17, grifo nosso).

Pesquisas antropológicas documentam as experiências traumáticas impostas aos índios como a proibição dos ritos funerários, o rompimento violento com a vida da aldeia e a imposição daquela do internato, proibição das crenças e outras

modificações que redefinem as relações simbólicas. Tais rupturas obrigatórias refletiam-se na concepção que os índios tinham do mundo, na construção cosmológica, na percepção que tinham de si e dos outros. Jung (1964:20-21) define o símbolo como "um termo, um nome, ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional... Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto imediato. Esta palavra ou esta imagem têm um aspecto "inconsciente" mais amplo... Quando a mente explora um símbolo é conduzida à idéias que **estão fora de alcance da nossa razão**" (Grifo nosso).

As missões salesianas podem ser analisadas dentro da perspectiva de "instituição total" (Goffman, 1961) semelhante à análise feita por Baines (1991) quando tratou da atuação de uma Frente de Atração da Funai junto aos índios Waimiri-Atroari. Neste caso, a linguagem imposta a um grupo indígena levou ao extremo o auto-desprezo e auto-ridicularização levando os índios a aceitar a postura de "não saber". "O que importava era aceitar a ordem de 'não saber' o que não lhes era permitido 'saber' e de 'saber' o que aqueles (funcionários da Funai) que tinham poder permitiam que 'soubessem', impondo uma cosmovisão que desvalorizava sua liberdade de expressar suas observações e valorizava a aceitação das observações da equipe dirigente no seu lugar". (Pág.503).

No Rio Negro, "os padres chegavam inesperadamente às cerimônias de trocas indígenas, queimavam as moradias comunais, os centros rituais da experiência religiosa indígena. Queimavam os

enfeites, expunham e profanavam os instrumentos sagrados. Com ameaças de maior violência, levavam as crianças índias para suas escolas (...) Tiveram suas malocas transformadas em casas de sapé embora as malocas não fossem apenas abrigos, mas local de realização de ritos principais que eram o fio central da vida dos índios e de suas crenças cosmológicas". (Silverwood-Cope, 1990:19).

Acompanhar o percurso de Rosa Maria é visualizar seu corpo e espírito sempre exposto a políticas que objetivavam submetê-la, coagi-la; seu corpo sempre exposto a práticas punitivas, a um controle exercido pelos poderes tanto intitucionais como os disseminados no corpo social onde os próprios dominados o exercem. Poder que se articula num cotidiano onde ele se manifesta através dos castigos físicos, disciplinas punitivas, humilhações, ridicularização, etc... Mas a questão aqui não seria exauri-la - assim como os outros personagens ou o próprio texto - com adequações teóricas. Já existe uma vasta produção acadêmica relacionada aos conflitos provocados pelo contato interétnico, confronto entre classes sociais, ideologias, sistemas políticos e outras possibilidades analíticas que a narrativa oferece.

É um texto que pode ser adaptado à interpretação marxista no que diz respeito à concentração do capital e produção dos batalhões de miseráveis, uma vez que a história abrange o período posterior da decadência econômica no Amazonas, provocada pela queda do ciclo da borracha, até a chamada era moderna, quando os grupos econômicos começaram a penetrar na região. Pode ser lida através da visão psicanalítica Freudiana no que diz respeito aos distúrbios

psíquicos, neuroses ou "mal estar" provocados pela opressão dos instintos ou da libido; a "hostilidade" humana contra uma civilização "produzida pela pressão que esta exerce, pelas renúncias que o instinto exige". (1974:26). Entretanto, para sermos coerentes com o texto e mantendo o máximo de fidelidade e cumplicidade com os personagens, a proposta mais aceitável talvez seja a de se tentar captar a espessura da existência dos personagens, dar sentidos amplos aos sussurros de Laura Dimas, aos silêncios de Rosa Maria e ao seu risco torto feito em um dia de castigo. Seguir os sentidos de sua rota aparentemente transtornada que transformou ou fez seu lirismo perder-se numa temível loucura - " (...) a rajada amorosa, cortante como metralha, provoca a surdez e o temor: crise, convulsão, loucura (...) ora, a este louco nenhuma palavra moderna é dada hoje em dia, e é afinal por isso que ele se sente louco. **Nenhuma linguagem para roubar** - a não ser muito antiga" (Barthes, 1975:110).

A fidelidade teórica não deve nos condicionar a meros passantes que olham para ela e culturalmente a desumanizam. Para isso, talvez seja necessário estilhaçar o imaginário acorrentado e estagnado numa ordem rígida e conservadora; acompanhá-la "fora dos rituais acadêmicos de explicação que, com sua promessa alquímica de apartar o sistema do caos, nada fazem para encrespar a plácida superfície desta ordem natural". Ordem através da qual "em nome do real o poder exerce sua dominação" (Taussig, 1993:15).

Obviamente não queremos com isso, negar as inúmeras possibilidades explicativas do texto, o que seria reforçar "o dogma

romântico da inefabilidade do indivíduo" (Ricoeur, 1976:90), e sim, nos aproximarmos das reflexões feitas por Suzan Sontag no que se refere ao moderno estilo de interpretações que "escava e, à medida que escava, **destrói**; cava 'debaixo' do texto, para encontrar um subtexto que seja verdadeiro". As mais celebradas e influentes doutrinas modernas, diz ela, as de Marx e Freud, em realidade são elaborados sistemas de hermenêutica, "**agressivas e ímpias** teorias da interpretação (...) A interpretação também precisa ser **avaliada no âmbito de uma visão histórica da consciência humana** (...) Em alguns contextos culturais", ela é "um ato que libera. É uma forma de rever, de transpor valores (...) Em outros contextos é reacionária, impertinente, covarde" (1987:15-16). Seguindo o raciocínio da autora, nossa pretensão de explicar o texto não deverá transformar o mundo dos personagens "nesse mundo" - "devemos aprender a ver mais, ouvir mais, sentir mais" - para que possamos, além de absorver, liberar os personagens da condição de meros objetos experimentais sujeitos a determinações castradoras.

É da complexidade do campo religioso que surge Dom Matias Lana, um bispo submisso ao cristianismo e que, ao mesmo tempo, exerce a dominação através do discurso de poder, o definido por Barthes como "todo aquele que gera a culpa e por conseguinte, a culpabilidade de quem o recebe" (1978:11); ele vê a substancialidade do pecado naquilo que era sobretudo o diferente: índios não sacramentados, inconscientes da mácula adâmica, índios que não pronunciavam o português, etc... E assim, dirige uma instituição onde a produção do pecado e de outros valores

dominantes, abalaria a existência de muitas pessoas. Situações sobre as quais ele, aparentemente, não tem consciência. Como na época de Colombo, o encontro se reproduz de forma semelhante ainda neste século, numa região onde eras históricas ainda se entrelaçam indefinidas e conflituosas.

Dom Matias também perde de vista os que o rodeiam, e piedosamente constrói seus índios indolentes e pecadores, os necessitados de penitências e confissões - parece perder-se em si mesmo. Na concepção de Nietzsche, seria o decadente uma vez que o filósofo relaciona a piedade à prática do niilismo: "este instinto depressivo e contagioso viola aqueles instintos que tendem para a conservação e para o alimento do valor da vida; é multiplicador como conservador de todas as misérias, um dos instrumentos principais para o aumento da *décadence* - a piedade persuade ao nada" (1978:18-19). Obviamente, são parâmetros teóricos admissíveis.

Ainda assim, ao não tentar ultrapassá-los¹⁰ poderíamos perder de vista o contradiscurso que os personagens desta história são capazes de produzir à revelia de suas circunstâncias, à revelia

¹⁰ Rita Segato (1992:114) ao tratar do recorte clássico com que a Antropologia Social tem se aproximado da temática religiosa e da "adaptação um tanto reducionista da teoria da interpretação que prevaleceu nos estudos antropológicos" afirma que "essa prática interpretativa conduz a que sacrificuemos uma parte da verdade dos seres humanos retratados em nossos relatos etnográficos, perdendo de vista ou mesmo censurando as evidências que falam de um horizonte íntimo em que ocorre a experiência humana do transcendente. "Mais do que dos limites disciplinares propriamente ditos, os quais são e devem ser permanentemente refeitos, essa censura parece-me decorrer das convenções até agora aceitas para a construção do nosso discurso teórico etnográfico. As mais das vezes, esse tipo de discurso **trai**, por sua inadequação, a experiência que deveria revelar". (Grifo nosso).

de si mesmos. Além de um bispo niilista, submisso e inconseqüente, observemos o que ele diz: "Tempo, reduto de mim, larga-me, larga-me". É possível que ele queira desprender-se de um passado de guerras, de um presente turbulento que o incapacita ao diálogo, a lidar com o afeto e a expulsar Maria Assunção de sua proximidade; ou, de um futuro cujos prenúncios indicam uma penosa solidão que, naquele presente, ele começa a elaborar a si próprio. Seria, ainda de acordo com Nietzsche, "a besta doméstica, a besta do rebento, a enferma besta humana, o **cristão**". (1978:15). De qualquer modo, visualizar seu contradiscurso poético é não nos limitarmos e não limitá-lo a um ser acabado, sem remotidades, sem instâncias recônditas; seria transformá-lo apenas àquilo que a teoria permite, seria enfim, descompensá-lo: "o escasso aproveitamento do mundo é conseguido muito mais através das brechas e dos buracos (...) do que mediante suas partes compactas e reais ou mediante **um ser que satisfaz menos quanto mais se tenta positivá-lo em experiências**". (Cabrera, 1994:383, grifo nosso).

Que a narrativa não se transforme apenas em mais uma história dos vencidos, onde mulheres, inseridas num cotidiano de terror, voltem a ser aprisionadas por interpretações que as tornem apenas presas do medo, de tensões ou conflitos os "sujeitos incompletos", como os textos etnográficos comumente representam as mulheres. "Os antropólogos têm preferido examinar os modelos sociais masculinos ou exprimidos pelos homens, os sujeitos completos socialmente e portanto autorizados para se explicarem, evitando examinar a expressão das mulheres. Harrys e Young (1979), comentam que os

textos não prestam atenção aos modelos sociais expressos pelas mulheres porque os antropólogos, mesmo podendo e desejando assim o fazer, sentem-se obrigados a observar o comportamento correto. Também Moore (1988) sublinha que as mulheres são, para os etnógrafos, "mute groups" pelo fato deles partirem do suposto de que os homens controlam a informação em outras culturas (...) e que, em toda parte, as diferenças de gênero tornam-se desigualdades e conseqüentemente subordinação feminina" (Suárez, 1955: 5-6).

Propomos assim, um acompanhamento ao contradiscurso poético, místico, erótico, simulacral, incógnito ou lúdico - "pois quando um autor faz sonhar os personagens construídos por sua imaginação, segue a experiência cotidiana de que os pensamentos e sentimentos das pessoas têm prosseguimento nos sonhos" (Freud, 1976:18) - que os personagens femininos desta história, impulsionados por suas forças libertárias, foram capazes de produzir num contexto de dominação e violências.

Afinal, Laura Dimas continua a interrogar "onde estão as outras?". Interrogar é transpor. Maria Assunção, apesar das cicatrizes, não perde a força de amar, de buscar completudes, de arrancar de dentro de si mesma afetos que a oprimem - no decorrer da história, à medida que se distancia e visualiza o bispo, ela o mata, mais uma vez se resgatando. E é enquanto morre que transmite uma história, conquistando assim, autoridade - "Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida - e é dessa substância que são feitas as histórias - assumem pela primeira vez uma forma transmissível.

Assim como no interior do agonizante desfilam algumas imagens - visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso - assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre diabo possui ao morrer (...) Na origem da narrativa está essa autoridade" (Benjamim, 1985:207-208).

Mikhail Bakhtin afirma que o autor cria mas não vê sua criação em nenhum outro lugar a não ser no objeto ao qual deu forma. "O autor é a única fonte de energia produtora das formas (...) que se estabiliza em um produto cultural significante" (1992-27-28). Paul Ricoeur adverte que diante de um texto literário resta ao leitor cogitar sobre as intenções do autor, uma vez que esta, assim como sua experiência psíquica são incomunicáveis. E que, embora um texto possa ser interpretado à luz de um conhecimento científico, isto não significa que a "conclusão seja verdadeira" (1976:83-99). É evidente porém, que o autor depende do leitor, de sua capacidade de abstração, seus princípios morais, ideológicos, etc... o que pode fazer de uma escrita muitas outras coisas, inclusive, apenas um texto bem ou mal escrito. Jean-Paul Sartre diz que a leitura é "um ato de generosidade" e o poeta, alguém que está fora da linguagem - **"vê as palavras do avesso, como se não pertencesse à condição humana, e, ao dirigir-se aos homens, logo encontrasse a palavra como uma barreira"** (1989:14).

A barreira da palavra ou do discurso também faz de Rosa Maria uma "desumanizada". Exceto se, pelo menos através das vias ficcionais, seja dada a ela a possibilidade de ser interpretada

não apenas como a alegoria do ser sobre o qual recaíram as truculências de uma época. Mais que isso, como aquela que não temeu buscar-se, que aproximava-se cada vez mais do seu ser e, por isso, ainda é capaz de perguntar sobre a sabedoria que faltou ao saber produzido em um século. A sabedoria cuja escassez apesar dos saberes, desumaniza e transforma a índia que catava embalagens vazias (alguém lembra-se como ocorreu o início desta narrativa?) em um incômodo vestígio.

Penso em Meursault, o personagem criado por Albert Camus ("O Estrangeiro") que não conseguia devolver aos vários poderes - igreja, estado, família, etc... os discursos institucionais exigidos e estilizados. Ao ser interrogado, durante seu julgamento, sobre a causa que o levara a matar dois árabes, o personagem respondeu que havia sido "por causa do sol". As autoridades, que não conseguiram receber o discurso do réu dentro das normas que lhes satisfaziam, ficaram incrédulas diante do que ouviam. O poder se auto-denuncia naquele instante. Membros do júri achavam que o réu zombava e, no entanto, mesmo consciente do seu ridículo, Meursault havia sido extremamente sincero, expressivo e completo em sua explicação, dentro do contexto ao qual a frase surgiu. Mesmo assim, foi condenado.

Meursault era um réu ocidental frente a um tribunal ocidental e estas, são justificativas sobre a narrativa "Era uma vez... Rosa Maria", frente a uma instituição acadêmica. Se corretas, suficientes ou científicas, não cabe, justamente a mim, julgar.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor, 1992 - Minima Moralia. São Paulo: Editora Ática.
- ARENDT, Hannah, 1993 - A Condição Humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária
- ARISTÓTELES - Poética. (Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndice de Eudoro de Souza). Imprensa Nacional\Casa da Moeda. (Estudos gerais: Série Universitária - Clássicos de filosofia.
- BURKE, Peter (org.), 1992 - A escrita da História. São Paulo: Novas Perspectivas.
- BAINES, Stephen Grant, 1988. - "É a FUNAI que sabe": A Frente de Atração Waimiri-Atroari. Tese de doutorado apresentada ao curso de pós-graduação em Antropologia, na Universidade de Brasília.
- BAINES, Stephen Grant, 1991 - Censuras e memórias da pacificação Waimiri-Atroari. Trabalho apresentado para o volume Imagens do Branco na História Indígena, organizado por Bruce Albert e Alcida Ramos.
- BAKHTIN, Mikhail, 1992 - Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda.
- BARTHES, Roland, 1975 - Roland Barthes por Roland Barthes. Lisboa: Edições 70.
- BARTHES, Roland, 1978 - Aula. São Paulo: Editora Cultrix.
- BATAILLE, Georges, 1985 - El erotismo. Barcelona: Tusquets Editores.
- BENJAMIN, Walter, 1985 - Magia e Técnica, Arte e Política (Obras escolhidas). São Paulo: Editora Brasiliense.
- BERTA, G. Ribeiro (coord.), 1980 - Antes o Mundo nao Existia - A mitologia heróica dos índios Dessana. São Paulo: Livraria Cultura Editora.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti, 1992 - A sedução do sagrado. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião.
- BRUZZI, Alcionílio Alves da Silva, 1977 - A Civilização Indígena do Waupés. Itália: Libreria Ateneo Salesiano.
- CABRERA, Julio, 1994 - Wittgenstein, Heidegger e o valor da vida humana - Revista Humanidades. Número 4. Brasília: Editora

UnB.

- CARVALHO, Jorge, 1989 - Nietzsche e xangô: dois mitos do ceticismo e do desmascaramento. Série Antropologia, número 80. Brasília: Departamento de Antropologia da Unb.
- CARVALHO, Jorge, 1993 - O encontro impossível de eco e narciso. Série Antropologia, número 155. Brasília: Departamento de Antropologia da UnB.
- CAMUS, Albert, 1982 - O Estrangeiro. São Paulo: Abril Cultural.
- DE TUPÃ A CRISTO, 1965 - Coleção de textos sobre a atuação da missão salesiana na região do Rio negro.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias, 1995 - As concepções cristã e moderna da pessoa: paradoxo de uma continuidade. Anuário antropológico, número 93. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro.
- FELÍCIO, Vera Lucia, 1994 - A Imaginação Simbólica. São Paulo: IEDUSP.
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues, - Viagem Filosófica ao Rio Negro. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi.
- FOUCAULT, Michel, 1986 - Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda.
- FOUCAULT, Michel, 1977 - Vigiar e Punir. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- FREITAG, Barbara, 1986 - A Teoria Crítica: ontem e hoje. São Paulo: Editora Brasiliense.
- FREUD, Sigmund, 1969 - Atos obsessivos e práticas religiosas - Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. (Pequenas coleções das obras de Freud, livro número 31). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, Sigmund, 1976 - "Grádiva de Jensen e escritores criativos e devaneio". (Pequenas coleções das obras de Freud, livro número 30). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, Sigmund, 1974 - O Futuro de uma ilusão. (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume XXI). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- FREUD, Sigmund, 1969 - Totem e tabu e outros trabalhos. (Obras psicológicas de Freud, volume XIII). Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.
- GONDIM, Neide, 1994 - A Invenção da Amazônia. São paulo: Editora

Marco Zero.

HARVEY, David, 1989 - Condição Pós-Moderna. São Paulo: Edições Loyola.

HARDMAN, Francisco Foot, 1988. - Trem Fantasma. São Paulo: Companhia das Letras.

HEIDEGGER, Martin, 1988 - Ser e Tempo. Petrópolis: Editora Vozes.

JUNG, C.G (org.), 1964 - O Homem e seus símbolos. Tradução: Maria Lúcia Pinho. Editora Nova perspectiva.

MESQUITA, Otoni, 1992 - A Belle époque manauara e sua arquitetura eclética. Dissertação de mestrado submetida à Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Rio de Janeiro.

MOISÉS, Leila Perrone, 1978 - Texto, crítica, escritura. São Paulo: Editora Ática.

NIETZSCHE, Frederico, 1978 - O Anti-Cristo. Rio de Janeiro: Livraria Camões.

NIETZSCHE, Frederico - Assim falava Zaratustra. Lisboa: Guimarães Editores.

NOVAES, Sylvia Caiuby, 1993 - Jogo de Espelhos. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo - Iedusp.

OLIVEIRA, Ana Guita de, 1992 - O Mundo Transformado: Um Estudo da "Cultura de fronteira no Alto Rio Negro". Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília.

RICOEUR, Paul, 1976 - Teoria da Interpretação. Rio de Janeiro: Edições 70, Brasil Ltda.

RICOEUR, Paul, 1978 - O Conflito das Interpretações. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.

SAID, Edward W, 1990 - Orientalismo - O oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda.

SARTRE, Jean Paul, 1989 - Que é a literatura?. São Paulo: Editora Ática.

SEGATO, Rita Laura, 1992 - Um paradoxo do relativismo: o discurso racional da antropologia frente ao sagrado. Publicado na revista Religião e Sociedade, número 16/1-2. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião.

SILVERWOOD-COPE, Peter, 1990 - Os Makú - Povo caçador do noroeste

da Amazônia. Brasília: Editora UnB.

SONTAG, Suzan, 1987 - Contra a Interpretação. Porto Alegre: Editora L&PM.

SUAREZ, Mireya, 1995 - Enfoques feministas e antropologia. Série Antropologia. Brasília: Departamento de Antropologia da UnB.

TAUSSIG, Michael, 1987 - Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A.

TODOROV, Tzvetan, 1991 - A Conquista da América. A Questão do Outro. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.